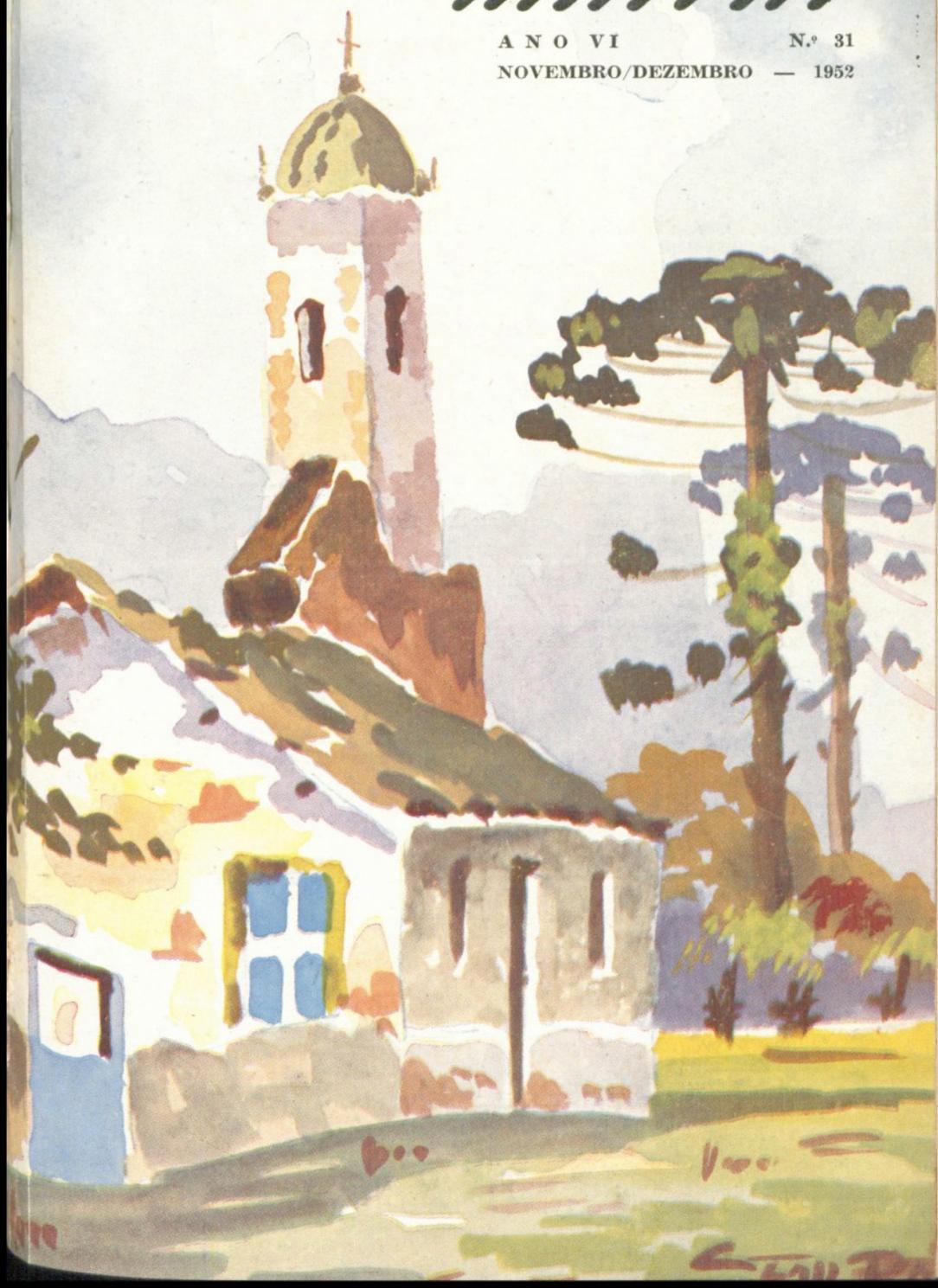


militia

A N O VI

N.º 31

NOVEMBRO/DEZEMBRO — 1952



SUMÁRIO

NOSSA CAPA	118
EDITORIAL - Um Lustro de Existência	5
DIVERSOS	
A Fôrça Pública e o Policiamento - cap. Jaime dos Santos	6
A Nossa Primeira Fôrça Aérea - Olympio R. Coelho	10
Coisas da Fôrça Pública - cel Anchieta Torres	16
Bona Fide - ten. Miguel M. Sendin	20
Gregório de Matos, o Boca do Inferno - ten. Monte Serrat Filho	22
Eu Conduzi um Caminhão do Exército - James U. Stainfirst	28
Uma Solução - cap. Frederico R. Gimenes	32
Bomb'Armá - cap. Acácio R. França	36
Aperturas do ajudante de ordens - cel. Tenório de Brito	38
Viagem ao Velho Mundo - cap. Mesquita de Oliveira	40
Dois Caminhos - Frederico O. P. Barros	45
O conforto - ten. Afro B. Camargo	46
Papel social do oficial - ten. cel. Ari Lopes	48
Reminiscências - ten. Juvenal Paixão Branco	52
Sétima Arte - Ortiz Monteiro	55
Determinação e des. valor pessoal - cap. Rodolpho Assumpção	58
Guarani teórico - cap. Aduato F. Andrade	65
NOTICIÁRIO	
"Militia" sairá mensalmente	67
Regimento de Cavalaria - 60.º aniversário - cap. Plínio D. Monteiro	68
Fonte do encantamento - cap. Bento B. Ferraz	74
Cruz Azul de S. Paulo	84
No Batalhão Policial	88
Oficiais da B.M. Gaúcha em visita à Fôrça Pública	89
General Nerel	90
6.º B.C. - visita de elementos da colônia portuguesa	92
Oficiais da F.P. na Sorbonne e em Saumur	93
NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS	
Espírito Santo	96
Mato Grosso	99
Paraná	103
Rio Grande do Sul	103
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	
Cel. Esteves Gamoeda	106
X. Campeonato Popular de Voleibol	110
Prova "Cap. Pereira"	112
A XVII "Mac-Med" no R.C.	113
Provas de Tiro ao Alvo	114
Iniciativa do Clube Militar	115
RECREAÇÃO	
Seção de Édipo	116

PRESUNTO COZIDO Seleto

TIPO HAMBURGUÊS

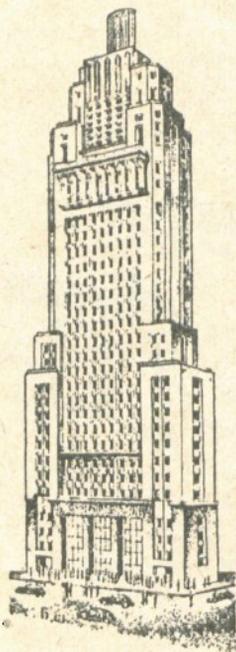
UM PRODUTO
MATARAZZO



E DELICIOSO!

Preparado com uma técnica especial, o Presunto cozido "Seleto", tipo Hamburguês, vem mantendo há anos seu padrão de qualidade perfeita, satisfazendo assim aos mais exigentes paladares!

Banco do Estado de S. Paulo S. A.



oferece aos dignos membros das nossas gloriosas forças policiais e militares brasileiras um

SERVIÇO BANCÁRIO

RÁPIDO

EFICIENTE

SEGURO.

O nosso

DEPARTAMENTO DE DEPÓSITOS,

possuidor de perfeita organização, e dotado das mais modernas máquinas existentes, está habilitado a

RECEBER DEPÓSITOS

ou

PAGAR CHEQUES

dentro de poucos minutos e sem a menor espera !

M A T R I Z :

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

72 agências no interior do Estado de São Paulo, bem como nas cidades de: Rio de Janeiro (D. F.), Goiânia (Goiás), Campo Grande (Mate Grosso) e Uberlândia (Minas Gerais).

UM LUSTRO DE EXISTÊNCIA

Há cinco anos surgia na imprensa paulista uma revista. Apresentando-a, assim se expressava, o cel. Eleutério Brum Ferlich, na época Comandante Geral da Fôrça Pública:

"Acaba de nascer no mundo das revistas, uma criança, filha do Ideal e da Cultura que recebeu o nome bonito de "Militia".

Serão seus padrinhos de batismo o Trabalho e a Tradição".

Sob tão auspiciosa égide, "Militia" cresceu, impondo-se à confiança dos leitores, pela irrepreensível orientação adotada.

Ganhou em extensão, transpondo as fronteiras do Brasil, e em profundidade, pela colaboração de imensos valores das nossas letras. Retratou, fielmente, os acontecimentos que, neste lustro, empolgaram o país.

Acolheu, indistintamente, o pensador e o artista, o prosador e o poeta, o filósofo e o técnico, o oficial e a praça.

Tratou dos problemas da nacionalidade, sob o prisma de sadio patriotismo.

Foi o porta-voz das polícias militares do Brasil, cujas aspirações sempre encontraram pronta ressonância, em suas páginas, e de cujos direitos se tornou impertérrita defensora.

E chegou-se a êsse resultado, graças à convicção de que não se faz uma revista com tinta e papel. E' mister idealismo e ação.

Idealismo, para alimentar os propósitos que a norteiam. Ação, para sustentá-la, sem desfalecimento, na luta renovada de cada dia.

E por último, e não menos importante, que seja autêntica expressão do meio a que se destina, porque esta característica constitui a seiva que lhe nutre a circulação.

Ao completar um lustro de existência, "Militia" se congratula com seus colaboradores, assinantes e amigos, agradecendo a todos que a tornaram prestigioso órgão na imprensa paulista.

A FÔRÇA PÚBLICA E O POLICIAMENTO

PRIMEIRO DE UMA SÉRIE

A FÔRÇA Pública esteve focalizada vivamente, nestas últimas semanas, pela Assembléia Legislativa e pelas emissoras e jornais desta Capital.

Vieram à tona conceitos e sugestões de pessoas de responsabilidade, de tôdas as camadas sociais, traduzindo interêsse sadio e construtivo pela Corporação que há bem mais de cem anos vem servindo, com desprendimento e leal constância, à terra bandeirante.

Significaram, também, êsses debates, existir um problema crucial e profundo, que as autoridades supremas do Estado e do País não têm, ainda, resolvido em suas linhas mestras e mais expressivas, qual o da organização e emprêgo da Milícia no policiamento, em face das Constituições Federal e Estadual, como ainda veremos.

Cada vez que periodicamente, uma faceta mais importante dêsse problema é mais acentuadamente esbatida pela luz forte e violenta de fatos concretos, cruéis e desalentadores, como os inúmeros crimes que a Metrópole Bandeirante vem contemplando angustiada e estarecida, há os atropelos de última hora, os equacionamentos tipo sangria desatada, as opiniões de afogadilho e, como resultado surge a notícia de

que «mais tantos soldados da Fôrça Pública» vão ser empenhados no policiamento da Capital. Isso, concordamos, já é alguma cousa, e é elogiável. Mas será o remédio eficaz, resolutório? Ou será simples paliativo?

Ressalta porventura, dessa solução, o indício siquer de que o problema já foi resolvido? Transluz, daí, a certeza de que foram assentadas as bases de onde ressurgirá, em outros moldes adequados aos problemas atuais, uma nova Fôrça Pública, eminentemente fiel à lei e disciplinada com a de hoje? E de que, constantemente e na medida do requerido, sem necessidade de inquietações e medidas de emergência, o Estado terá seus policiais militares, perfeitamente adestrados, fornecidos pela sua veterana e leal sentinela?

Cremos que não. As coisas permanecem exatamente como estavam. Apenas, com modificações de superfície. Estas não atingem as raízes do êrro de organização, nem chegam mesmo a arranhar, a delimitar as essências últimas da questão. A azáfama verificada nessas ocasiões evidencia menos a operosidade eficiente que o anátoma da improvisação e da imprevidência.

Antes, porém, de apreciarmos tão momentoso assunto, recuemos no

tempo a fim de, com ligeiro retrospecto, compreendermos melhor, e respeitá-los, os contrastes do presente.

AS MISSÕES HISTÓRICAS DA FORÇA PÚBLICA

O Presidente da Província de São Paulo, ante a impossibilidade de manter a ordem em virtude do rair de tropas de linha e da indisciplina e frouxidão de hábitos reinantes na época, criou, a 15 de dezembro de 1831, um pequeno Corpo de Municipais Permanentes, para suprir as primeiras necessidades de policiamento.

A lei de 10 de outubro de 1831 que estendeu às províncias a organização das guardas permanentes, e na qual se baseou a criação daquele Corpo, constitui o monumento basilar das polícias militares estaduais. Como bem acentua o Capitão Dr. José Nogueira Sampaio, em seu bem elaborado trabalho sobre a «Fundação da Fôrça Pública de São Paulo», ela «nasceu da desordem, despontou daquele período supremo que por pouco não esborôa os interesses da nacionalidade, surgiu daquele ambiente tempestuoso, de desencontro de paixões desvairadas, que Afonso Arinos de Melo Franco formosamente definiu como — verdadeira crise de adolescência no Brasil.»

Originou-se a Fôrça Pública, portanto, da imperiosa necessidade do policiamento, em época de verdadeira efervescência social. Cumpriu sua missão histórica não só nessa época, como em tôdas as outras em que o Estado e mesmo o País, no Império ou na República, apelaram ao seu espírito de sacrifício e à sua pronta disciplina.



Assim foi nas guerras dos Farrapos e do Paraguai, revolução liberal de São Paulo e Minas, Campanha de Canudos, revoluções de 1924, 1930, 1932 e a segunda guerra mundial em que, especificamente, a guarda territorial do Estado, compreendendo todos os seus pontos mais importantes, do litoral e do interior, esteve atribuída a destacamentos da Fôrça Pública, em missões árduas e quase sempre arriscadas.

Houve períodos, como vemos acima, em que a disciplinada tropa da Milícia, pelo seu adiestramento e eficiência, passou a desempenhar missões fora mesmo do Estado. Serviu ao País noutros rincões. E' evidente que se assim aconteceu, imperativos superiores, de ordem nacional, o impuseram. Foi então contratada a notável Missão Francesa, cujos oficiais, de altos méritos, estruturaram em bases racionais, e instruíram com raro zelo, a polícia militar paulista, por vários e frutíferos anos. E os efeitos dêsse carinho

especial do Governo estadual pela sua tropa, perduram até hoje.

É certo, também, que nos anais da história, estão consignados o valor e a fibra da tropa da Milícia Bandeirante. Não só isso. Uma voz altaneira e preciosa ergueu-se por tôda a Nação, proclamando, após inspecção e estudos que fêz da Fôrça Pública, o seu alto padrão de eficiência e de perfeita disciplina. Foi o grande Rui Barboça.

As maiores personalidades estrangeiras visitavam os quartéis da Fôrça Pública onde deixavam consignados, não com meras frases de protocolo, mas com vibrações de inesperada surpresa, a sua admiração pelo que testemunhavam.

Não é preciso rebuscar arquivos, pesquisar in-fólios, para concluir de plano, que a Milícia teve sua estrutura sempre subordinada às exigências do Estado. Podemos dizer mais: quando a Pátria não se apresentava ainda aparelhada militarmente, como hoje, a tropa de Piratininga sobrepujou-se, transpôs fronteiras, não mediu sacrifícios e foi servi-la. É inegável, também, que a organização, para essa fase histórica, tinha de ser a militar, superando mesmo, às vêzes, em alguns períodos, a policial.

Convém ressaltar que, até 1924, prestava a Corporação e só ela, todo o policiamento ao Estado, sempre com padrão de eficiência e honestidade nunca desmentidos. A formação militar era cuidada com esmero, visando especificamente os

princípios gerais de subordinação e enquadramento, sem prejuízo da habilitação para o policiamento. A instrução militar não era um fim, e sim um meio de preparar o homem para a espinhosa função de policial, dando-lhe profunda consciência do cumprimento do dever, da pontualidade, execução de ordens, espírito de sacrificio, senso de trabalho em equipe, etc. O ponto fundamental visado, foi sempre o seguinte: não é possível burocratizar, funcionalizar a policia fardada. Esta deve sobrepôr os interesses da sociedade aos do individuo. Não é possível o policial apresentar — o verdadeiro policial — ante o imperativo do cumprimento duma ordem necessária, num momento de crise, quaisquer argumentações de caráter individualista. Isto só a mística da formação militar bem cuidada consegue.

Com êsse critério, seguindo êsse alvo supremo do cumprimento do dever, a Fôrça Pública muito tem servido a São Paulo e ao Brasil. Enquadrou-se ela, com justeza, nos versos do poeta:

Por vos servir a tudo aparelha-
[dos;

De vós tão longe, sempre obe-
[dientes;

A quaisquer vossos ásperos man-
[dados,

sem dar resposta, prontos e con-
[tentes.

INCONFUNDIVEL!



Cerveja

FAIXA AZUL
de ANTARCTICA



Real

A NOSSA PRIMEIRA FÔRÇA AÉREA

QUANDO o Marechal Caxias resolveu, durante o período mais crítico da Guerra do Paraguai, encomendar balões aerostáticos para estudar as linhas inimigas, cuja disposição constituía um enigma para as nossas fôrças imobilizadas nos pantanais do Estero Belaco, não devia, por certo, ignorar que, naquela ocasião, inaugurava na América do Sul o emprêgo de tais aparelhos em operações de guerra.

O prodigioso invento de Bartolomeu de Gusmão, não obstante a precariedade de sua construção na época, viria a ser um poderoso auxiliar dos nossos bravos soldados naquela cruenta campanha que se arastava por cêrca de três anos.

Segundo F. Marion, balões aerostáticos munidos de um dispositivo automático, foram usados pelos austríacos no cêrco de Veneza em 1849, com a finalidade de lançar explosivos sôbre os sitiados. A emprêza, segundo o autor, foi funesta aos austríacos porquanto, logo nas primeiras tentativas, correntes aéreas desfavoráveis fizeram com que as bombas caíssem sôbre os sitiados.

Contrariando esta asserção, Lílias A. Rodrigues dá uma feição muito diversa ao acontecimento. Este autor diz que nessa ocasião os austríacos usaram na citada operação de sitio cêrca de 200 balões de papel que, sobrevoando Veneza, ali

OLYMPIO R. COELHO

Ilustração de ELMANO HENRIQUE

deixaram cair bombas explosivas que, causaram um pânico imenso no seio da guarnição e dos habitantes, abatendo-lhes o moral.

Na guerra da Secessão Norte-Americana também foram usados balões cativos pelas tropas federais, como auxiliares eficazes na exploração das linhas sulistas.

Posteriormente à nossa luta com o Paraguai na Guerra Franco-Prussiana de 1870-71, foram feitas, por parte dos francêses sitiados na sua gloriosa Paris, mais de cinqüenta ascensões em balões livres, o que lhes possibilitou manter uma regular comunicação postal com o Sul e Oeste da França, expedindo-se nessa ocasião mais de nove mil quilos de correspondência, além dos bombos-correio para o serviço de retôrno. Digno de nota é o vôo de Gambeta sôbre as linhas prussianas de assédio, em direção à província, onde iria tentar elevar o moral de seus compatriotas e promover a resistência ao invasor.

Antes de nos referirmos ao emprêgo dos aeróstatos nos campos de Tuiuti, faremos ligeiro retrospecto sôbre as operações militares que precederam à chegada das nossas



"A primeira ascensão realizou-se no dia 24 de junho de 1867, tendo o balão atingido a altura de 250 metros, amarrado a cordas, na extremidade das quais seguravam soldados".

fôrças à borda do pantanal que, por tanto tempo, impediu o avanço dos exércitos aliados.

Atacando de surpresa o Brasil, fácil foi a Solano Lopez ocupar grande parte de Mato-Grosso e, através do Território das Missões, violando acintosamente a neutralidade argentina, tomar as praças de

São Borja, Itaqui e Uruguaiana. Refazendo-se da surpresa, reagiram as valorosas tropas imperiais que, atravessando a «marche-marche» o território oriental e gaúcho, após a ocupação de Montevidéu, onde desagravariam os ultrajes feitos ao nosso pavilhão, foram encurrular, na última daquelas praças, o general Es-

tigarribia com 6.000 soldados e oficiais.

No Iatai as forças da Aliança, antes do malôgro de Estigarribia, desbarataram o contingente do major Duarte que marchava pela margem direita do rio Uruguai. Neste primeiro choque de vulto, em terra, entre as forças antagonistas, muito embora não faça a maioria dos historiadores referência à presença dos brasileiros, teve atuação destacada a brigada do coronel Coelho Kelly, conforme lemos em Schneider, em seu livro «A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai».

Retirando-se para o Norte, após uma série de revêzes em terra e a esmagadora derrota de sua esquadra na memorável batalha naval do Riachuelo, onde Barroso se cobriu de glória, repassaram os paraguaios o rio Paraná, concentrando-se nas imediações de Itapua, Estero-Belaco e Passo da Pátria.

Ali desembarcou o bravo Osório, formando a vanguarda das forças aliadas à frente de um piquete de 20 soldados brasileiros, explorando o caminho para o avanço do grosso das forças. Batalhou-se duramente no dia 16 de abril de 1866. Tomou-se o forte de Itapiru e empurrou-se o inimigo mais para o interior.

A 24 de maio do mesmo ano, cerca de 20.000 paraguaios atacaram os aliados, mas estes, tendo, como sempre, à frente o legendário Osório, aureolado pela sua indômita bravura, sustentam com denôdo a refrega. Ao cair da tarde, após a maior batalha campal da América do Sul, onde o inimigo, justiça seja

feita, portou-se com extrema bravura, ficamos senhores do campo.

Não obstante essa vitória, a ignorância da natureza do terreno diante das linhas de Tuiuti deveria custar-nos dolorosíssimas perdas em virtude da pestilência da região e dos constantes entreveros e um malbaratar de tempo que se prolongaria até julho de 1867.

Naquela emergência, somente uma exploração do alto, fazendo-se uso de balões cativos, poderia proporcionar ao comando das forças da Aliança os elementos necessários para avaliar a situação do terreno até uma distância acima de Humaitá, pois era intenção de Caxias, não só safar-se da incômoda posição de Tuiuti, como também contornar essa fortaleza considerada inexpugnável e levar os nossos soldados até Tagi, tentando separar a capital do Paraguai do seu mais forte baluarte.

Ao senhor Louis Desiré Doyen, especialista em aerostática, foi encomendado o primeiro balão que, segundo Lísias Rodrigues, em sua «História da Conquista do Ar», não chegou a entrar em ação de vez que em Tuiuti, ao ser preparado, teve a tela de revestimento causticada pela má qualidade de verniz com que Doyen pretendeu impermeabilizá-lo. O aeronauta foi obrigado a regressar ao Rio e, sem delongas, foi dispensado da sua missão, o que lhe teria causado profundo aborrecimento.

Aos irmãos Allen, norte-americanos, estava reservada a tarefa do emprêgo eficiente de aerostatos naquela emergência. Chegaram eles ao Passo da Pátria em maio de 1867,

com todo o aparelhamento encaixotado e referente a dois balões completos e dali foram transportados por viaturas até próximo às linhas brasileiras, no dia 31.

Tal acontecimento provocou intensa curiosidade entre os soldados ávidos por quebrar a seqüência de dias que se escoavam no meio de tiroteios e sortidas recíprocas. Combatentes vieram, furtivamente, de setores bem afastados para assistir aos preparativos de subida.

A primeira ascensão realizou-se no dia 24 de junho de 1867, tendo o balão atingido a altura de 250 metros, amarrado a cordas na extremidade das quais seguravam soldados. Ocuparam o lugar na barquinha, além de um dos irmãos Allen, o major Robertó Chodarsiewicz, polonês, contratado pelos brasileiros e um guia paraguaio adversário político de Lopes. Entretanto, o denso nevoeiro que envolvia, naquela hora, quase tôda a região do pantanal, impediu, de pronto, um estudo eficiente das linhas guaraní. Em consequência, outras ascensões foram feitas nos dias 8, 12 e 20 de julho, tendo tomado parte os oficiais brasileiros, capitão de Estado Maior de 1.ª classe, Francisco Cesar da Silva Amaral e capitães Amarantes, Conrado de Niemeyer e Madureira. Numa destas ascensões o aeróstato foi deslocado cêrca de 10 quilômetros para a esquerda da posição principal. Num «croquis» organizado pelo capitão Amaral delineou-se uma grande parte das linhas paraguaias em frente ao setor do comando do general Argolo.

Veteranos do Paraguai contavam que tomou parte numa das as-

cenções o então 1.º tenente Benjamim Constant Botelho de Magalhães.

O aparecimento de tais engenhos nos céus de Tuiuti causou um pânico indescritível nas linhas contrárias. As bermas dos fossos paraguaios avermelharam-se de fardamentos dos soldados espantados com o aparecimento daquelas bolas descomunais que, nas linhas contrárias se movimentavam de cima para baixo, da direita para a esquerda. Aqueles rudes e valentes soldados, que viviam segregados da civilização, vítimas do despotismo de seu chefe, não podiam atinar como pudessem subir ao alto aquêles globos enormes. Julgaram que o cólera, a insidiosa moléstia que ceifava igualmente aliados e paraguaios, fôsse causada por tão estapafúrdios objetos. Alguns soldados paraguaios, desesperados alvejaram os balões com as suas espingardas de perderneira.

Gustavo Barroso no seu precioso livro «A Guerra do Lopes», narrando de forma atraente os incidentes ocasionados pelo aparecimento inesperado dos balões em Tuiuti, figura uma sentinela paraguaia, dirigindo-se ao seu comandante nos seguintes termos: «Karai ambaé, morubixababa guassú, akakua ou memê! ou memê!» que traduzido em português seria: «Comandante uma coisa descomunal aumentando e caminhando para aqui».

Da altura alcançada pelos aeróstatos avistavam-se os baluartes de Curuzu, Curupaiti e Humaitá e, acontecimento que deve ter causado profunda comoção aos nossos oficiais, os mastros e chaminés fumegantes dos nossos navios postados nas pro-

ximidades da segunda daquelas fortificações.

Baseado nos estudos e observações feitas, Caxias julgou possível efetuar uma marcha de flanco até acima de Humaitá, contornando o famoso quadrilátero.

Com a chegada de Osório ao campo de Tuiuti, à frente de 6.000 homens de tropas rio-grandenses, contingente que formava o nosso terceiro corpo de exército, deu o Marquês de Caxias ordem de marcha aos Exércitos Aliados.

A 22 de julho de 1867, de madrugada, rompe a vanguarda o bravo Osório, comandando 5.000 homens de cavalaria. Logo após seguiu a infantaria, varando os soldados por atoleiros com água até a cintura, levantando as cartucheiras para não se molhar a munição! Podemos avaliar o sacrifício dos nossos homens metidos o dia todo dentro da água, naquele frio dia do mês de julho!

Naquela tarde de 22, chegava o comandante brasileiro à frente das forças aliadas, em terra firme no outro lado do pantanal, ocupando Tuiui-Cuê e São Solano. Um regimento de cavalaria brasileira dava de beber às suas montarias no arroio Hondo e cortava, a seguir, os fios telegráficos que ligavam a famosa fortaleza à capital de Lopez.

O balão, munido de um aparelho de sinais, punha Caxias em constante comunicação com o general Marques de Souza, Conde de Pôrto Alegre, que ficara guarnecendo o campo entrincheirado de Tuiuti.

A 16 de agosto novas ascensões foram feitas pelos oficiais brasileiros na frente de Tuiui-Cuê, num dos flancos de Humaitá, colhendo o capitão

Amaral valiosíssimas informações sobre a disposição do tão decantado baluarte. A 24 de setembro fêz-se a última ascensão, esta com o segundo balão, trocando-se ainda sinais entre os comandos brasileiros de Tuiui-Cuê e Tuiuti.

Em dezembro de 1867, Mena Barreto, à frente de 400 homens a cavalo, num golpe feliz e audacioso, ocupou Tagi, ponto situado sobre o rio Paraguai, para onde foram levadas por terra algumas pequenas embarcações para o serviço de patrulhamento.

Conseguira-se muito e, realmente, o efeito moral dessa magnífica operação de flanco foi imenso. A tropa, como em Iatai, Uruguaiana e Tuiuti, via nos seus chefes, aqueles que os conduziriam com segurança a um desfêcho feliz e honroso da campanha.

Com a interrupção da linha telegráfica e a instalação de algumas baterias de grosso calibre nas barrancas de Tagi, precária se tornou a situação das forças paraguaias que guarneciam Humaitá.

Entretanto, o bloqueio completo com a conseqüente rendição do baluarte, só foi possível depois da famosa passagem efetuada pela nossa esquadra ao mando do bravo Visconde de Inhauma.

Depois de 24 de setembro de 1867, data da última ascensão, não mais fazem os documentos oficiais, referência ao emprêgo dos balões que tão bem provaram na exploração do terreno do outro lado do Estero-Belaco. E não faltaram, no decorrer da campanha que se prolongou até 1.º de março de 1870, ocasiões para o seu emprêgo. Após a

ocupação de Assunção, quando o nosso exército esteve estacionado em Piraiú, Taquaral e outras localidades à ilharga das Cordilheiras, as explorações foram difíceis para ajuizar sobre a disposição das bases de Ascurra, Cerro Leon e outras no alto da elevação.

No fim de setembro de 1867, em virtude das más condições atmosféricas e da dificuldade da produção do gás necessário aos aparelhos, em tais circunstâncias, deu o Marquês de Caxias ordem aos Irmãos Allen para se recolherem a Tuiuti com todo o material.

A 7 de janeiro de 1868 embarcaram os aeronautas no Passo da Pátria a bordo do vapor «Alice» que os transportou ao Rio de Janeiro.

Em officio enviado de Tuiuti-Cuê ao Conselheiro João Lustoza da Cunha Paranaguá, ministro da Guerra, dizia o Marquês: «Relativamente aos Irmãos Allen, cumpre-me o dever de informar que eles cumpriram bem o seu dever aqui...».

Não obstante serem os balões cativos considerados velharias, em nossa época, e muito restritamente

serem usados em operações de guerra, quando os modernos aviões a jato superam a velocidade do som, nem por isso devemos subestimar a decisão do comando brasileiro nessa campanha, lançando mão de tais engenhos para estudar o campo inimigo.

Empenharam-se os filhos deste grande Brasil, com todo o ardor, para levar a bom termo uma campanha da qual não foram causadores, não medindo sacrificios de ordem material e espiritual. E eles foram daqui para enfrentar as asperezas de uma luta a mil léguas de seus lares!

As ações da nossa Terra sempre se nortearam nos sagrados princípios de moral e de justiça.

Lamentável é que uma parte da imprensa européia e norte-americana da época, censurasse o nosso procedimento, pretendendo ver na marcha dos nossos exércitos, um ato de violência e arbitrariedade.

Os fatos, porém, se encarregaram de destruir a maledicência e apontar ao Mundo o lado onde estava a razão.

Se você deseja obter qualquer das fotos insertas nesta revista, procure:

FOTO "DUQUE DE CAXIAS"

Especialista em reportagens fotográficas militares, policiais e esportivas.

Rua Libero Badaró, 651 — 2.º andar — São Paulo

COISAS DA FÔRÇA PÚBLICA

Cel. Anchieta Torres

PARADAS MILITARES

MEIO mais prático de uma tropa mostrar sua eficiência, sua disciplina, seu aprumo, enfim, é a Parada Militar. Com as paradas militares colhem-se dois frutos: comemora-se uma data histórica e mostra-se ao povo o preparo de sua tropa, tropa que é por êle paga e

co estardalhaço. Hoje diríamos: dramaticamente. Em seguida vieram os lamentáveis acontecimentos do Quartel da Luz, nos quais perderam a vida o ilustre oficial francês, cel. Negrel, e o não menos ilustre oficial da Fôrça Pública, alferes Magalhães.



O Presidente do Estado passa em revista a tropa de infantaria, numa parada realizada no Prado da Moóca.

que êle não vê senão nessas ocasiões de festa. O serviço mais árduo, aquêle de cada dia, passa-lhe despercebido.

Foi por isso que a Missão Militar Francesa, ao tomar a si a incumbência de instruir nossa Fôrça Pública, cogitou logo de realizar paradas militares a fim de mostrar ao povo o fruto do seu trabalho, principalmente por não ter encontrado entre nós ambiente muito propício. Todos a combatiam e a reação partiu do próprio comandante geral, oficial reformado do Exército, o qual, sentindo-se ferido em seus brios nacionalistas, exonerou-se não sem pou-

O povo, em sua quase totalidade, hâbilmente explorado pela imprensa desta Capital e do Rio, não compreendia o porquê da vinda de uma missão estrangeira, renegando-se a "prata da casa".

O Govêrno do Estado dava, porém, todo o apôio à missão contratada e seus membros, superiormente orientados pelo cel. Balagny, prosseguiram impavida-mente na rota que se haviam traçado.

A tropa aos poucos foi se transformando. A disciplina melhorou e o aspecto da soldadesca dentro dos novos uniformes já se fazia notar. Era



A cavalaria aguarda a vez de executar sua parte nas demonstrações preciso, no entanto, dar uma demonstração pública da eficiência dos métodos adotados.

Nossos mestres eram, porém, previdentes. Queriam, antes de mostrar o fruto do seu trabalho ao grande público, experimentá-lo em ambiente mais íntimo, digamos. E o local escolhido para essa primeira demonstração pública do preparo da tropa de São Paulo, foi justamente o campo de manobras do Canindé.

No dia 15 de novembro de 1906, oito meses depois da chegada da missão, a tropa ostentando o novo uniforme de gala, armada com modernos fuzis "Mauser", realizou a primeira de uma série de paradas que se tornaram tradicionais: — as paradas de 15 de novembro.

Nesta primeira apresentação da tropa, feita sem muita publicidade e num ambiente por assim dizer familiar, formaram apenas o 1.º Btl. e o corpo de cavalaria, as primeiras unidades instruídas.

A tropa saiu-se bem da prova a que fôra submetida. Podia, sem nenhum risco, ser apresentada ao povo de São Paulo. Restava a escolha do local, que deveria oferecer comodidade à assistência e que fôsse bastante amplo para que a tropa manobrasse desembaraçadamente. Finalmente foi escolhido o Prado da Moóca que, por muitos anos, seria o local de apresentação da Fôrça Pública.

A primeira parada ali realizada foi a 15 de novembro de 1907 e sôbre ela assim se manifestou o consagrado escritor Coelho Neto, o príncipe dos prosadores brasileiros, em artigo escrito para o "Correio Paulistano":—

"Na revista de 15 de novembro, a que tive a fortuna de assistir, o povo paulista gozou, com justo orgulho, um dos mais bellos espetaculos que se têm visto naquella terra de atividade incessante e de inteligente esforço. A parada no campo do Jockey Club, em presença de mais de 10 mil pessoas, ape-

sar da manhã fresca, nublada, foi um deslumbramento.

Desde 8 e meia a grande massa de povo que os trens, os bondes, os automóveis despejavam a todo o momento, esperava, com ancia mal contida, a chegada da tropa. Eram nove horas quando, ao som da marcha "défiler", entrecortada, em rebate heroico, pelos cornetas e pelas caixas, a Força Publica entrou no campo precedida pela banda e pela fanfarra, vindo, logo em seguida, o coronel Balagny, chefe da missão francesa, o capitão La Brousse, o comandante Pedro Arbues e o seu estado-maior.

A desfilada pela frente da arquibancada foi irreprehenivel. O corpo de infantaria, bombeiros e uma companhia de recrutas, tomaram posição. Por ultimo a cavallaria, em dois esquadrões, desenvolveu-se ao fundo — as lanças apoiadas no cachimbo, com as flâmulas auri-verdes palpitando ao vento, cintilavam. No espaço que separava os esquadrões, a alguma distancia da bandeira, os officiais e, entre elles, resplandecendo, a nítida couraça do capitão Statt Muller, instrutor.

Depois das continencias, começaram as evoluções, executadas com precisão mecanica. Ao reluzir da espada do commando, ao sinal do apito do capitão La-Brousse, moviam-se os soldados, fileiras cerrando-se em quadrado, avançando, recuando. Os movimentos do sargento instrutor eram reproduzidos pelos infantes com a fidelidade e o instantaneo dos reflexos.

Um rumor subiu: moveram-se os braços em gesto isocrono — e houve um silencio maior na atenta imobilidade. Á voz de "calar baioneta" um rápido rebrilho fulgurou na turba, depois um

ruido sêco e as armas alumiarão acesas. Seguiu-se o exercicio de esgrima, de uma correção absoluta, revelando mais que disciplina, capricho, em todos os passes, e o povo, cuja emoção mal se continha, rompeu em frenéticos applausos e, ao troar das palmas, respondia, ao longe, já com o resplendor do sol que rompera as nuvens, fazendo lampejar o aceiro e dando mais vida ao espetáculo, o clangor da banda executando o hymno, enquanto as cornetas alçadas pareciam tremer à claridade, e toda a força pertilada mantinha-se em "braço arma".

Mas quando os infantes, formando em pelotões, passaram em acelerado dirigindo-se a um dos extremos do campo o delirio tocou ao auge e na "pelouse", nas arquibancadas, em todos os pontos do recinto, os vivas atroavam, e o entusiasmo não arrefeceu porque mal o ultimo pelotão deixou o terreno livre, logo a cavallaria avançou de onde permanecia, com os ginetes caracolando como em fantasia, evoluindo em contra-marchas, ao som claro e marcial dos clarins.

Por fim, estirando-se em fila, rompeu a trote, apressou os animais, lançando-os a galope e numa arrancada, investiu em passo de carga com estropeada ritmica, estacando subito ante a tribuna presidencial com as lanças altas, as espadas abatidas em continencia e um hurrah! trovejou.

Nesse instante, na "pelouse" um homem do povo, eletrizado, levantou um viva à República e, durante um momento, ressoaram as palmas com que comovidamente a multidão vitoriava a força.

E assim mudou-se em entusiasmo o retrahido despeito que havia em al-

guns espiritos contra o que parecia uma affronta aos nossos brios”.

Essa foi a primeira parada da Fôrça Pública, realizada naquele local. Cada ano que se passava, à medida que iam sendo instruídos outros corpos, uma ou outra novidade era apresentada ao paulistano. Assim, o comando da tropa em formatura, que a princípio fôra atri-

estava munido, delineando no campo o pavilhão nacional, ao qual não faltaram as estrêlas, representadas pelos instrumentos metálicos da banda de música, cujos elementos elevaram também uma faixa branca com o lema “ORDEM E PROGRESSO”. Foi um sucesso.

Não menor foi o da parada do ano seguinte, quando a tropa, ao se deslo-



A banda de clarins, quando dirigida pelo clarim-mór, Salvador Pires da Silva

buido ao comandante do 1.º Btl., ten. cel. Pedro Arbues Rodrigues Xavier, mais tarde, já no comando do cel. Antônio Batista da Luz, passou a ser exercido pelo próprio comandante geral.

Os conjuntos de esgrima de baioneta e de boxe savate executados por um batalhão apenas, chegaram a sê-lo por cinco, tudo no maior sincronismo, sem nenhuma discrepância.

Lá por 1914 ou 15 foi o boxe substituído pela ginástica de conjunto, com o mesmo sucesso. Em 16, uma novidade: após a execução dos conjuntos de esgrima e de ginástica, a tropa evoluiu formando um retângulo e a um sinal de apito, cada soldado ergueu uma bandeira verde-amarela-azul, com que

car em acelerado para o lado esquerdo do campo, formou com bandeirolas pretas e brancas, ajustadas à boca dos fuzís, a “bandeira das treze listras”, aquela que mais tarde seria oficializada como a bandeira de São Paulo. A última parada realizada no Prado da Moóca, foi a de 1927.

Em 1928, um novo comandante da Fôrça Pública entendeu de mudar o dia e o local das paradas da Fôrça Pública.

Encerrou-se, assim, a série de paradas militares no Prado da Moóca, paradas a que o povo se habituara e que traziam a São Paulo forasteiros não só do interior como de muitos Estados da Federação.

BONA FIDE

Ten. Miguel M. Sendim

"Na tarde de ontem, apresentou-se...". Eis o início de uma nota policial, publicada na "Folha da Manhã" e que interessa a todos nós.

Trata-se da velha tecla, dedilhada diariamente pelo "sargentão" — "nenhum criminoso merece confiança". Mas, assim como "velhos contos" servem para "novos otários", também a "bona fide" do policial continuará beneficiando os criminosos, enquanto eles existirem.

Mas voltemos às reticências — depois delas vem o nome dos delegados, demais personagens e cenário completo — e contemos a história.

O dia 13 é mesmo azarado, e com aquêlê calor a idéia mais brilhante e satisfatória é passar o "abacaxi", com casca e tudo, está claro. Foi o que fez o nosso herói quando a ordenança entrou dizendo:

— Dr., tem um sujeito dizendo que matou o patrão.

— Mande entrar, deve ser algum doido.

— Pronto dr., é êste aqui.

— Cidadão, o senhor tem certeza que o homem morreu mesmo?

— Ora, se tenho, até os jornais já publicaram.

— Então dê seu nome, filiação, etc., aí ao escrivão, e conte o caso.

— Meu nome é Bene... (bem, o santo não interessa).

Enquanto o criminoso falava e a máquina ia registrando a confissão, rui-

dosamente, o dr. parecia pensar em algo bem mais romântico.

De repente, porém, estendeu o braço como se fôsse o policial do cruzamento, sem apitar, é claro, e gritou: — O que foi que êle disse? Avenida o que?

— Cida..., dr.

— Espere um momento, vou olhar o mapa.

— Evidentemente, disse o delegado com ênfase, o senhor está mal informado. O fato delituoso, cuja autoria acaba de confessar, teve como teatro um local fora da minha jurisdição.

Ouviu-se como que um ruído de avião a jato. Era o escrivão tirando o papel da máquina, com um sorriso de satisfação, pois ainda estava na primeira folha.

Um minuto de silêncio amortalhou o "caso", e o prêso perguntou:

— E agora, dr.?

— Agora o senhor se apresente ao meu colega, bacharel Geral..., titular da circunscrição em que se consumou o delito, e êle tomará as providências, conforme estabelece o Código Penal, o Código do Processo, etc.

O coitado não entendeu nada, porém, aquelas palavras bonitas trouxeram-lhe à memória outras que ouvira num comício: "Errare humanum est".

E como não quis errar outra vez, a notícia da "Folha da Manhã" termina assim: "Êle, porém, não se apresentou mais à polícia; seu paradeiro é agora desconhecido".

José Silva - Tecidos, S. A.

(Casa fundada em 1885)



End. Telegráfico «SILVIUS»

CAIXA POSTAL, 445

TEL. 43-23-95 (REDE)

RIO DE JANEIRO, D. F.

TECIDOS E ARTEFATOS DE TECIDOS EM GERAL
— IMPORTADORES E EXPORTADORES —

FORNECEDORES DAS FÔRÇAS ARMADAS, INCLUSIVE
DA FÔRÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

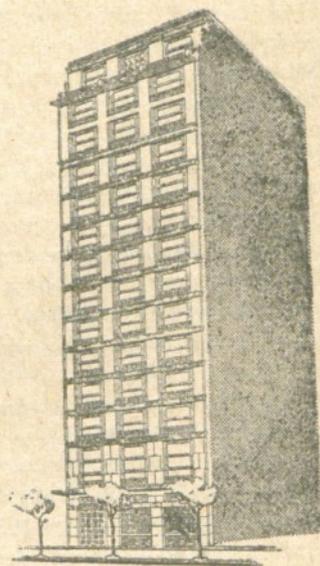
Departamento de vendas
em SÃO PAULO (Capital)

Av. Nova Anhangabaú, 702-3.º, Sala 32

Caixa Postal, 3021 —

En. Telegráfico, "SILVIUS"

Telefone: 33-2662



Sede no Rio de Janeiro

GREGÓRIO DE MATOS, O «BÔCA DO INFERNO»

Poeta de sentimentos nativistas e satirizador dos costumes do
Brasil-Colônia dos fins do século XVII

Na literatura brasileira dos fins do século XVII, destaca-se entre os poetas nacionais, qual fôsse frondosa árvore em campo de macega rala, a figura, temida e malquista por todos, de Gregório de Matos Guerra, cognominado pelos contemporâneos de «O bôca do inferno». Veremos mais adiante da razão do epíteto com que o presentearam aqueles que não puderam silenciar sua irreverente musa, com ameaças, prisões e nem mesmo com o degrêdo.

Nascido na Bahia no ano de 1633, de pai fidalgo e mãe de abastada família, passou os primeiros anos da existência, em liberdade entre as crias dos escravos da fazenda paterna. Bem cedo foi internado no colégio dos jesuitas, em São Salvador, onde viu, com revolta, tolhida a liberdade antes gozada. Atribuem a êste fato, alguns críticos, o ter visado particularmente, com sátiras causticantes, os pastôres do rebanho católico.

Terminados os preparatórios, seguiu para Coimbra. De lá voltou formado, para depois de uma breve estada entre nós, retornar a Portugal onde ocupou cargos oficiais até 1681, ocasião em que, desgostoso com a Côrte, regressou ao Brasil, já bem maduro — 48 anos de idade — e

Texto de Monte Serrat Filho
Ilustração de Felix Morgado

muito vivido pelo tempo passado na Metrópole.

Os historiadores não dizem, mas tudo faz crer, terem os pais de Gregório perdido seus haveres, pois o nosso poeta encontrar-se-á, posteriormente, várias vêzes em precária situação econômica.

Durante sua longa permanência em Portugal, revelou-se o poeta patricio grande boêmio e êmulo de Francisco de Quevedo. Suas sátiras tiveram na Côrte, por motivo, primeiramente fatos da vida estudantil, e mais tarde os descuidos morais da Igreja lusa, sem referências à sua terra e à sua gente. Chegado a São Salvador, o arcebispo da Bahia, D. Gaspar Barata, talvez advertido por algum representante da Igreja portuguesa, achou de bom aviso tomá-lo aos serviços do arcebispado que assim se veria livre das suas terríveis arremetidas. Dá-lhe a Murça de Cônego e os empregos de Vigário Geral e de Tesoureiro Mor. Não foi acertada a medida. Envergando a batina e convivendo com a

fradaria, Gregório constatou pessoalmente a propalada decadência moral do clero brasileiro da segunda metade do século XVII, e não o perdeu com as suas verrinas, quando abandonou as fileiras eclesiásticas, porque, a seu ver, «ser mau sacerdote era maior culpa do que um ruim secular».

Iniciada a colonização da terra descoberta — há século e meio, por Martim Afonso de Souza, que trouxe consigo meia centena de degredados e muitos aventureiros, — o Brasil passou a ser não só a casa de correção da Metrópole, mas também o «El Dorado» daqueles que para cá vinham com o fim de fazer fortuna, se possível, até honestamente. Para os serviços de administração da Colônia desembarcaram os fidalgos, os cortezãos e os militares, e para a assistência espiritual, os padres de diferentes ordens. Em meio a essa gente de tôdas as condições sociais que aqui aportou, coloquemos o autóctone indolente e atrasado e o prêto servil e ignorante, bem como apreciável número de mestiços, mamelucos, cafusos e mulatos, e teremos um aspecto da sociedade colonial no terceiro quartel do século XVII.

Enquanto no sul os faiscadores de ouro e de diamantes iniciavam o soerguimento econômico dos colonos, no norte a era do açúcar em seu apogeu propiciava um surto de prosperidade que não tardou em degenerar no excesso de luxo e no fausto ocioso, do qual brotaram os vícios e desregramentos da sociedade, aos quais não escaparam nem mesmo o recesso dos claustros e conventos. Foi nesse ambiente de



perversão e dissolução de costumes, que Gregório de Matos retornou ao Brasil, trazendo na bôca o amargor das ingratidões recebidas na Côrte.

A Bahia é o viveiro dos literatos da época, quase todos membros da Igreja. Não havia escolas superiores na Colônia e o saber era privilégio dos sacerdotes e de uns poucos filhos de famílias abastadas, diplomados em Coimbra e Lisboa. A par do desenfreamento dos hábitos, o amolecimento do caráter só produzia versoslouvaminheiros e encomiásticos ao Rei ou aos representantes da Corôa, ao lado de trabalhos descritivos da Colônia, como a «História da Custódia do Brasil», de Frei Vicente do Salvador, e «Música do Párnaso», de Antônio Alvares Botelho, onde se destaca o poemeto «A Ilha da Maré».

O sentimento nativista despertou ao fragor das batalhas de Guararapes. A Colônia, abandonada pela Metrópole durante 10 anos, defendeu-se sôzinha e acaba por expulsar o invasor flamengo. O que era infâmia passou a ser motivo de orgulho. Henrique Dias, Vieira, Vidal de Negreiros, Camarão, — representando o prêto, o português e o índio — unidos em defesa da terra comum, exaltaram o sentimento nativista. O feliz sucesso da desobediência ao Rei — que ordenara aos sublevados depusessem armas e deixassem aos holandeses as lindes conquistadas, pois para a Metrópole abandonar Pernambuco era salvar o comércio das Índias — despertou, no início da segunda metade do século XVII, o desejo de independência e a presunção de que os brasileiros poderiam, por seus próprios recursos e bravura, defender a integridade do seu solo.

Gregório de Matos viveu essa época e refletiu-a em seus versos, sendo realmente o primeiro e legítimo representante do sentimento nativista nas letras de então, cultivadas por letrados de conhecimentos mais retóricos do que científicos e mais aparentes do que reais. Muito lido, eram-lhe familiares: Camões, Quevedo, Gôngora, Sá de Miranda e os poetas italianos. É oportuno ressaltar que Gregório de Matos não se deixou contaminar pelo culteranismo da Metrópole, que no Brasil encontrou adeptos na prosa, na poesia e na arte de pregar. Essa literatura preciosista, pernóstica e decorativa, envolveu, na poesia, o vate Manoel Botelho de Oliveira e outros de menos significação, e na oratória, de certo

modo alcançou a sotáfina do nosso Bossuet; o Padre Antônio Vieira.

Dos numerosos críticos que têm estudado a personalidade de «O boca do inferno», a maioria o fez com um sentimento de parcialidade e influenciada por um critério de julgar, pré-estabelecido, que lhes apresentava o poeta sob um determinado aspecto.

Encontramos os que o compararam a Quevedo, em oposição aos que, como Sílvio Júlio e Varnhagen, Visconde de Pôrto Seguro, o consideraram um plagiário do grande sátiro espanhol, atribuindo-lhe, ainda, subcrição de poesias de Gôngora, as quais traduzidas para a nossa língua, eram enxertadas nos seus versos.

Já no seu tempo, o pregador Padre Lourenço Ribeiro o acusou de, no soneto dirigido ao arcebispo de São Salvador, ter adaptado o de Gôngora — oferecido ao Infante de Espanha.

Outros, como Araripe Júnior, impressionados pela imoralidade por vêzes chocante das suas sátiras, — expressões de um erotismo abrutalhado — consideram-no apenas «um notabilíssimo canalha».

Assim o poeta seiscentista tem sido para uns, o sátiro original e extraordinário da língua, o jornal informativo dos fins do século XVII, o precursor do sentimento brasileiro na literatura nacional, e para outros, um reles imitador da poesia espanhola, um pícaro sem espírito que adaptou sátiras quevedianas a fatos e pessoas no Brasil. Evidentemente há exagêro nesses julgamentos pela estreiteza de visão analítica com que foram feitos. E' verdade que Gregório tem diminuído o valor de sua

vasta produção literária, em virtude da exploração de caminhos já palmilhados por Quevedo, Camões e Sá de Miranda, tendo chegado mesmo não só a aproveitar-lhes as idéias, mas a traduzir-lhes literalmente alguns versos.

De fato a mancha da imitação é encontrada na poesia gregoriana, entre outros, nestes sonetos: «A Jesus Cristo Nosso Senhor» cujos dois primeiros versos:

«Pequei, Senhor; mas não porque
hei pecado,

Da vossa alta clemência me des-
pido;»

aparecem redigidos em espanhol, no fim do manuscrito do poema «A Egipiciaca Santa Maria», de Sá de Miranda:

«Pequé, Señor, mismo por que he
pecado de tu amor e clemencia
me despido.»

O primeiro verso foi copiado literalmente, ou melhor, traduzido literalmente, e o segundo foi apenas alterado. Os demais foram compostos por sua própria inspiração.

O último terceto de «Ao Rio Caipe»:

«Que não é bem de tuas águas frias
Sendo pranto chorado de meus olhos,
Tenham que rir em minhas agonias».

é uma transfiguração da forma e do fundo de um soneto de Quevedo, cujos versos correspondentes são os seguintes:

«Que no es razón que, si tus águas
frias

Son lágrimas llovidas de mis ojos,
rían, cuando las lloram ansias mias.»

O soneto escrito à Maria dos Povos, com quem mais tarde se casou e posteriormente separou-se —

«Aquele não sei quê, que, Ines,
te assiste».

é uma paráfrase do terceto camoniano:

«Que dias há que n'alma me tem
pôsto

Um não sei quê, que nasce não sei
onde,

Vem não sei como, e doí não sei
porque.»

O soneto «A Cidade da Bahia» é paródia do artifício usado por Sá de Miranda em um seu famoso soneto ao Tejo. Poderíamos citar ainda outras composições poéticas de Gregório de Matos cujos temas já haviam sido utilizados por poetas anteriores. Isto, no momento, não quer dizer, deva sua vasta produção, de inegável valor poético, ser relegada a segundo plano.

Era nossa intenção, ao iniciarmos este trabalho, focalizar o vate baiano apenas sob o aspecto em que se notabilizou, ou seja, como poeta satírico. Entretanto, lendo algumas das suas poesias líricas, — não de lirismo amoroso, que no amor era prático e imediatista, mas inspirado pela curva mansa de um rio, ou pelo canto de um passarinho — delicadas e cheias de graça, achamos que não poderíamos deixar de ao menos mencioná-las aqui. Legou-nos, além disso, sentidos poemas religiosos, escritos durante o curto período em que vestiu a roupagem de clérigo, ou nascidos em época incerta, (os versos não trazem data) nas suas crises espirituais e materiais.

O meio social, econômico e religioso em que viveu Gregório e do qual demos uma idéia em breves li-

nhas, ofereceu motivos de sobejo e alentou o desenvolvimento da admirável bossa satírica do poeta patricio. Privou com freiras e frades licenciosos, com governadores ignorantes e juizes inescrupulosos, sentiu na própria carne o agulhão dos mandatários prepotentes, pequenos senhores feudais que haviam chegado como «colonos de estômago vazio e bolsa magra».

Mergulhou no lodaçal da sociedade então existente, para, de entre os cascalhos e imundícies, recolher as pedras preciosas dos motivos, e, com o seu estro, burilar estrêlas que ainda hoje fulguram no céu da literatura nacional.

O terceto abaixo mostra-nos que Gregório havia se compenetrado de um compromisso para com a posteridade: o de retratar sua época.

**«Eu sou aquêlê que passados anos
Cantei na minha lira maldizente
Torpezas do Brasil, vícios e enganos»**

Nesse mister vergastou potentes e falsos nobres da terra, padres e prostitutas, portugueses, pretos e mulatos. Possuia por êstes últimos especial aversão, que não chega a ser um preconceito racial, pois, se odiava os mulatos, amava publicamente as mulatas às quais deixou versos em abundância. Sonetos foram escritos por Gregório em louvor das mulatas Joana Gafieira, Damãsia, Babu, Anica, Brázia, Luiza, Antônia e muitas outras, não escondendo sua atração mesmo pelas pretas de quem disse:

**«Também a violeta é flor,
E mais é negra a violeta,
E si bem pode um poeta
Uma flor negra estimar,
Também eu posso adorar
Nos céus um pardo planeta»**

Falou mal de todos, e, a certo tempo, viu-se hostilizado por todos que o rodeavam, o que deixa transparecer nestes versos:

**«Querem-me aqui todos mal,
E eu quero mal a todos;»**

Indispôs-se com a Bahia e com o povo que não aceitava o seu jeito malcriado e desabusado, e se arrepiava com a liberdade de linguagem usada em suas sátiras pessoais e desmoralizantes.

Quanto à pecha de plagiário, discordamos dos que a levantaram, esquecidos de que no século XVII era muito comum os poetas lançarem mão de temas, imagens, expressões e até versos, que vindos da antiguidade alexandrina, chegaram até o século XIX.

A julgarmos com essa severidade descabida Gregório de Matos, teremos de estender a todos os demais poetas o mesmo critério.

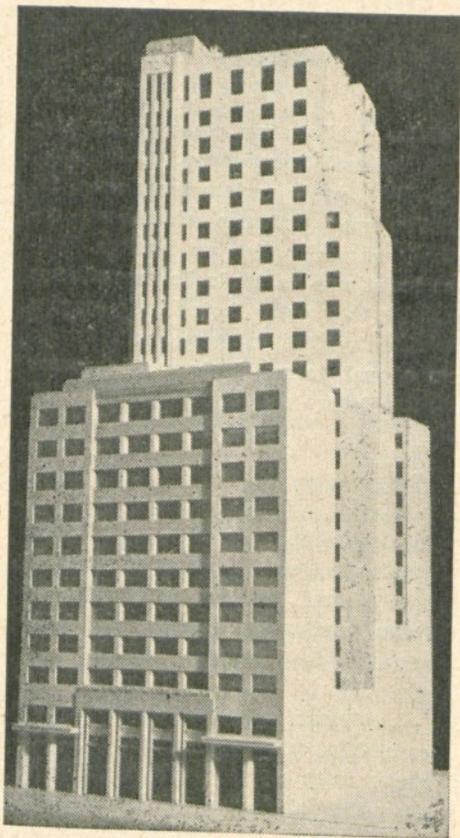
E, então, poderíamos dizer que Camões subscreveu Petrarca no seu soneto «Sete Anos» ou ainda, Virgílio, em «Os Luziadas», e que êste por sua vez furtou idéias e motivos de Homero.

Gregório imitou como imitaram os clássicos, imitou como imitaram os poetas da latinidade e da sua época.

Os amigos são presentes que damos a nós mesmos.

R. L. STEVENSON

COMPANHIA NACIONAL DE TECIDOS



Fachada do edifício — sede, em São Paulo

Secção especializada em fornecimentos às Repartições Públicas, a cargo dos srs.

CIRILO ELOY PESSOA DE
BARROS

- e -

WALTER DO AMARAL

— :: —

TELEFONES:
Rede Interna

{ 33-5129
33-5120
33-6644.

RUA BRIGADEIRO TOBIAS. 700-722

CAIXA POSTAL, 192

END. TELEGR. "TECIDOS"

SÃO PAULO

EU CONDUZI

UM CAMINHÃO DO EXÉRCITO

Por James U. Steinfirist

Tradução pelo major Romeu C. Pereira

O número 25 de «Militia» publicou um nosso artigo, traduzido da revista «El Automóvil Americano». Entretanto, no número de outubro de 1951, nesta revista americana, foi publicado um outro artigo que podemos classificar como suplemento de «Molhado ou úmido, frio ou quente». **Desculpem nossos leitores se insistimos na tradução, mas não nos podemos furtar a transmitir-lhes estas novas informações sôbre o que é o material automóvel moderno, usado pelo Exército Americano, com o qual, talvez, tenhamos de manter relações muito íntimas num futuro não muito distante.**

O tradutor.

A GORA já posso dizer como são realmente os novos caminhões do Exército americano porque tive a oportunidade de dirigir um deles. Foi em pleno dia e não havia explosões de granadas em nosso redor, mas as outras condições eram as que podiam esperar os soldados motoristas na frente de batalha.

A coisa foi assim: a Divisão de Caminhões e Ônibus da General Motors convidou um grupo de editores de revistas e periódicos e fotógrafos dos noticiários cinematográficos, para visitar os terrenos de provas em Milford, Michigan, e presenciar as provas dos caminhões. Não somente os motoristas profissionais demonstraram como se comportavam os caminhões em terreno rochoso, rampas esburacadas até 30% de elevação e na

famosa rampa de 60%, (que é tão empinada que V. não pode subi-la a pé) como também nos ensinaram como conduzi-los. Depois de cinco minutos de instrução, assim o fizemos.

Agora eu sei o que é ter um caminhão que se conduz fácil e suavemente e que divide a sensação de poder chegar a qualquer parte e fazer tudo o que se necessita, exceto voar. Estes caminhões, sendo iguais àqueles outros do novo tipo de que temos falado em números recentes, (*) podem marchar de baixo d'água e podem cruzar por areais e terrenos moles com seus grandes pneumáticos de «flutuação», de baixa pressão.

Com um pouco de imaginação pude agora compreender que um combóio de caminhões, quiçá de

noite e debaixo do fogo inimigo, vê-se regulado quanto à velocidade pela habilidade do pior motorista. Assim mesmo êsse condutor não teria dificuldade com êste caminhão nem tampouco teria oportunidade de queimar a embreagem procurando escalar margens íngremes do rio ou praias, ou danificar suas transmissões ou engrenagem de câmbio, de relação do eixo trazeiro, ao tratar de acelerar a marcha com o motor acelerado e as rodas girando inútilmente — fenômeno da patinação (tradutor). Não o poderia fazer porque o caminhão não tem embreagem e a propulsão é hidráulica. Para falar em maneira mais clara de compreender, êste novo caminhão do exército, tem a propulsão «Hydra-Matic» da General Motors; tem uma redução excepcionalmente baixa, construída justamente atrás da transmissão, que proporciona oito velocidades para a frente e duas para a retaguarda. Quatro das velocidades para a frente são automáticas em cada redução e justamente iguais às dos carros da G.M. (General Motors) com «Hydra-Matic». Pode-se engrenar em «baixa» para usar somente primeira e segunda em cada redução. No compartimento do motorista há uma coberta que tem uma respeitável alavanca em sua parte superior. Em lugar das marcas comuns de «direta» (4.a) e «baixa» (1.ª) as marcas são: «F-1» e «F-2» na redução de engrenagem ordinária; mas isso é muito fácil de aprender. O interessante são as marcas simples no lado de relação baixa especial. Estas dizem: «Llano» e «Loma». Qualquer pessoa o compreende. Você pode «cam-

biar» segundo o desejo de uma relação (marcha) para qualquer outra, somente com o mover da alavanca a qualquer momento, sem embrear ou trocar a posição de seu pé no acelerador.

Não existem restrições. Certa superfície está marcada de vermelho no velocímetro para indicar que não se deve mudar a marcha baixa (1.ª) em velocidades de marcha maiores que as de secção indicada. Por outro lado, pode fazer o que lhe apetece. Uma das três grandes vantagens é que as mudanças de marcha fazem-se com a potência conectada e o caminhão em movimento. Até as paradas momentâneas podem causar perda de tração na lama ou neve, segundo afirma o Exército. A parte interessante de tudo é que, é quase desnecessário mudar de marcha devido a que o caminhão é o que os engenheiros chamam de auto-aceleração. É tal a perfeição, que sabem quais as engrenagens que se necessitam e as mudanças apropriadas se fazem automaticamente.

É que potência!... Tem 145 c.f. com um motor que é irmão carnal do famoso modelo «270» mas com diâmetro de 4 polegadas (101,6 em lugar de 3 25/32 (96 m.m.). O motor é um modelo de 302 polegadas cúbicas — cerca de 5 litros de deslocamento, com esta troca.

Ante nossa surpresa o motor fez subir o caminhão em segunda velocidade pela íngreme rampa de prova de 60% de elevação. Uma rampa de 60% se eleva a 60 pés em 100 pés de distância percorrida.

A maior parte das outras peças e componentes são familiares, um pouco maiores e mais pesadas que as usadas em automóveis, ou peças do modelo da segunda guerra mundial. A G.M. está usando a transmissão «Hydra-Matic» em ônibus, há dois anos, e já por estas alturas sabe o que pode fazer com um veículo pesado. O regime máximo entre a velocidade do motor e as rodas do veículo é de 111 por um. Essa quantidade de rotações faria com que os revestimentos de embreagem fôsem deslocados dos cubos de uma embreagem comum.

E UM 6x6

Básicamente, o caminhão é um 6x6, significando que tem seis rodas com propulsão em tôdas elas. A característica especial é a embreagem completamente automática das propulsões das rodas dianteiras. Aqui, novamente, o caminhão sabe por si o que tem de fazer e quando se requer potência adicional o caminhão a proporciona. Em caminhos planos a propulsão transmite força a quatro rodas somente, economizando desgaste e ruturas e o cansaço que produz ao condutor a «luta» com a propulsão dianteira. A G.M. vem experimentando as transmissões de roda dianteira desde 1942.

A direção é tão suave como a de um automóvel, e o volante não golpeia mesmo em buracos de um pé de profundidade, nem vibra ao passar por cima de pedras em um trilho de montanha. Isto se conseguiu instalando barras de torção para amortecer o eixo dianteiro e usando molas dianteiras mais com-

pridas e suaves. A marcha não é exatamente tão cômoda como a de um automóvel com suspensão dianteira independente com molas espirais (todos os carros modernos), mas se faz definitivamente boa e deve ser cômoda para os motoristas debaixo das piores condições de marcha. As compridas molas auxiliares na trazeira fazem contacto com as pontas das molas principais, absorvendo o pêso da carga excessiva e mantendo o desembaraço em marcha. Isto deve, também, evitar rupturas de molas.

Mais outras coisas novas:

— um freio de estacionamento (freio de mão) acionado por uma alavanca manual no taboleiro dos instrumentos, o qual sustém o caminhão para que não rode nem para diante nem para trás, suplementando o freio manual de emergência de alavanca;

— montagem especial articulada para a roda sobresalente que elimina ter que se levantar a pesada unidade;

— anéis levantadores formados nos tapacubos de roda trazeira para facilitar a estiva do caminhão ao ser transportado para bordo de um navio;

— acessibilidade e simplificação do serviço corrente (manutenção do 1.º escalão-motorista) grandemente aumentada;

— capuz curto e curvado para melhor visibilidade do motorista em ambos os lados do caminho;

— encostos removíveis nos assentos, para melhor desinfecção;

— velocidades de estrada até de 58 Mph (90 Kph aprox.) com o motor regulado a 3.400 Rpm (rotações por minuto) em comparação com 45 Mph (72 Kph) dos modelos anteriores;

— sistema elétrico impermeável de dotação normal em todos os modelos dos novos veículos do Exército;

— o dôbro de carga útil que os caminhões 6X6 da segunda guerra mundial;

— cinco toneladas de carga com outras rebocadas (a estipulação de estrada continua sendo de 2,5 ton., mas se pode, rebocar três toneladas em comparação com as toneladas anteriormente permitidas).

Medidas
LYSOFORM "PRIMO"
para a saúde



Contra as frieiras e o suor dos pés, misture duas tampinhas de Lysoform Primo, por litro de água morna; mergulhe os pés durante alguns minutos — cura em poucas vezes, desodoriza e deixa uma inconfundível sensação de bem-estar.

1. Ação imediata
 2. Não venenoso
 3. Não mancha
 4. Não irrita
 5. Odor de limão verde
 6. Antifermentativo
 7. Antipútrido
 8. Desodorizante.
- Mórno é ainda mais ativo.

LYSOFORM "Primo"

— Antisséptico e Desodorante Mundialmente Conhecido

BANAM - Casa de Anísio



UMA SOLUÇÃO

Primeiro de uma série de artigos

AS Polícias Militares, no caso de guerra, só muito eventualmente e em situações especialíssimas, serão convocadas para combater em país estrangeiro. Pode-se até afirmar, que jamais o serão.

Mesmo que a guerra seja com país limítrofe, dificilmente serão deslocadas para tal fim.

Entre os inúmeros fatores que autorizam essa afirmativa, salienta-se o seguinte.

Dadas as características das guerras modernas, em que não há quase distinção entre Teatro de Operações (T.O.) e Zona de Interior (Z.I.), é cada vez mais imprescindível a necessidade de uma total defesa interna, mormente em caso de guerras ideológicas, visto que o inimigo já se encontrará presente.

Analisemos, pois, êsse fator. Como é sabido, um T.O. divide-se em duas grandes zonas: a de combate (Z.C.) e a administrativa (Z.A.). A primeira é a parte do T.O. necessária aos Exércitos para suas operações e sub-divide-se em Zona Avançada (Z. Av.) e Zona de Retaguarda (Z.R.). na segunda, encontram-se as linhas de comunicações, as instalações para suprimentos e evacuações e os outros órgãos necessários ao apôio e à manutenção

das forças em campanha, no T.O. O primeiro problema para as Forças Armadas será o de liberar o máximo de seus efetivos para emprêgo na Z.C., precisando, pois, para resolvê-lo, contar com elementos suficientemente instruídos e treinados para a defesa das demais zonas — Z.R., Z.A. e Z.I.

É nestas zonas, principalmente nas duas últimas e especialmente na Z.A., que serão empregadas ao máximo as Forças Estaduais.

Evidencia-se, portanto, a imperiosa necessidade de possuírem elas conhecimentos policiais-militares bastante adiantados e sobretudo atualizados, de maneira a serem capazes de arcar com tamanha responsabilidade.

Missão de tal ordem não comporta improvisação; nem de planejamento, nem de execução e menos ainda de executantes.

O planejamento de defesa e a preparação de executantes deve ser feita, detalhada e cuidadosamente na paz, de forma a permitir execução imediata e eficiente, em ocasião oportuna.

Inicialmente seria necessário fazer-se um estudo minucioso e profundo dos motivos que poderiam originar uma guerra, deduzindo-se daí o provável ou os prováveis inimigos e, conseqüentemente, o tipo da guerra, as regiões mais

visadas, Z.A. e Z.I. prováveis, meios disponíveis, problemas logísticos, etc.

Esses elementos serviriam de base a vários planos de ação, cada um com seus detalhes específicos. Feito isso cada plano seria estudado explorando-se suas particularidades e, posteriormente, numa visão de conjunto, fundidos num só, abrangendo os pontos críticos de todos.

Ter-se-ia então, a base para um planejamento sintético da maneira de orientar a execução dos misteres e empregos atuais das Fôrças Policiais, no sentido de atingir seu objetivo imediato de tempo de paz, prevenindo-se para esse emprêgo futuro de tempo de guerra.

Torna-se necessário "a priori" criar o espírito "Tático Policial" donde ad-

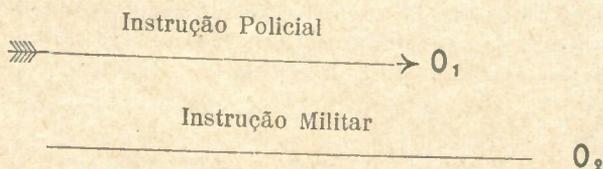
virá o clima necessário para a concretização do plano em questão.

O espírito "Tático" já existe em grau bastante desenvolvido, no seio das nossas Fôrça Estaduais. O espírito "Policial" também e presentemente tende a evoluir. É questão pois de um entrelaçamento entre êles, de maneira a fundí-los num só — Tático Policial.

A meu ver isso seria conseguido criando-se algumas doutrinas ou modificando-se as já existentes, nos vários ramos da Instrução Policial-Militar, de modo a formar a unidade "Tático-Policial-Militar".

Hoje, a instrução *militar* e a instrução *policial* marcham em duas colunas paralelas, cada uma para um objetivo. É preciso que marchem em uma só coluna e que os objetivos sejam colocados no mesmo eixo de marcha.

É assim



Precisa ser assim



Conseguida essa fusão, poderiam as Fôrças Policiais se desincumbir da sua missão imediata "Manutenção da Ordem", orientando suas ações para a mediata. "Defesa preventiva, passiva e ativa das Z.A. e Z.I., que seria in-

dubitavelmente sua missão máxima na guerra, como Fôrça Auxiliar do Exército.

A unidade Tático-Policial-Militar poderia ser constituída, em linhas gerais dos seguintes assuntos:

1 — Ocupação, contrôle e defesa de cidades.

2 — Planejamento para proteção permanente de pontos estratégicos, reservas agrícolas, industriais, comerciais e econômicas, contra sabotagens, greves, calamidades, etc.

3 — Operações de guerrilhas.

4 — Defesa passiva e tanto quanto possível ativa contra bombardeios atômicos, de destruição, incendiários e microbianos.

5 — Defesa contra tropas terrestres.

6 — Cooperação no apóio logístico dos Serviços do Exército desde a Z.I. até a Z.R., permitindo aos mesmos maior liberdade de ação para a plenitude de apóio imediato, o mais a frente possível, às tropas em combate.

7 — Preparo material e moral da população civil para a luta de retaguarda.

Estariam, assim, as Polícias Militares, plenamente capacitadas a cumprir sua missão de auxiliar das Fôrças Armadas, missão essa que é hoje de suma importância e para o futuro cada vez mais o será. Isso tudo sem prejuizo para a sua função precípua de Polícia Militar e, pelo contrário, tornando-a mais capacitada a exercê-la, já pela amplitude de conhecimentos das necessidades do povo, das possibilidades industriais e das atividades específicas de cada setor econômico, político, industrial e científico, já pela certeza da sua prestabilidade e mesmo imprescindibilidade ao progresso do Estado e da Pátria, concretizada no objetivo certo e definido a atingir.

COOPERATIVAS REGIONAIS:

Santa Isabel — Jacareí — Santa Branca — São José dos Campos — Paraibuna — Taubaté — Pindamonhangaba — Roseira — Guaratinguetá — Lorena — Valparaíba — Aguai.

COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S.A. sob n.º 47



Escritório e sede central: (Diretoria 9-2658
Rua Dr. Almeida Lima, 523 Fones (S. Comercial .. 9-2659
SÃO PAULO (S. Técnica 9-2681

Peneiração

Para uma seleção de qualidade

O Departamento
Cine-Foto de
CASSIO MUNIZ

oferece

2.000 artigos diversos

- câmeras, lentes, equipa-
mentos, tripês, material
de laboratório

criteriosamente escolhi-
dos entre a produção
mundial das maiores in-
dústrias de aparelhamen-
to para profissionais e
amadores do cinema e
da fotografia



CASSIO MUNIZ S.A.
Importação e Comércio

Em São Paulo: Praça da República, 309 - eq. Arouche
No Rio: Rua Evandro da Veiga, 94 e 96 - eq. Sen. Dantas

**CASSIO
MUNIZ
S.A.**
IMPORTAÇÃO e COMÉRCIO
TRADIÇÃO DESDE 1910

**COMPRAR EM CASSIO MUNIZ
É ASSEGURAR-SE DE UMA COMPRA FELIZ!**

BOMB'ARMÁ

Cap. Acácio R. França

Ilustração do cap, Felix B. Morqado



HA CERTAS coisas na vida cotidiana, certos fatos, aos quais, pela sua repetição constante, não damos muito valor.

Outros há que ferem de perto nossos sentimentos e nos chamam a atenção. O título acima, embora pareça qualquer instrumento de bombeiros ou algum engenho de guerra, nada disso é; trata-se tão somente do apelido de um ex-elemento do nosso Corpo de Bombeiros que, pela sua antiguidade na Corporação, deveria conhecer e distinguir todos os toques de corneta. Mas nosso per-

sonagem, depois reformado no posto de terceiro sargento, ganhou o título de «bomba armá» justamente porque, a qualquer toque submetido à sua apreciação, interpretava com impecável disciplina: «Bomb'armá»; mesmo em se tratando do mais corriqueiro e conhecido toque de rancho! Com o advento do regime de 1937, houve o malgrado decreto extinguindo os símbolos e bandeiras dos Estados. Cumprindo ordens superiores, o então comandante do Corpo de Bombeiros providenciou o cerimonial para a incineração da Bandeira Paulista. Como a Unidade foi sempre benquista na sociedade paulistana, seus portões estavam abertos ao povo e houve bastante afluência de elementos civis ao cerimonial. Tropa formada. Uma seção da banda se postara para tocar o Hino Nacional e o da Bandeira. A pira fôra colocada no centro do dispositivo da Tropa. Devia executar a incineração o elemento que, estando no exemplar comportamento, fôsse o mais antigo da unidade. Esse elemento foi o «Bomb'armá». Feitos todos os preparativos, lida a ordem do dia, vae «Bomb'armá» efetuar a incineração da Bandeira Paulista. Brotam, porém, no homem que além de amar ao Brasil amava a São Paulo, os sentimentos até en-

tão recalçados. «Bomb'armá» acende a pira, toma a bandeira paulista, abre-a por tôda a extensão dos seus braços, chora e, em prantos convulsivos, mostra-a a todos que assistiam ao cerimonial! Só depois a coloca na pira encandecida! Gesto grande de um grande humilde! Ca-lou fundo no coração dos assistentes. Mais tarde foi «Bomb'armá» compulsado e reformado no posto de cabo. Nem por isso deixou de comparecer diàriamente à unidade (onde servira durante todo o tempo de praça),

agora engraxando o calçado dos colegas de farda.

Mas, o destino tem das suas; «Bomb'armá», por fôrça de dispositivo de lei, é promovido ao posto de sargento; e com isso vem a proibição de engraxar sapatos. Não tendo outro passa tempo na sua querida unidade, «Bomb'armá» se abate e suas idas à Corporação vão rareando; a saúde se definha e sobrevem a morte. E no Corpo de Bombeiros, que tanto amou, «Bomb'armá», de respeitável memória, deixa infinita saudade.

OUTRA VEZ!

Os Campeões da Sorte venderão,
no NATAL, 20 MILHÕES
e outros prêmios menores.

ANTUNES DE ABREU LTDA.

Rua 15 de Novembro, 35 - São Paulo

Aperturas do ajudante de ordens

Servi, como ajudante de ordens, no gabinete militar de cinco presidentes do Estado, — três efetivos: Washington Luís, Carlos de Campos e Júlio Prestes; e dois interinos: Dino Bueno e Heitor Penteado — num período de tempo que vai de 1.º de maio de 1920 a 23 de outubro de 1930. Ao lado de situações dramáticas que por vêzes tive de enfrentar e resolver de momento, episódios pitorescos também surgiam, requerendo outro gênero de soluções.

No meu livro "Memórias de Um Ajudante de Ordens", há pouco vindo à luz da publicidade, respigo vários casos de uma e outra natureza, enquanto que muitos outros permanecem na penumbra, eis que assim o exige a discreção.

Hoje, reatando relações com Milítia, pois que a tanto ordena o seu brilhante diretor, coronel José de Anchieta Torres — o qual, com extraordinária graça evoca em suas páginas "Coisas da Fôrça Pública", — vou tentar reproduzir em crônicas sucessivas algumas cenas de que fui intérprete, na essência bem diferentes umas das outras.

.....

No mês de maio de 1923 empreendeu o presidente Washington Luís uma viagem ao litoral Norte do Es-

tado. Embarcando com a comitiva em Santos, a bordo do "Comandante Manoel Lourenço", vários dias levou o presidente entre os portos de S. Sebastião e Ubatuba. Durante o dia visitava êle as velhas localidades de beira-mar, inclusive Ilha Bela e Ilha Anchieta, passando a noite a bordo do confortável naviozinho costeiro.

A última etapa do programa teve que ser alterada. E' que os conhecedores das coisas do mar previram bruscas alterações atmosféricas, o que aconteceu. Mal nos havíamos instalado em terra, ocupando velhos solares de Ubatuba — reminiscências vivas de áureos tempos da heróica cidade — tremenda tempestade desabou, abalando os visos da cordilheira que lhe fica rente.

Retomando-se o roteiro previamente traçado, a comitiva montou a cavalo no dia seguinte, ainda debaixo de chuva e, às 6 horas da manhã, com o presidente Washington Luís à frente, iniciava-se a subida da Serra do Mar.

Cerca de 9 horas, cessado o aguaceiro e clareado o tempo com o aparecimento de um sol brilhante e aquecedor, aproveitou-se de providencial clareira aberta em meio ao deslumbramento daquela natureza exuberante

para o primeiro "grande alto" após 3 horas de marcha serra a cima, com a sobrecarga da chuva. Refeita a cavahada, com o merecido descanso, alcançávamos, ao meio dia, o ponto designado para o almoço, já no planalto, na fazenda Paranhos, em formação. Não havendo casa que servisse à emergência, foi construído um ranchão, com uma única porta de acesso ao recinto onde, em toscas mesas distribuídas a esmo, sentaram-se os itinerantes.

Nem bem acabava eu de tomar lugar numa das mais próximas à entrada, em companhia de Alfredo Braga, Timoteo Penteado e Joaquim Inácio, assomou à soleira da porta interessante figura de um caipira alto, magro, espigado... e falante.

Circunvagou o olhar pelo ambiente, examinou detidamente cada fisionomia e dirigindo-se em seguida à minha mesa, assim me falou: Sr. presidente. Eu sou um veterano da guerra do Paraguai. Moro daqui 3 quilômetros, exatamente na estrada que V. Excia. vai seguir. Mandeí embandeirar o local e quando V. Excia. passar, meus filhos e netos baterão palmas e darão vivas a V. Excia. Olhei para a mesa onde estava o Dr. Washington Luiz, em companhia dos Srs. Heitor Penteado, secretário da Agricultura, Pires do Rio, deputado federal e deputa-

dos estaduais da zona. O presidente, que ouvira quanto o atencioso patricio dissera, respondeu à minha aflitiva o-lhadela com ligeiro sorriso. Levantei-me então, agradeçi, apertando a mão do caboclo, a visita e a homenagem prometida. E, realmente. No sítio indicado, quando por lá passámos em fi-



"O Presidente"
TENÓRIO DE BRITO

la de um a fundo, fui alvo de estrondosa manifestação, acompanhada de flôres e foguetório.

Deu causa ao equívoco do solícito e generoso brasileiro o meu uniforme de oficial da Fôrça Pública, de cuja túnica pendiam vistosos alamares. Ele não compreendia que o presidente do Estado andasse metido num paletó sa-co, como um paisano qualquer...

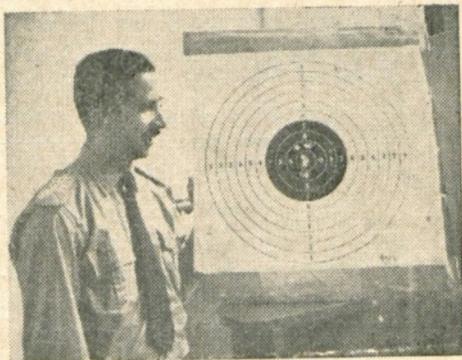
NOSSOS CLICHÉS SÃO CONFECCIONADOS

— PELA GRAVARTE LTDA. —

Viagem ao Velho Mundo

Cap. Mesquita de Oliveira

QUANDO a sorte quer, as cousas acontecem. Foi assim que fui à Europa. Depois de uma série de eliminatórias em que tudo aconteceu a meu favor, fui, podem crer, inesperadamente, classificado para integrar, como atirador de pistola livre, a delegação brasileira às XV Olimpíadas que se realizaram na capital finlandêsa. Efetivamente alguma fada estava velando por mim. Após o milagre de classificação os acontecimentos seguiram-se de tal forma favoráveis que cheguei até a acreditar que estivesse sendo recompensado por alguma boa ação. Mas como não me lembrei de nenhuma, concluí que era sorte mesmo. Permitam-me contar, em duas palavras, três acontecimentos que antecederam minha partida. O primeiro partiu de Carlos Cirilo, o simpático atirador: do Tietê, que num gesto de gentileza inexcusável, sem que eu pedisse ou insinuasse, emprestou-me sua arma para que treinasse e a levasse para competir na Finlândia, autorizando-me, ainda, a modificá-la a meu gosto. Quem for atirador saberá compreender a grandeza deste gesto. Eu confesso que dificilmente emprestaria uma arma desta categoria a quem quer que fosse. O segundo refere-se aos clubes Tietê e Floresta que tão amavelmente abriram seus estandes para meus treinamentos. Ao Cirilo, ao Tietê e ao Floresta os meus agradecimentos. O terceiro tem



O autor

para mim um valor tão elevado, tão nobre, que peço desculpas por usar palavras tão simples para relatá-lo. Trata-se, já sabem todos, da arma, da moderníssima pistola "Hammerli" que os oficiais da Fôrça me ofertaram. O gesto, a lembrança, com pontaria melhor do que seria capaz a própria arma, atingiu em cheio meu coração. É tanto o meu reconhecimento que me parece banal qualquer forma de agradecimento além do que dizer a todos, simplesmente, **MUITO OBRIGADO!**

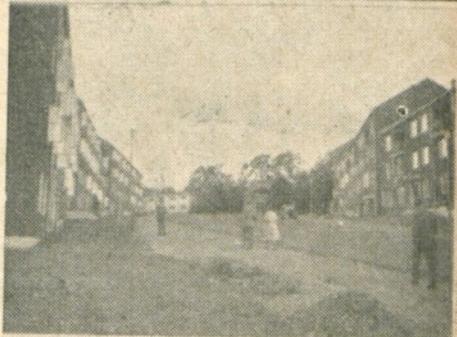
O que Cabral demorou 3 meses para fazer, nós fizemos em 8 horas. Transpusemos o Atlântico em um salto. Vimos pretos pretíssimos em Dakar e lá tomamos (alguém tomou, eu só um gole) o nosso primeiro café intragável. Este não seria o último. Engraçado, os pretos de lá vestem uma bombacha larga que mais parece uma sáia e falam francês. Que chique, não acham? Vi-

PRIMEIRO DE UMA SÉRIE

mos Lisboa pelo alto. A Espanha também. Raspamos em Paris e descemos em Londres. Aí tivemos nossas primeiras complicações alfandegárias. Também não seriam as últimas. Tomaram nossas armas, preenchemos vários formulários, declaramos valores, pagamos excesso de peso na bagagem e cruzamos o Mar do Norte em avião de uma linha inglesa, rumo a Oslo, nosso primeiro destino. Quando o avião partiu da Inglaterra e começou a ganhar altura meus ouvidos zuniram e doeram exageradamente. Creio que era algum inglês da alfândega que deveria estar pensando de mim o mesmo que eu estava pensando deles.

EM OSLO

Já do alto distinguia-se o caprichoso rendado das costas norueguesas. O mar penetra fundo a terra e as montanhas avançando água a dentro formam os lendários e magníficos *fjords*. Voando sobre extensos pinheirais chegamos, à tardinha, ao aeroporto de Oslo. Disse à tardinha porque assim dizia o meu relógio, pois, apesar de serem já 20 horas, o sol, sem pressa, brilhava calmamente sobre a cidade. Nesta época do ano, verão no hemisfério norte, no paralelo em que nos encontrávamos, praticamente não há noite. Entre as 23 horas e a 1.^a hora do dia seguinte, desce uma penumbra sobre a terra. Às 3 horas da manhã estamos novamente em plena luz do dia. Não sei como se arranjam as galinhas daquela terra. Acredito que no verão morrem de insônia. Nos primeiros dias os brasileiros estranharam muito. Enganados pela claridade dormia-se muito tarde e levantava-se muito cedo. A cidade de Oslo é pequena. Cerca de 400 mil habitantes. O centro é composto de



OSLO

Ao alto, Prefeitura Municipal; no centro, Vila Estudantil, onde se alojaram as equipes concorrentes ao 352 Campeonato Municipal de Tiro ao Alvo; em baixo, detalhe da cerimônia de abertura daquela festa esportiva universal.

um conjunto de prédios variando entre 3 e 5 andares. Não há arranha-céus. Os bairros residenciais, em torno do centro, são todos de tal forma arbori-



Parque Vigelandsanlegget em Oslo — Esculturas moderníssimas.

zados que de longe apenas se avistam os telhados das casas, dispersos no meio da vegetação. Fica-se sem saber se a cidade infiltrou-se pela mata ou se esta invadiu a cidade. Tôdas as casas têm amplos jardins que são carinhosamente cultivados pelos seus donos. A cidade é limpa e sossegada. Os automóveis andam devagar e não tocam busina. O povo fala baixo e, quando ri, o faz discretamente. Não há analfabetos e nem mendigos. Os bondes, ônibus, subway, etc. são freqüentados por um povo que parece estar indo a alguma festa. Todos bem vestidos, todos discretos, inclusive as crianças. Os cobradores são gentís e atenciosos, embora muita gente considere isto impossível. Não presenciei nenhum aci-

dente ou discussão por menor que fôsse, embora lá também aconteça do veículo dar partida antes dos passageiros descerem. Quando isto por acaso acontece, alguém avisa, o motorista para novamente, o passageiro desce e pronto, não acontece nada de anormal, nem saiu briga por causa disso. Deve ser bom ser polícia num país assim. Por falar em polícia, procurei saber como era a de lá e fiquei surpreso em encontrar grande dificuldade para achar algum representante da lei. Para ser franco, em 18 dias que passei em Oslo, vi 6 guardas na cidade; 2 guardando o palácio do rei, 2 dirigindo o trânsito e 2 a cavalo, patrulhando a cidade "à noite", todos desarmados. Os soldados que auxiliavam o desenvolvimento das provas



Detalhes. das esculturas do Parque Vigelandsanlegget.

de tiro ao alvo pertenciam às classes convocadas para o serviço militar. Ia esquecendo-me de dizer o que tínhamos ido fazer em Oslo. A equipe brasileira de tiro ao alvo que iria competir nas Olimpíadas embarcou com antecedência para participar do 35.º Campeonato

Mundial de Tiro ao Alvo, que se realizaria na Noruega. A respeito das competições de Oslo e de Helsinki falarei em outra ocasião, sinão esta conversa não acaba mais. O prédio da Prefeitura de Oslo é o maior da cidade e a caracteriza, assim como o Pão de Açú-

car caracteriza o Rio de Janeiro. A decoração interna dêste prédio é qualquer cousa de monumental. Os murais, caracteristicamente modernos, reúnem em cada salão uma escola dos grandes pintores da Noruega atual. As pinturas, como não podia deixar de acontecer, despertaram grandes debates nos círculos artísticos locais, mas, nós, que pouco entendemos de arte, quer clássica quer modernista, achâmos tudo magnífico. Admirâmos também o "Parque Vigelandsan'egget" com mais de uma centena de esculturas modernistas, todas nuas, representando os múltiplos aspectos da vida e tendo ao centro uma coluna de sêres humanos debatendo-se para alcançar o tópo, embora para isso tenham que espesinhar os que estão por baixo, para, à custa dêles, alcançarem um pouco de luz e de ar. São cenas angustiosas, mas que encerram tanta realidade que os visitantes ficam de-veras impressionados. Desculpem-me os noruegueses se o significado daque-

les monumentos não representa bem o que eu disse acima, pois tudo corre à conta de minha ignorância. De um modo geral gostei muito da Noruega, embora para os latinos pareça um país um pouco tristonho.

A comida também se estranha bastante. Sabe lá o leitor o que é comer batata cozida com mólho de manteiga, no almôço e no jantar, todos os dias? Entretanto, o peixe era bom e as sobremesas também. Os noruegueses foram muito amáveis e muito solícitos para com tôdas as delegações. Levaram-nos em excursões aos lugares pitorescos da cidade, ofereceram-nos dois jantares de gala, um após uma bela viagem de ônibus, em um restaurante à beiramar e outro, o de despedida, oferecido pelo prefeito, foi servido no salão da própria Prefeitura e apresentou um aspecto deslumbrante, tal a magnitude do ambiente e a perfeição do serviço. Também nos dois banquetes havia batatas cozidas com mólho de manteiga.

E T E C L T D A .

Escritório Técnico de Engenharia Civil

Projetos — Construções — Arquitetura

Diretores responsáveis:

Dr. Luiz Pinto Lima
Dr. Américo M. Vaz
Dr. Emilio José Reichert
Ten. Geraldo M. Vaz

Escritório:

Rua Florêncio de Abreu, 36
5.º andar — Telefones: 52-3353
e 51-7417

— SAO PAULO —

DOIS CAMINHOS

Especial para "MILITIA".

— Não entre à esquerda:

*Há neblina cinzenta,
Há escuridão,
Há desastres contínuos,
Há corpos, assistindo funerais de almas errantes;
Há fantasmas no ar,
Há barulho,
Há gritos roucos,
Há dor,
Há semblantes sombrios,
Há gestos loucos,
Há sinais vermelhos de olhos ensangüentados,
Há mormaço,
Há pálpebras cerradas contra a luz,
Há preguiça,
Há cansaço...*

À esquerda,

*Há podridão,
Há sujeira,
Há homens moribundos,
Há trapos,
Há moscas,
Há bocas feridas em rostos imundos;
Há palavrões,
Há blasfemias,
Há gente que se arrasta nos caminhos,
Há flores falsas encobrendo espinhos...*

— Siga à direita:

*Há festa,
Há riso,
Há sol,
Há lagoas azuis,
Há mccidade,
Há brisa,
Há luz,
Há fadas pelo ar,
Há gestos delicados de lindas dançarinas,
Há melodias suaves,
Há vozes limpas,
Há colorido de aves a voar...*

À direita

*Há verde nos olhares,
Há pureza,
Há lábios virgens,
Há um festival de almas inocentes,
Há gente que anda alegre por caminhos
Onde há mil flôres para dez espinhos;
Há um pássaro que poisa em cada ramo;
Há um pouco de Deus em cada coisa...*

Frederico Ozanam Pessoa de Barros

O CONFÔRTO

QUANDO passar à História, o século XX bem poderia ser apelidado de o século do conforto". Nunca antes o conforto preocupou tanto o homem como nos dias atuais. Tôdas as grandes e também as pequenas realizações humanas parece que tiveram sempre um único fim: dar conforto ao homem. E deram, e continuam dando, prestando, valendo e servindo ao homem. Do veleiro de esporte ao transatlântico de luxo; da bicicleta ao "President"; do "tank" à bomba atômica; das sulfas à hidrazina, da sombra à água fresca, tudo foi criado, inventado e executado para trazer mais conforto à humanidade ou a grupos sociais distintos.

Entretanto, apesar de tôdas essas realizações e das novas pesquisas rumo ao mesmo ideal, o homem tem se tornando cada vez mais inseguro, cada vez mais intranquilo, cada vez mais instável e o conforto tão desejado se nos afigura cada vez mais distante, quimérico até. E por que? Não sei e talvez só Deus o saiba... Porém, mesmo sem indagar do "por que" o fato é que sentimos o desconforto da vida atual. Êste mundo tornou-se, na verdade, o lugar mais desconforto que pode existir, se é que outros mundos existem, habitados por seres pensantes como nós, mas que ainda não pensaram em criar seu conforto. Mesmo assim, vamos matutar, como dizem os caipiras, sôbre o caso, e ver o que resulta daí.

Comecemos por dar ao vocábulo "conforto" acepções distintas e analisemos em separado os diversos "confortos" para não fugirmos à idéia mestra do sé-

culo que é, exatamente, a "comodidade". Vamos pôr, como termo último a atingir, a felicidade, isto é, um estado de vida harmônica, a que todos nós pretendemos chegar, e que aqui consideramos como a soma das diversas modalidades do conforto.

Como primeiro tipo de conforto vamos considerar aquêle resultante da satisfação de tôdas as nossas necessidades e desejos estritamente materiais, ou seja aquêle estado harmonioso que resulta quando estamos na posse e gôzo de todos os bens materiais, necessários ou supérfluos à satisfação desde a mais banal necessidade até à plena realização do mais obtuso desejo. Seria o *conforto material*. Assim, êste tipo de conforto se estende desde as necessidades primárias de comer, vestir e morar, até o mais requintado desejo de um excêntrico indivíduo. Quem estaria, neste mundo, em pleno gôzo do conforto material? Que eu saiba, ninguém. Mas, em compensação, pois tudo nesta terra tem a sua compensação, como dizia Emerson, eu conheço uma quantidade apreciável de pessoas em pleno uso e gôzo da média do conforto material e são exatamente aquêles que, por anacrônico que pareça, estão faltos até de algumas das utilidades cuja carência seria uma verdadeira calamidade para aquêles que comumente costumamos crer levarem vida confortável. E isto porque, a quantidade de bem-estar que se pode fruir de um determinado equipamento civilizador, ou seja de qualquer bem material, depende menos dêsse equipamento que da nossa própria capacidade de tirar dêle o melhor rendimento possível.

Como uma segunda espécie de conforto vamos considerar aquêlê resultante da harmonização de nossas ações com as do grupo social a que pertencemos, representado pelas leis que estabelecem e delimitam normas gerais de conduta para todos e cada um dos elementos integrantes dêsse grupo. Seria uma espécie de "conforto social", mas, como sua satisfação também depende de sensações várias, como o mêdo, o amor e outros, e da aceitação pacífica dos conceitos estéticos vigentes, sem serem, entretanto, compulsórios, chamaremos a êste tipo de conforto de *conforto moral*. A plena satisfação do conforto moral também é difícil, e a razão é simples: com a evolução rápida dos usos e costumes resultantes das novas condições de vida, surgidas em consequência da utilização prática do conhecimento científico, através da técnica, os homens intelectualmente mais amadurecidos se viram compelidos a adaptar as leis e portanto os princípios de justo, a novos tipos de relações humanas até então inexistentes, de sorte que, a grande maioria dos membros constituintes da sociedade desequilibra-se, tôda vez que for necessário enquadrar-se em novas modalidades de obrigações e de direitos, resultando daí os tão discutidos desajustamentos sociais. Poderíamos considerar, à parte, por tratar-se de movimentos anormais, brutais, destruidores e portanto indesejáveis, as guerras e revoluções como fatores desequilibrantes do conforto moral, mas, como a gênese dêsses acontecimentos não comporta a generalização necessária ao estabelecimento de causas e consequências lógicas, não trataremos dêles aquí.

Uma terceira modalidade de conforto seria aquêlê que resulta da har-

monização de nosso espírito, de nossa alma, enfim, dessa entidade extra-material que nos habita e preside nossas faculdades superiores, com Deus, como criador e reitor máximo de todos os fenômenos universais. Consideraremos êste conforto como sendo o *conforto espiritual*. Aparentemente êste aspecto do conforto ficaria subordinado à religião; entretanto, êle está além do conceito de religião, pois independe da espécie de crença religiosa que nos liga a Deus, e do próprio conceito que formamos da natureza divina. O conforto espiritual nos advém diretamente da harmonia que mantemos, através ou não da religião, com êsse Espírito de ordem superior, que cremos dirigir nossos destinos. Poderemos usufruir desta espécie de conforto independentemente da existência ou não do conforto material ou moral, desde que tenhamos a faculdade de crer em Deus e de nos pôr em concordância com o conceito que fazemos de sua natureza, mesmo que não possamos compreendê-la. Fica claro, em consequência, que aquêles que são incapazes de crer na existência de Deus, não poderão gozar, por não poder senti-lo, o conforto espiritual.

Pesando em conjunto as diversas espécies de conforto aquí expostos, poderemos afirmar, com boa margem de segurança, que o século XX poderá passar à história como o século do conforto, mas eu o batizaria de o século do conforto material, pois embora se tenham feito algumas realizações que podemos considerar como tentativas apenas, para o estabelecimento do conforto moral, o conforto espiritual está tão esquecido neste convulsionado século XX que mais valeria a pena dizer que êle foi banido ou ao menos esquecido pelo homem contemporâneo.

PAPEL SOCIAL DO OFICIAL

O julgamento. Fatores que influem — Conhecimento dos seus superiores e subordinados.

Dos momentos difíceis de nossa vida, devemos destacar para um plano superior, os que encerram julgamento, mormente quando está em jogo a honorabilidade de alguém e que não dispomos de elementos suficientemente poderosos, para ter uma nítida percepção do quadro, mas que por uma contingência de tempo e função, somos obrigados a proferir uma decisão.

— Quando se trata de julgamento para proferir crítica, seja no ciclo a que pertencemos, seja no de fôro íntimo, as mesmas dificuldades se apresentam, pois muitas vezes não dispomos dos fatores essenciais ao julgamento e o ângulo se modifica e aquilo que nos parece errado, dará bons frutos e o honesto para consigo próprio, fica decepcionado, condena-se e mentalmente se flagela, para mais adiante errar novamente e de erro em erro segue a vida, até que chegamos pela experiência e saber, sustentados por um caráter puro, a errar menos.

— Não obstante todas essas dificuldades, estamos sempre julgando — a vida é um constante julgamento e uma sucessividade de críticas. Se conseguirmos disciplinar os fatores de julgamento dentro de um determinado quadro, seguindo certas regras, teremos provavelmente conseguido, errar menos.

Ten. Cel. Ary Lopes, do E. B.

Primeiro de uma série de três artigos

O julgamento feito com coragem, lealdade, meticulosidade, procurando construir com tato, não despersonalizando, tirando do erro ensinamentos, recuperando antes que anulando, é sadio e dá resultados compensadores apesar do grande trabalho para se enquadrar nestes postulados.

— Devemos ter em vista que a covardia e a valentia são reações de fatores psíquicos da mesma origem. É uma questão que pertence à psique e uma análise honesta dos fatos nos levará a descobrir no valente de hoje o covarde de ontem e vice-versa. Os processos mentais que entram na composição das atitudes, podem ser determinados por causas várias e sempre explicáveis. Como há necessidade que somente exista o bravo, o leal, o desassombrado, precisamos trabalhar os caracteres, mas não devemos julgar apressadamente, se algum deles fracassar e sim procurarmos analisar com cuidado, para encontrarmos os fatores que decidiram daquela atitude.

— A principal função do oficial é conduzir, comandar homens. Este comando é firmado pela influência pessoal (caráter, preparo técnico — profissional, experiência e cultura

geral) e traduzido em ordens exequíveis, pois deve saber que podem ser cumpridas. Como transmiti-las aos seus subordinados? E' essencial que as conheça bem, porque é desse conhecimento que variará o modo de transmiti-las. O temperamento educado variará para cada ocasião e pessoa, tendo como constante o caráter, sobre o qual se assenta a profissão.

Para o julgamento sempre achei que os postulados que se seguem deram bons resultados.

1) — O Mando é uma exigência do serviço — mandar sem irritar ou magoar, comandar ensinando e sem choque;

2) — A cada subordinado corresponde uma atitude, um gesto, uma entonação de voz, pois cada qual representa uma personalidade, um complexo, do qual devemos ser donos absolutos;

3) — Ser sempre oportuno nas decisões e nunca generalizar, quando tiver que fazer observações, elogiando, criticando ou admoestando. Geralmente ninguém gosta e muitos se ofendem quando misturados;

4) — Ser sereno. Se o gesto fôr necessário, êle deve ser estudado e dado. O cuidado é que êle não ultrapasse uma certa vibração e impetuosidade, para que o seu efeito seja o justamente necessário e não provoque o escândalo, que desmoraliza e não constrói;

5) — Nunca prometer aquilo que não tenha certeza de cumprir — O subordinado também julga.

6) — Não ser prepotente — a acessibilidade gera a confiança e

ela a suavidade de comando e comando é julgamento;

7) — Um conselho premune uma falta muitas vêzes grave e de funestas conseqüências;

8) — Conheça o seu subordinado, desde o lar. Isto dá trabalho, mas compensa. O julgamento é facilitado quando se conhece o ambiente de onde êle provêio;

9) — Um soldado não é uma máquina; tem como nós um cérebro e um coração, nos quais devemos ter sempre um lugar seguro, pelas qualidades que temos e são essenciais ao comando;

10) — O êrro de um para ensinamento de outros, deve ser explicado com habilidade, para que não nasça um espírito de revolta. A prática indicará aos estudiosos muitas outras observações e temos certeza que a graça congênita e expontânea, o poder de irradiação que cada um possui e deve saber explorar; o conhecimento de uma série de segredos indemonstráveis, pelos quais um homem ou uma mulher se torna encantador no seio em que vive, seja êle qual fôr, rico ou pobre, numa cabana, oficina, navio, — quartel ou palácio, podem de forma real e efetiva exercer um poder incontestável e ser imitado, consciente ou inconscientemente por uma geração. Isto tudo se resume em que cada um de nós deve impôr a sua personalidade, no meio em que vive, com tato, sem quebrar a harmonia do conjunto — O trato com os superiores é mais fácil. Ele está sempre em condições de auxiliar seu subordinado. A linguagem que empregamos

tem sempre um denominador comum; êle percorreu os postos da hierarquia. A attitude deverá ser sempre de deferência, não comportando subserviência. Aos superiores aos quais se deve ter respeito, a intimidade não é cabível, porém não exclue que haja uma sólida e profunda amizade entre êles e seus subordinados.

— Não usar prolixidade. Ir direto ao fim. O tempo está encarecendo cada vez mais. Daqui não se conclue que se deve ser monossilábico ou de linguagem telegráfica. Uma das formas de cortezia e dignidade é ser sintético, sem ser grosseiro.

Um não, é construtivo, mas difficil de usar. Cuidado camaradas!

DEPOSITE AS SUAS ECONOMIAS NA

AGÊNCIA NOTURNA

DA

CAIXA ECONÔMICA DO ESTADO DE
SÃO PAULO

Aberta das 12 às 23 horas

Praça Ramos de Azevedo, 192 (ladeira do Esplanada —
Edifício C.B.I.) — S. PAULO.

— GARANTIDA PELO GOVÊRNO PAULISTA —

Empolgantes pescarias

NO AMAZONAS

O Tucunaré

A natureza fabulosa da Amazônia oferece mil-e-uma atrações... Hospede-se no moderno e confortável Hotel Amazonas, no "Inferno Verde" Varanda tropical, ar condicionado, Mandy-bar, apartamentos de luxo e super-luxo. Aberto o ano todo.



Informações também no:
"Departamento de Turismo, São Paulo"
Caixa Postal 1843
ou na sua Agência de Turismo.

PANAMA-Casa de Avelar

PROPRIEDADE DA PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO

REMINISCÊNCIAS

1.º ten. Juvenal Paixão Branco

Em dezembro de 1945, foi extinto o Pelotão de Capturas da Força Pública, que prestava a sua colaboração à polícia civil junto ao Departamento de Investigações.

Desapareceu depois de treze anos de duros e heróicos serviços prestados à Polícia, ao Judiciário e à coletividade bandeirante. Foram treze anos de rudes provas passadas em rincões de São Paulo, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e Paraná, e que foram vencidas à custa de excepcionais dotes de bravura e fortaleza de ânimo.

Era, realmente, da massa dos fortes e despreendidos que se tirava o soldado do Pelotão de Capturas. Porque só homens assim lograriam vencer ao mesmo tempo as insídias dos sertões e os «fora da lei».

Seus treze anos de vida representam uma verdadeira odisséia, tragicamente assinalada pelas cruces que, no seio misterioso das matas virgens ou na vastidão melancólica dos descampados ermos, indicam, aqui e ali, a queda de um herói que derramou sangue generoso e valente pela lei e pela civilização, sem titubear, ao expor a própria vida em benefício do próximo, como verdadeiro sacerdote, no cumprimento de sagrada missão.

Disse certa vez uma acatada autoridade policial: — «Durante meu exercício no cargo de delegado, tive

inúmeras oportunidades de constatar a eficiência e o valor do Pelotão de Capturas, no qual cada componente é um abnegado servidor da causa pública, arrostando as vicissitudes da missão com denôdo, motivo porque essa importante organização merece os nossos aplausos».

Sua tarefa transcendia, de fato, a de mero auxiliar da Justiça, para se constituir no moderno desbravador e civilizador dos nossos sertões, cujos perigos naturais estão conjugados ao rifle, ao punhal, ao revólver e à perfídia dos foragidos da justiça e dos bandoleiros e malfeitores que buscam refúgio no mais recôndito da nossa interlândia.

O desassossêgo e o temor espalhados pelos facinoras entre a gente proça e trabalhadora, desaparecia imediatamente à chegada dos bravos soldados que traziam como distintivo, em seus uniformes, uma grade dentro de um círculo.

Mau grado tudo, foi extinto o Pelotão de Capturas! Como é natural, essa medida levou grande alegria e contentamento aos criminosos foragidos e outros delinquentes que, aos milhares, se encontram homisados no interior, a maioria egressos de outros Estados. Por outro lado trouxe profunda tristeza aos seus leais e abnegados servidores. Ninguém se lembrou que a sua tarefa, das mais relevantes na repressão à

criminalidade e ao cangaceirismo, não deveria sofrer solução de continuidade.

Sempre será o sertão infestado pelos criminosos e foragidos da Justiça. E a luta, ali, há de ser constante, ininterrupta, sem tréguas. E' pena que não o houvessem compreendido. A minúscula unidade extinta, se agigantou na luta, durante os seus treze anos de existência. Quantas páginas heróicas escreveu, quantos momentos dramáticos viveu no mister de dar caça, a qualquer custo, a homens traquejados no crime, astuciosos e cruéis, sempre prontos a matar antes de se renderem! Quem não se recorda de Aníbal Vieira de Andrade, cognominado «Lampeão Paulista», o criminoso frio e romântico que, em companhia do célebre Olívio Marçal, o «Corta-Orelhas» (apelido trágico a que fêz jus, pois de fato cortava as orelhas de suas vítimas, como troféus...) e de outros do mesmo quilate, que por longo tempo trouxeram grande parte do interior de São Paulo, Mato Grosso e Minas Gerais em contínua intransigibilidade?

Quem não se lembra dos irmãos Domingos e Ovídio Ferreira, êste último morto quando resistia a um cerco da escolta de capturas, os quais à frente de um punhado de bandoeiros, ladrões e salteadores, espalhavam o terror entre a população da zona douradense?

E de Hermelindo Nunes da Silva, vulgo «Lino Catarina», que depois da morte de Aníbal Vieira de Andrade, em Minas Gerais, intitulou-se o novo «Lampeão Paulista», o qual depois de prender a guarda da cadeia

de Catanduva, deu fuga a dezessete companheiros, pondo em sobressalto tôda a zona compreendida entre Araraquara e Rio Prêto?

E Clementino de Arruda, temível bandoeiro, que depois de cumprir pena na Penitenciária do Estado, agia na região de Piracicaba e que só se rendeu à escolta de capturas depois de esgotada a sua munição e de mortalmente ferido?

E os irmãos Clemente, bandidos e ladrões perigosíssimos, que, chefiando um bando de malfeitores da pior espécie, em Birigui, sustentaram com o Pelotão de Capturas um cerrado tiroteio, ao cabo do qual jaziam sem vida dois dos nossos melhores camaradas, o anspeçada João Mendes da Silva e o jovem soldado Severino da Costa Sampaio?

E Joaquim, «Pintado», célebre criminoso, muitas vêzes foragido das cadeias de Monte Alto e de algures, que não titubeou um momento em fazer fogo contra o cabo Amadeu Salvino de Araújo, quando reconhecido, dentro de um vagão de passageiros, tornando-o inválido para o serviço?

Seria longo enumerar. Era com tais facínoras, ex-homens dispostos a tudo para escapar à Justiça, que tinha de se haver o Pelotão de Capturas.

A tradição e a farda da Fôrça constituíam bandeira de incitamento ao dever, para seus homens dignos e bravos.

—:—

Foi extinto o Pelotão de Capturas... Essas palavras soaram lúgubrememente aos ouvidos dos seus fiéis e dedicados servidores. São homens

rudes, férreos, batidos por tôdas as intempéries e muitos revezes; mas essa notícia confrangeu-lhes o coração. E muitos dêles derramaram lágrimas sentidas pelas faces causticadas pela soalheira do sertão, porque amavam devotadamente a sua pequena e briosa unidade e não puderam compreender e nem receber com impassibilidade o seu desaparecimento!

Durante a nossa longa carreira de soldado, confessamos, nunca nos fôra dado presenciar tão intensa e tocante demonstração de solidariedade e de verdadeiro «esprit de corps». E tal demonstração, partida de homens de ânimo aguerrido e físico bronzilado, como os do Pelotão de Capturas, é dessas coisas que nos inculcam uma invencível sensação de otimismo, um forte sentimento de brasilidade, e de confiança na raça e no porvir!

O «seu» Pelotão havia desaparecido! E aquêles homens profundamente sentidos, olhando para o distintivo, diziam: «já não podemos mais usá-lo. Será substituído por outro. E era o nosso orgulho! Era visto com tanta admiração, tanta confiança e respeito pela gente do interior, que o conhecia de longe».

—:—

O Pelotão de Capturas foi criado em 28 de dezembro de 1932, em substituição à famosa e tradicional SECÇÃO DE CAPTURAS, que teve como primeiro comandante, a figura legendária do «Tenente Galinha». A vida do Pelotão de Capturas foi curta, mas gloriosa a sua existência. Viveu treze anos, sem nenhuma pompa.

Nunca houve festas nos seus aniversários. Mesmo porque, os seus aniversários eram passados, em geral, no recesso hostil dos sertões, talvez em refregas duras e dramáticas... Nunca teve o Pelotão o seu «Papai Noel»... Sóbrio, modesto, disciplinado, viveu apenas para o dever. Dava tudo, sem nada pedir. Mas tudo isso foi sempre um estímulo para o cumprimento da sua sagrada missão de mantenedor da ordem pública, da ordem jurídica e da tranqüilidade da interlândia. Os maiores criminosos, delinquentes terríveis, condenados ou não, recolhidos às Penitenciárias e às cadeias do interior, passaram, todos, pelo Pelotão de Capturas. Os homens dêsse Pelotão estavam comprometidos de que a sua missão era de sacrifícios. E aceitavam-na, honrados.

—:—

Foi extinta, a pequena e valerosa unidade criada em 1932. Deixou de existir o Pelotão de Capturas! Porém, deixa após si uma bagagem imensa de trabalhos, sacrifícios e esforços. Deixa um passado relevante e heróico, que a posteridade forçosamente reconhecerá.

Não foi nosso intento, aqui, traçar a sua história, porque só uma pena de mestre o poderia fazer com brilho e com justeza.

Queremos saudar seus ex-componentes e reverenciar a memória dos seus mortos.

O «nosso» Pelotão foi extinto. Mas extinto de direito, porque de fato, nunca essa pequena e brava unidade se extinguirá no coração de cada um dos seus soldados!



Setima ARTE

“SEJA O CINEMA NACIONAL UM POUCO DE TODOS NÓS”

Texto do brilhante discurso pronunciado pelo sr. Fernando Bastos Ribeiro, chefe do Serviço de Censura, no ato do encerramento do I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro.

Aplaudido em pé, com o maior entusiasmo, pelas pessoas presentes ao ato de encerramento do I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro, o discurso de Sr. Fernando Bastos Ribeiro, chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas do Departamento Federal de Segurança Pública, que também representava o diretor do DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA, (Chefe de Polícia), constituiu uma das mais vigorosas manifestações patrióticas de toda aquela reunião de homens de cinema. Demonstrando ser um profundo conhecedor do assunto, o sr. Fernando Bastos Ribeiro foi tão feliz que, sem conhecer ainda as resoluções do Congresso, colocou com impressionante precisão tôdas as conclusões a que tinham chegado os congressistas.

Eis o texto de seu discurso:

«Considero a indústria cinematográfica nacional um imperativo inadiável para a nossa independência econômica. E quem diz indepen-

Ortiz Monteiro

Professor de “História do Cinema” do
Museu de Arte e produtor cinematográfico.

dência econômica pensa na própria liberdade política.

«Não venho fazer demagogia.

«Venho submeter a êste brilhante Congresso, a título de colaboração, o meu próprio pensamento. Quero fazê-lo às claras, sem rodeios, quiçá um pouco pessimista por vêzes, mas absolutamente confiante em que, um dia, em futuro bem próximo, estaremos presentes nos mercados internacionais, não como pedintes ou solicitantes importunos, mas como permutadores do bom pelo bom, só aceitando negócios que sejam de interesse para o Brasil e para os brasileiros, e, principalmente, nunca aceitando imposições de quem quer que seja.

«Grande papel é fadada a desempenhar, então, a indústria cine-

matográfica, se lhe soubermos dar, agora, o valor e a importância que merece.

«Vemos nos Estados Unidos ser essa indústria a terceira em importância.

«Vemos na Europa ressurgir essa indústria, fomentada pelos Governos, quase como meio de salvação nacional, para o equilíbrio das balanças comerciais desniveladas pelas guerras.

«Vemos em países americanos, como a Argentina e o México, a sua expansão e os resultados benéficos para as economias nacionais.

«E, entre nós, por que tardeia ela tanto a tomar o seu lugar entre as grandes fontes de produção? Vejamos as razões: Se analisarmos friamente as grandes organizações cinematográficas mundiais, encontraremos nelas três pontos básicos constantes:

«1) Grandes inversões de capitais realizados;

«2) Produção, distribuição e exibição enfeixadas nas mesmas mãos;

«3) Indústrias básicas e subsidiárias em trabalhos sincronizados com a produção cinematográfica.

«Entre nós, nenhum destes tópicos foi ainda realizado. Por isso, temos ainda pouco. Por isso, a nossa indústria de cinema ainda é incipiente e hesitante. Por isso, não tem ela ainda a desenvoltura que dá confiança e atrai capitais.

«A todos vós, senhores, aqui reunidos, que constituís os vanguardeiros desta grande realização que será o cinema nacional, eu dirijo agora a minha despretenciosa palavra de estudioso e de observador, que, do

fundo da alma, aspira ver o cinema brasileiro firmado em bases sólidas, produzindo em ritmo acelerado, e espírito, da nossa arte, do nosso amor à liberdade e à incomparável beleza das nossas coisas!

«Mas, para isso, sejamos objetivos. Nada de aventuras. Planeje-se tecnicamente e projete-se com sensatez. Então, os capitais aparecerão. Eles aí estão, nas gordas contas correntes bancárias, entorpecidos de preguiça, sem nada produzir, à espera dos 4% de juros anuais, quando a indústria de cinema, honestamente orientada, os poderá multiplicar.

«E' dêsses capitais que ela precisa. E não do enganoso capital oriundo dos empréstimos ruinosos!

«A faculdade de poder enfaixar produção, distribuição e exibição é decorrência da própria pujança econômica da indústria cinematográfica. Tenha ela, em número suficiente, filmes bons, e de preço igual ou mais barato que os concorrentes, amparados, os realmentes bons, por favores oficiais, e tal será a sua procura, tantas as suas vantagens, que as oposições e tropeços apostos por entidades rivais cederão desgastados.

«Virão, então, com tratamento de igual para igual, soliciatr o direito de viver também, ao invés de, como ora fazem, deixar viver...

«Que há, nesta abençoada terra, lugar e oportunidade para todos. O que é preciso é que as oportunidades sejam iguais...

«Para que esteja consolidada e invulnerável a indústria de nosso cinema, faz-se necessário que em re-

dor dela, qual satélites, fixem-se as pequenas indústrias, das quais seja o cinema o principal, se não o único consumidor.

«Que pensar de uma indústria cinematográfica que precisa importar seus filmes virgens? Que será sempre uma indústria subsidiária e que terá o seu desenvolvimento dosado e controlado por quem lhe queira vender esse produto. Nunca será autônoma.

«Esta é a velha e conhecida manobra muito do sabor dos trustes: reter um ou vários dos elementos essenciais para a produção de determinada indústria, e poder assim dominá-la.

«Tenham os Governos bem presente o que significa para a economia de uma nação uma poderosa indústria cinematográfica, em ciclo fechado, fabricando o seu próprio equipamento, lançando mão de matéria prima nacional, de idéias nacionais, de gente do Brasil, para fazer arte brasileira, que vá atestar mundo afóra, falando aos cultos e mostrando-se aos ignorantes, que há, na parte sul das Américas, um país novo e forte, senhor de seus destinos.

«Nenhuma proteção melhor poderá dar o Governo ao cinema nacional do que prestigiar o bom filme brasileiro. Ignore êle o mau produto, obra da aventura ou da mediocridade, que vem tentando, à sombra de uma legislação mal interpretada, embora bem inspirada, infiltrar-se e beneficiar-se. Crie-se-lhe um clima em que não possa viver e nem tão pouco possa, com sua presença, desvalorizar a produção, desacreditando-a no conceito público e desmoralizando-a.

«E que não se tenha pressa em aplicar impostos à indústria nascente, atrofiando-a ou asfixiando-a. Deixem-na crescer, desenvolver-se e dar frutos.

«O que então reverterá, através do imposto sobre a renda, será o centuplo do que uma arrecadação mofina e contraproducente poderá cobrar.

«O cinema nacional pode vir a ser uma realidade magnífica.

«Tem-lhe faltado o amparo material. Ele dispõe da excepcional inteligência de nossa gente, de uma rica e variada literatura, do folclore de três raças; de uma história que se articula com a própria história do mundo, de uma vida real agitada. Seleccionem-se os motivos, procure-se o grau de receptação da sensibilidade popular. Fuja-se à vulgaridade. Renuncie-se ao espírito de imitação. Cultive-se a originalidade e divulgue-se o belo.

«Seja o cinema nacional um pouco de todos nós. Use-se o incomparável encanto das nossas patricias, tal e qual elas são, sem atitudes sofisticadas nem pensamento de importação.

«Queremos ver os mais lindos cenários do mundo, que são os nossos, e queremos ouvir fundos musicais que nós mesmos compusemos ou cantamos.

«Já é tão rico o cinema brasileiro, e já tão precioso o seu manancial de matéria prima, tão justa a sua razão de existir, que parece-lhe faltar apenas ouvir a palavra do Senhor, a dizer-lhe: **ERGUE-TE E ANDA.**»

Determinação e desenvolvimento do VALOR PESSOAL

Terceiro de uma série de trabalhos de tradução e adaptação de instruções sobre o assunto, em vigor na Polícia Rodoviária do Estado de Ohio, EE. UU.

VII — DISCIPLINA

Considerado como tal deve ser, tanto a aceitação do estabelecido no R.D., como o procedimento em conformidade com suas regras:

1 — Da parte de todos os membros da organização;

2 — Da parte dos superiores quanto à sua aplicação e execução.

Por conformidade com disciplina entende-se:

1 — A irretorquível submissão às ordens e instruções;

2 — A disciplina de si mesmo, para conformar-se com as regras, regulamentos, instruções e ação conveniente a qualquer tempo.

A aplicação e execução do Regulamento de Disciplina significa a instilação do espírito de disciplina e a manutenção de operação disciplinada nos subordinados.

O propósito da disciplina na organização da Fôrça é reunir a pluralidade de indivíduos em si numa simples equipe coordenada.

Ela estabelece que a direção e o controle gerais provindos do Comando Geral devem ser mantidos e observados, como

o ponto chave do controle da autoridade.

Assegura o cumprimento e execução de ordens, instruções e intenções da autoridade central, uniformemente, por toda a organização.

Mantém o encadeamento da autoridade com o controle, o qual é essencial para que haja uma operação uniformizada por toda uma organização largamente disseminada no espaço.

Sem disciplina, cada homem estaria operando como um indivíduo, sem direção ou propósito, excepto com o que êle próprio estabelecesse.

O resultado apresentaria tão variadas espécies de operação quantos fossem os indivíduos.

São vantagens da disciplina para a organização:

— Operação uniformizada por todo o Estado;

— Direção de todos os esforços como que para produzir os resultados mais efetivos sobre toda a área considerada;

— Garantir o mais eficiente uso da energia do homem e do equipamento na execução do trabalho da organização;

— Execução de trabalho coordenado e cooperação entre todos os indivíduos da instituição.

A relação das vantagens a serem obtidas pela operação disciplinada seria infinita. Em suma, o resultado de uma bem disciplinada operação é a *obtenção do máximo de eficiência*.

A conformidade com a disciplina, da parte do indivíduo, compreende:

1 — submissão às regras gerais e regulamentos da corporação;

2 — submissão às ordens e instruções específicas da autoridade competente;

3 — execução completa de todas as ordens;

4 — aceitação das responsabilidades de seu posto;

5 — aceitação da responsabilidade de suas próprias ordens, instruções ou ações;

6 — conformidade com a conduta e a cortesia militares.

:: — ::

A aplicação e execução das regras de disciplina compreendem:

1 — A obrigação dos subordinados à obediência das regras gerais de disciplina;

2 — a instrução completa dos subordinados no que se relaciona com essa matéria;

3 — a manutenção do nível requerido de disciplina pelo uso de medidas adequadas;

4 — O estímulo do espírito de disciplina nos subordinados.

VIII — INICIATIVA e CONFIANÇA EM SI MESMO

As qualidades de iniciativa e confiança em si próprio estão intimamente associadas e geralmente se encontram juntas num homem. Onde uma for encontrada, a outra normalmente existirá também. Iniciativa é o "motu-próprio" que põe um homem a funcionar logo que perceba o que deve ser feito, ou logo que ele simplesmente veja que alguma coisa necessita ser feita.

Confiança em si mesmo é a confiança e a fé depositada no próprio eu, que lhe dá firmeza para ir em frente, desempenhando a tarefa sem procurar por assistência desnecessária.



1 PACOTE DE 400 GRAMAS

CUSTA MENOS

DO QUE 2 DE 200 GRAMAS!

AMIDO DE MILHO

MAIZENA

DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

TRIANGULO

De um modo geral, a natureza do serviço de todos os homens da organização é tal que freqüentemente se acham êles operando sòzinhos, ou de forma em que a supervisão e a assistência não estão ao seu alcance imediato. Em tais circunstâncias o indivíduo deve ter a iniciativa de resolução de qualquer tarefa que se lhe apresente, bem como a de conduzi-la até à conclusão. Também, por ser de seu dever trabalhar sem assistência, deve confiar em sua capacidade de, sòzinho, terminar a tarefa na maioria dos casos.

O trabalho na Fôrça nunca se tornará de rotina, se for feito com eficiência.

Todo homem deve continuamente ir ao encontro do trabalho que for do seu dever executar. O trabalho nunca deve vir a êle.

Daí a exigência dum resolutivo e consistente exercício de sua própria iniciativa. A natureza do serviço da Fôrça requer que o policial o execute de "motu-próprio", a sós, e sem assistência desnecessária. E agindo sempre com o máximo de confiança em si mesmo.

:: — ::

Espera-se que um homem possua iniciativa e confiança em si mesmo para:

1 — Desempenhar tôdas as tarefas e atividades que forem estabelecidas pela Corporação como sendo da competência de sua posição particular ou posto sem diligenciar ou esperar por ajuda ou conselho, excepto em circunstâncias excepcionais;

2 — Aceitar as responsabilidades que lhe foram acometidas;

3 — Ao presenciar um caso que êle possa resolver, tomá-lo a si e encaminhá-lo à solução sem hesitações;

4 — Aceitar novas tarefas levando-as a bom tôrmo e empregando, na sua consecução, o máximo de sua competência, quando exigida;

5 — Ter a determinação necessária para levar seu trabalho à conclusão e sem demora;

6 — Estar pronto para confiar em si próprio executando sòzinho suas tarefas.

É de se esperar que novos homens, e homens que estejam aprendendo como se desincumbir de novas tarefas, exijam certa assistência ou instrução até se tornarem familiarizados com o trabalho. Em tais circunstâncias a assistência é desculpável senão necessária, o que não ocorre no caso de um homem com experiência adquirida.

IX — CAPACIDADE DE AÇÃO

Por capacidade de ação se compreende a capacidade de idealizar meios e métodos para, com sucesso pleno, executar completamente uma obra.

As tarefas de um policial são qualquer cousa mais do que uma simples rotina. Novas situações e problemas de natureza nova ou estranha aparecem freqüentemente. Estes problemas e situações devem ser efetivamente resolvidos e conduzidos. Ao se defrontar com casos desta natureza, êle deve ser capaz de conceber as medidas que melhor lhe vistam as condições e que registrem para a organização, ao final, mais um serviço eficiente.

Um homem que possui tais recursos pode:

1 — Conduzir suas operações normais eficientemente;

2 — Descobrir caminhos e meios de completar operações novas e não familiares, com crédito para si e para a organização;

3 — Improvisar, com felicidade, quando facilidades normais e regulares não estiverem a seu alcance.

:: — ::

De um modo geral, homem de ação é todo aquê com o qual se pode contar na condução creditável de qualquer situação ou problema que se lhe anteponha no cumprimento do dever.

X — PRESTEZA E OBSERVAÇÃO

Por presteza se entende a qualidade de ser o indivíduo amplamente vivo e estar sempre pronto para agir sem demora.

Por observação se entende a capacidade de ver, ouvir e, de outra forma, tornar-se conhecedor de tôdas as circunstâncias que sejam úteis e que lhe possam vir a ser úteis no desenvolvimento de suas atividades.

Presteza e observação são de importância básica no trabalho de nossa organização.

O cumprimento da lei é baseado na capacidade de seus agentes em ver, ouvir e, de outra forma inteirar-se das ações do povo e das condições nelas preponderantes.

Ele deve ser bastante vivo e estar em guarda se quiser, com sucesso pleno, competir com as muitas personalidades diferentes e situações variadas com as quais terá que se defrontar na execução de suas atividades.

:: — ::

Um policial vivo e observador deve:

1 — Estar constantemente em dia com as condições e desenvolvimentos gerais relativos ao seu trabalho;

2 — Estar prevenido relativamente às ações do povo e de tudo o que

houver a seu respeito e de seu modo de agir;

3 — Estar sempre alerta e pronto para agir em qualquer direção, com a necessária rapidez, qualquer que seja a situação em desenvolvimento;

4 — Estar especialmente atento, observando as condições em que ações inesperadas ou perigosas possam desenvolver-se;

5 — Familiarizar-se, sem demoras, com as novas informações, emanadas do comando, que afetem o seu trabalho;

6 — Absorver de qualquer fonte capacitada novos e melhores conhecimentos técnicos e métodos que lhe sejam úteis, na maioria das vezes, na execução efetiva de seu trabalho.

XI — LEALDADE

Lealdade significa fidelidade e devoção àquilo que uma pessoa crê ser direito.

Lealdade pode ser aplicada ao país de um homem, à sua família, ao seu empregador, à organização que êle representa e a muitas outras cousas. A lealdade aqui assinalada é a que se refere à organização da Fôrça.

A lealdade de um homem é evidenciada por suas ações, suas palavras e pela posição que toma, em qualquer questão que envolva a organização da Fôrça.

A organização tem o direito de esperar que seus membros a amparem por suas palavras, ações ou qualquer outro meio à sua disposição. Por amparo do homem à organização deve ser entendida a sua colocação ao lado da Fôrça contra qualquer coisa que venha a prejudicá-la em seu conceito ou reputação. O oposto à ação leal é ação traiçoeira.

Lealdade à organização da Fôrça abrange também lealdade aos seus mem-

bro, não importando quais sejam seus postos ou posições. Simpatias ou antipatias pessoais não podem ser consideradas e não devem afetar um amparo leal do homem aos membros da Fôrça, quando as circunstâncias sejam tais que possam prejudicar a eficiência, a reputação ou o conceito de sua organização.

A organização da Fôrça estabeleceu padrões de Honestidade, de Integridade, de Eficiência e de Decência, com o objetivo de, tanto conquistar o respeito dos cidadãos e dos outros funcionários do Estado, como com o objetivo de se desobrigar de suas responsabilidades, da maneira mais eficiente possível.

A Jealdade entra em jôgo logo que qualquer membro da corporação com conhecimento de causa, para usufruir qualquer vantagem pessoal ou ganho, se conduz por palavras ou ações, contrariamente aos padrões retro citados.

Um homem leal deve:

1 — Dar seu constante amparo à organização e às suas operações e objetivos;

2 — Evitar ser o causador de descrédito para a organização, por suas ações ou palavras;

3 — Dar à organização o melhor daquilo que for capaz;

4 — Colocar o bem-estar e a reputação da Fôrça acima de quaisquer outras considerações.

XII — CORAGEM

Coragem num homem é o controle de si mesmo para superar o seu medo. Coragem não é audácia. Poucas pessoas são intrépidas. Coragem é uma qualidade especial do domínio de si mesmo que capacita o homem a su-

perar o medo, e a continuar com o que lhe é necessário fazer, sem lhe dar importância.

Coragem não é o mesmo que temeridade, posto que uma pessoa temerária possa ser corajosa. Temeridade significa exposição a desnecessários riscos pela sensação de heroísmo.

Muitos perigos surgem como parte do serviço do militar-policial. Êste deve, algumas vezes propositadamente, e em outros de surpresa, enfrentar perigos e vicissitudes que ao civil não se exige enfrentar.

Como ser humano que é, o policial está tão sujeito ao medo do perigo como qualquer outra pessoa. Ao invés de evitar o perigo, é, muitas vezes, seu dever superar seu medo e enfrentá-lo. Ê de seu dever superar a ambos — o medo e a oposição que o causa.

A coragem não requer se tomem riscos desnecessários.

Ela não impede que medidas e ações sejam tomadas para reduzir ou neutralizar um perigo, assim como para evitar uma ofensa. Espera-se que tais medidas sejam tomadas.

A coragem requer do homem a aceitação duma incumbência perigosa, sem se lhe furtar. Ela requer que ao se defrontar com um perigo, na execução de seu dever, empregue todos os meios dentro dos limites legais e da ética de sua profissão, com o objetivo de reduzir ou anular o perigo. Mas, esgotados êsses recursos, ela exige que o policial enfrente o perigo e cumpra o seu dever.

Outras causas de medo podem não envolver um perigo físico. Ao invés de físicos, são perigos morais. Ao invés de coragem física, requerem coragem moral. Coragem moral é menos espe-

tacular, mas exatamente tão importante para a organização como a coragem física. É mais fácil de ser violada ou relaxada do que a coragem física, porque a sua ausência é mais facilmente encoberta ou disfarçada ao raciocínio comum. Em aditamento, coragem moral não tem sido dramatizada como coragem física; a única recompensa para ela pode reduzir-se em fator de abôno de sua própria respeitabilidade. Pode ser que uma ação ou decisão moralmente corajosa venha a produzir imediato e violento criticismo, ainda que seus ilimitados benefícios sejam aparentes e substanciais.

Um homem moralmente corajoso deve:

1 — aceitar as responsabilidades de sua posição e a inteira responsabilidade por tôdas as suas ações e decisões;

2 — executar os deveres que lhe forem prescritos, a despeito de qualquer criticismo ou ridicularização;

3 — defender lealmente a organização, sem ligar importância à oposição ou à tentação;

4 — seguir com determinação um curso de ação que êle sabe ser a correta.

XIII — HONESTIDADE E HONRA

Por honestidade se entende a equidade e a justiça com as quais um homem se conduz em seus tratos com os outros.

Por honra se entende seu apêgo a uma norma de ação que é superior àquela da honestidade comum.

A honestidade comum requer que um policial seja escrupulosamente reto, justo, sincero, razoável para com o público, para com outros funcionários do Estado, para com os companheiros e

superiores e, principalmente, para com a organização.

Sua honra, como um policial da Força Pública, vai mais longe. E a ser-á evidenciada por uma norma de conduta e ação imposta a si mesmo na qual estará abrangido tudo o que for honestidade e mais alguma cousa.

A honra de um homem é o melhor que nêle está contido. A honra de uma organização é a mesma cousa.

A falsificação num relatório que infringe direitos de uma outra pessoa, mas que dá indevida vantagem ao policial relatante, é um exemplo de ação desonrosa.

A honestidade e a honra de um membro da organização exigem que êle:

1 — Seja escrupulosamente sincero e verdadeiro em seus tratos com tôdas as outras pessoas;

2 — Seja verdadeiro em seus relatórios;

3 — Recuse afrouxar no cumprimento dos seus deveres em troca de qualquer consideração ou vantagem;

4 — Se atenha a padrões de ação e conversação que se coadunem com a honra da corporação.

XIV — CAPACIDADE DE COMANDO (LIDERANÇA)

É a qualidade evidenciada pelo homem de comandar outros indivíduos. É uma qualidade ou capacidade que faz com que os subordinados por si impulsioneados dêem o melhor de seus esforços, resultando num máximo de efetividade e de eficiência para o serviço da unidade considerada.

A capacidade de comando pode ser evidenciada tanto em homens da organização em que estejam exercendo função de comando, como num policial

mandando em civis ou em outros funcionários que, em circunstâncias várias, lhe devam prestar obediência quando no cumprimento do dever.

A mecânica da disciplina força subordinados a se conformarem com ordens e diretrizes, enquanto que a capacidade de comando não somente inspira nos subordinados essa conformação como também os move no sentido de darem o melhor do que lhes seja possível, no desempenho do serviço policial.

Não se consegue obter capacidade de comando por meio de complacência ou frouxidão. Ela requer que haja tanto a disciplina estrita dos subordinados como a estrita disciplina do próprio comando. Não exige necessariamente, e nem sempre pode requerer um sentimento pessoal de amizade. Ela exige e sempre requer que haja o respeito e a confiança dos subordinados. Esse respeito e confiança são atingidos e conquistados de uma só forma, pela evidência constante de que o COMANDANTE de fato as merece.

Para conquistá-las êle deve:

— Envidar constante esforço para melhorar sua própria competência e conhecimento;

— Prover constantemente o desenvolvimento da competência e eficiência de seus subordinados;

— Ser sereno e imparcial no trato com subordinados;

— Ser leal para com seus homens;

— Estar constantemente empenhado na consecussão do bem-estar de seus homens, e com tudo aquilo que estiver sob seu próprio contrôle;

— Constituir, por seus próprios atos, um exemplo digno de ser imitado pelos seus homens.

A capacidade de um homem como *chefe* é evidenciada:

— Pelo moral, eficiência e cooperativo trabalho de equipe de seus subordinados;

— Pelo respeito de seus subordinados e de seus colegas;

— Pela pronta cooperação que êle recebe do público quando êle o dirige e controla no exercício de seus deveres.

:: — ::

Em operações em que seja necessário ao policial dirigir e controlar civis e outros, sua posição de autoridade ampara-se na Lei e sua capacidade de comando, no respeito e confiança depositada pelo público em geral, na organização da Força. Suas próprias ações e operações devem ser merecedoras deste respeito e confiança.

Comércio e Indústrias Arguiso Ltda

FORNECEDORES DA FORÇA PÚBLICA,
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 925

Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397

— End. Teleg. «ARGUIISO»

— SAO PAULO

O "GUARANY TEÓRICO"

Cap. Adauto F. Andrade
Terceira de uma série de lições

Resta-nos, para terminar esta parte, estudarmos o y ou ye com seus três fonemas diferentes que são:

- a) — pálato lingual
- b) — gutural
- c) — gúturo-nasal

Se, porém, concorrem dois yy, o primeiro será sempre consoante e o segundo, vogal gutural, como (yy... cosido), (yyvá... braço).

No primeiro caso o y tem o som do j francês em je.

Ex.: yagua
ywayterra
symãe
apáydespertar

Estes exemplos e considerações se referem ao y com os três fonemas acima referidos. E no terceiro caso, só mesmo a prática com um paraguaio é que nos poderia dar o som gúturo-nasal.

Ex.:
petytabaco
che'yrehesem mim
py'yia miudo

Contudo, podemos adiantar que o som do y gúturo-nasal é típico da linguagem primitiva.

Ortografia

A ortografia seguida é a recomendada, porque não temos uma própria, em português, a adotada por «Cultura Guarani», ligeiramente retocada. Nestas condições são acentuados os vocábulos esdrúxulos e agudos, mudados, no entanto, quando causarem dúvidas.

Ex.:
oimeméramo se há
aipotá desejo
ndaicuaái não sei

Se um vocábulo leva duas ou mais vogais nasais com o til, o acento tônico recái sôbre a última nasal.

Ex.:

haguã para
ãcã cabeça
ãcãhãtã cabeçudo

Excetuam-se estes dois casos: *terã* (ou), com acento na primeira vogal e, e *anítei* com acento no primeiro i

A vogal que vem depois do apóstrofo leva sempre o acento sem necessidade de indicá-lo.

Ex.:

pya'e (com acento em e) pronto
py'yi (com acento no segundo y) freqüentemente.

O apóstrofo é usado para indicar uma vogal destacada.

A divisão dos componentes da palavra, até certo ponto, segue o caráter aglutinante do guarani. Quanto mais seccionada a escrita dos vocábulos, tanto mais claro se tornará.

Cardoso, Irmão & Cia. Ltda.

DEPÓSITO ALIANÇA

Estrada da Cantareira N. 214 - Tel. 3-8478 - S. PAULO



FERRO, TELHAS, CAL, CIMENTO, MANILHAS, TIJOLOS, PEDRA
BRITADA, ESQUADRIAS, VITRAUX, TANQUES, DEPÓSITOS PARA
ÁGUA, BALAUSTRAS, PREGOS, ARTIGOS SANITÁRIOS, FERRA-
GENS EM GERAL, MADEIRAS EM BRUTO E APARELHADAS, ETC.

REPARANDO INJUSTIÇA

A LEI N. 248 E SEUS EFEITOS

«Militia» sente-se na obrigação de esclarecer os seus leitores sobre o alcance do projeto de lei n.º 248, contrapondo-se a explorações de caráter político, com objetivos meramente eleitorais.

É realmente confrangedor que tais explorações tenham sido feitas justamente por dois oficiais superiores, que desempenham cargos eletivos, imprimindo àquela lei um caráter faccioso e altamente subversivo, desde que procuram, pela imprensa e das tribunas, desvirtuando-a na sua interpretação, fazer contraporem-se na Fôrça Pública os círculos hierárquicos, tentando transformá-los em classes que se degladem.

Assim procedeu o major Cantídio Nogueira Sampaio que, no momento em que se homenageava a Fôrça Pública, quando da passagem do seu aniversário de criação, em sessão da Câmara Municipal, lançou contra a oficialidade da Corporação o mais demagógico ataque, acusando-a de atassalhar direito já conquistado pelos sargentos, desde que se empenhou em favor da lei n.º 248, já aprovada pela Magna Assembléa Legislativa do Estado, ora dependendo da sanção do exmo. sr. Governador.

As afirmações inverídicas e afrontosas do vereador Nogueira Sampaio, que apela dramaticamente para as glórias da Revolução de 1932 — partindo justamente de quem, embora paulista, naquele doloroso transe da terra de Piratininga, se recusou a prestar o seu concurso de sangue — dizem bem do valor e do significado de seus objetivos.

Com menor agressividade, e mantendo uma linha ética de que se afastou o major Cantídio, também o tenente coronel José Porfirio da Paz incide em grave injustiça para com a Corporação, porque, defendendo a exclusividade duma lei de sua autoria, esqueceu-se de que o projeto de lei n.º 248 sana justamente uma anomalia a que êle deu causa, eliminando privilégio concedido apenas a subtenentes e 1.ºs sargentos, para estender a tôda a Corporação indistintamente, isto é, de soldado a coronel, as mesmas vantagens antes restritas às duas graduações da hierarquia.

O projeto de lei n.º 248, cujos benefícios têm sido omitidos pelos interessados nesta campanha de desagregação, engendrada por espíritos oportunistas, prevê, em seus artigos, o seguinte:

ARTIGO 1.º — Os oficiais e praças da Fôrça Pública do Estado poderão ser transferidos para a reserva ou reformados, a pedido, com os vencimentos integrais do posto ou graduação imediatamente superior, desde que contem entre vinte e cinco (25) e trinta e cinco (35) anos de serviço.

ARTIGO 2.º — Os oficiais e praças compulsados por limite de idade ou julgados inválidos para o serviço policial-militar gozarão das vantagens do artigo anterior, se contarem vinte (20) ou mais anos de serviço.

PARAGRAFO ÚNICO — Quando a invalidez tiver por causa a lepra, a tuberculose, a ozena, a cegueira total ou pênfigo foliáceo, as vantagens dêste artigo serão devidas, qualquer que seja o tempo de serviço.

.....

ARTIGO 4.º — Os aspirantes, subtenentes, sargentos ajudantes e primeiros sargentos, que forem reformados nos termos da presente lei, perceberão os vencimentos integrais de segundo tenente.

ARTIGO 5.º — As vantagens desta lei não excluem as vantagens a que fazem jus os participantes ativos da Revolução Constitucionalista de 1932, nos termos do artigo 7.º e seus parágrafos, da Lei n.º 211, de 7 de dezembro de 1948.

A simples análise dos artigos acima transcritos revela que nada justifica o pedido de veto a uma lei equânime, que encerra elevados objetivos morais e assistenciais.

Nem procede se acolme de injusta a referida lei posta em paralelo com a lei n.º 501, porque o artigo 4.º da lei n.º 248 mantém as vantagens atribuídas aos subtenentes e 1.ºs sargentos pela lei n.º 501, pois os eleva da mesma forma à situação econômica de 2.º tenente.

Não os promovendo ao posto de 2.º tenente ressalva apenas interesses e responsabilidades de ordem militar atribuídas à Fôrça Pública, como polícia militar, pelo Decreto-lei n.º 413, de 1938, que trata do seu enquadramento no plano de organização do Exército Brasileiro.

A lei n.º 248 nem constitue um óbice ao acesso dos sargentos ou mesmo de praças de menor graduação ao oficialato.

Os regulamentos da Fôrça têm sempre prodigalizado meios nesse sentido e em abono podemos afirmar que grande parte dos oficiais pro-

vêm dos quadros de praças, como é exemplo frizante o próprio major Cantídio.

A existência do QUADRO DE OFICIAIS AUXILIARES DE ADMINISTRAÇÃO é uma prova do cuidado das autoridades em oferecer oportunidade às praças de ascender ao oficialato, de vez que se destina exclusivamente aos elementos provindos do círculo das praças. Ainda, se de fato é uma aspiração dos subtenentes e 1.ºs sargentos a sua reforma no posto de oficial, a lei n.º 248 não será impeçlho para que novas formas de acesso venham a ser cogitadas, acautelando-se as exigências técnicas indispensáveis.

O que cabe lamentar é o retardamento da aprovação do projeto n.º 248, devido aos trabalhos de obstrução que impediram fôssem beneficiados todos os soldados, cabos, terceiros e segundos sargentos, reformados por diversos motivos ou falecidos nestes últimos três anos.

Esta é a verdade dos fatos.



Não torcerás o juízo, não farás acepção de pessoas, nem tomarás peitas; porquanto a peita cega os olhos dos sábios e perverte as palavras dos justos.

Moisés



MILITIA

Miliciano,

a

SEC. REEMBOLSÁVEL DO S. I.

(Quartel do S. I. — Rua Alfredo Maia, 194)

defende os seus interêsses
porque oferece o que Você
necessita, a preços inferiores
aos da praça.

Faça-lhe uma visita _____
_____ logo que puder

"Militia" sairá mensalmente em 1953!

Nossos leitores e assinantes serão beneficiados com a maior atualização do texto e o barateamento do custo da revista.

Com este volume, "Militia" inicia o seu 6.º ano de vida editorial. Basta este fato para testemunhar a nossa perseverança e a acolhida que os nossos leitores vêm dispensando a esta publicação. A recompensa moral que esperávamos, foi alcançada.

Existiram sempre, para nós, duas grandes preocupações:

- melhorar a revista mais e mais, mormente através da atualização do seu texto;
- evitar novos sacrifícios aos assinantes, que se traduzissem pelo aumento periódico do custo da revista.

Foi por isso que a Diretoria resolveu tomar esta medida sem precedentes:

"MILITIA" SERÁ PUBLICADA MENSALMENTE!

"MILITIA" SERÁ MAIS BARATA!

Com periodicidade mensal — consoante previsão do seu regulamento — a revista não só poderá dar maior vazão às colaborações que vem recebendo, como ainda poderá informar com mais atualidade a respeito de assuntos de interesse geral, através do seu noticiário, bem como cuidar da organização de novas secções que possam interessar aos seus leitores.

Por outro lado, embora o custo da assinatura anual passe a ser de 50 cruzeiros, a revista baixará de preço, de vez que os assinantes receberão, ao invés de seis, doze números por ano. Dêste modo, fica anulado o aumento que fomos obrigados a fazer para 1952, PASSANDO CADA EXEMPLAR A CUSTAR, DE NOVO, 5 CRUZEIROS. VOLTAMOS, ASSIM, AO MESMO PREÇO DE 1947, quando "Militia" foi lançada no mundo das revistas.

Não acha Você, leitor amigo, que esta baixa de preço é uma verdadeira façanha, nestes tempos, em que tudo sobe, forçado pela espiral da inflação?

Nós achamos. E nos orgulhamos dela.

60.º ANIVERSÁRIO DO REGIMENTO DE CAVALARIA

*Texto do cap. Plínio D. Monteiro
Fotos de Ludovico Parashin*



A 11 de outubro, comemorou o Regimento de Cavalaria seu 60.º aniversário de fundação; 60 anos de bons serviços acompanhando de perto o progresso crescente da Pátria.

Quando, por indiscutível necessidade da São Paulo de então, se criou, em 1831, o Corpo Municipal Perma-

nente, aparecia já no seu pequeno efetivo de 130 homens (que afinal não era tão exíguo si considerarmos a população da Capital naquêles dias da Regência), uma Secção de Cavalaria — semente da arma dentro da Corporação. Denominou-se mais tarde Cia. de Cavalaria, e finalmente, em 1892, pe-



CEL. CANDIDO BRAVO
Comandante do Regimento

las Leis 97-A e 97-B, passou a Corpo de Cavalaria, com um efetivo de 252 homens compondo dois Esquadrões, sendo seu primeiro comandante o ten. cel. Joaquim Inácio Batista Cardoso. Foi,

a cooperar com seus poucos recursos na solução de transcendentos problemas de ordem pública, a Cavalaria da Fôrça branhou, cumprindo com dignidade o seu dever. Sempre, mesmo com sacrificio de vidas preciosas, quando assim foi necessário, auxiliou a manter a estrutura dos poderes legalmente constituídos e a segurança da vida nacional. Já no Segundo Império a história do Corpo de Cavalaria se engalanou na Revolução Liberal de 1842, na fúria sangrenta da Guerra do Paraguai, mais tarde na Consolidação da República, nas lutas ferozes de Canudos, e em quase tôdas as demais convulsões intestinas que afligiram o País. Em 1932, epopéia gloriosa dos paulistas, deu o Regimento de Cavalaria todo o



O sr. Elpidio Reali, Sec. da Seg. Pública, em companhia do cel. Zerbini e outras autoridades.

portanto, em 1892, que a Cavalaria da Fôrça se constituiu em Unidade, em 1918 veio a se chamar Regimento de Cavalaria.

É justo lembrarmos aqui os fatos mais significantes da história do Regimento de Cavalaria.

Em tôdas as ocasiões em que foi chamado pelos altos interesses da Pátria

seu apóio e tôda a sua capacidade de trabalho, ao esforço comum com que São Paulo procurava trazer o País para a Constitucionalização e para a Legalidade.

O Regimento (como as demais Unidades antigas da Fôrça), a par de manter as tradições gloriosas de seus antepassados, apresenta, dentro da sua



Oficiais do Regimento de Cavalaria

nova fixação, já não mais somente aquêles esquadrões militarmente organizados, que prestaram outrora grandes serviços nas ocasiões em que houve necessidade de devolver a ordem às zonas devastadas pela intranquillidade, mas também esquadrões atualizados no policiamento. Assim, sua organização atual compreende: — 1 Esq. Cmdo., com os órgãos de administração; 1 Esq. Fzo. (I Esq.) destinado ao serviço interno, escoltas, etc.; 2 Esqs. de Policiamento (II e III Esqs.), a quem cabe o serviço de patrulhamento a ca-

valo e serviços externos de um modo geral; 1 Esq. de Destacamentos, que se encontra todo distribuído pelas seguintes cidades: — Presidente Venceslau, Santos, Sorocaba, Piracicaba, Araquara e Bauru, e no bairro de Buntã, com a missão de cooperar com os elementos de infantaria daquelas regiões no serviço de policiamento do nosso Interior.

Por falta de efetivo, estão presentemente vagos os destacamentos de Sto. André, Ribeirão Preto, Taubaté, Campinas e Guarulhos.

O emprêgo de patrulhas de Cavalaria para o policiamento duma imensa cidade como São Paulo, é aparentemente dispensável; mas cidades modernas, (e para citarmos um exemplo — New York), empregam o cavalariano no seu policiamento preventivo, apesar de seus países contarem com uma alta

empenha a Administração da União, na reconstrução das báias, medida essa que já se vinha tornando necessária há bastante tempo.

Atualmente é o Regimento comandado pelo cel. Cândido Bravo, oficial que fêz quase tôda a sua carreira na Cavalaria, e é, portanto, perfeitamen-



Os participantes da prova hípica se apresentam às autoridades

capacidade de motorização. Assim é que, atualmente, as nossas patrulhas que se destinam à periferia da Cidade Gigante, são encaminhadas a êsses pontos longínquos em caminhões especiais para o transporte de cavalos, levando nossos homens para o patrulhamento dentro das frígidas noites de inverno, ou sob a chuva inclemente, a fim de velar pelo sono dos habitantes pacatos que, dentro da madrugada, buscam o descanso reparador para mais uma jornada de trabalho em prol do progresso da Metrópole dinâmica.

As atuais instalações do Regimento de Cavalaria são modernas, e se

te capaz de dirigi-la, visto conhecer de perto seus mínimos problemas. Conta êle com o serviço e a cooperação dos seguintes oficiais: — majores Hugo Bradaschia e José Ribamar do Amorim, respectivamente sub-cmt. e fiscal adm.; ajudante, cap. Plínio Desbrousses Monteiro; tesoureiro, 1.º ten. Bráulio Guimarães; secretário, 2.º ten. Raul Humaitá Vila Nova; almoxarife-aprovisionador, 2.º ten. aux. de adm. Gumerindo Guimarães; nos esquadrões, mais os seguintes: caps. Hugo de Almeida Portela, Juvenal Vieira e Adérito Augusto Ramos; 1.ºs tens. Roberto Mondino, Anselmo Peres e Roldão Noguei-



O ten. José Gominho da Costa, vencedor da prova, saltando um obstáculo.

ra de Lima; 2.ºs tens. Wilson Vasconcelos, Mário Máximo de Carvalho, Gastão von Hulsen Tosta, Raul Ximenes Galvão, Nelson Tranchesi, José Gominho da Costa, e Edgard Ruzzante (êste último comandando o Destacamento de Presidente Venceslau). A F.S.R. é chefiada pelo cap. med. Dilermando Coelho Brisola e o Gabinete Dentário está a cargo do 1.º ten. dentista Roberto Otávio Marinho de Azevedo. Conta ainda o R.C. com a Formação

Veterinária chefiada pelo cap. vet. Osvaldo Spartaco Fabbri, tendo como auxiliares o 1.º ten. vet. Manoel Cosentino e o med. vet. civil Rodolfo de Melo Barros.

Na França, a fim de freqüentar o Curso de Equitação de Saumur, aperfeiçoando os seus conhecimentos na arte eqüestre, se encontram presentemente os caps. Fernando Henrique da Silva e Félix de Barros Morgado e o 1.º ten. Sílvio Marcondes Rezende, altos expo-

entes da capacidade hípico-esportiva da Fôrça Pública.

O Regimento conta ainda com a vantagem de apresentar, destacadamente, os seus oficiais, à sociedade paulista, onde êles têm elevado o nome da nossa Corporação nos concursos hípicos, desde as primeiras provas dêsse aristocrático esporte, sendo mesmo, por assim dizer, um dos seus maiores incentivadores.

Nos demais esportes tem o Regimento, dentro da Fôrça Pública, sido sempre um competidor temível, como prova a grande quantidade de taças existentes nos salões do quartel da rua Jorge Miranda.

E não seria justo esquecermos o esforço dos rapazes da Escola de Volteio e Adestramento, que além de se dedicarem ao adestramento dos cavalos novos, têm sido um motivo de atração e de sucesso em muitas festas em que se apresentam, quer na Capital, quer no Interior do Estado, onde são conhecidos como "Cossacos da Fôrça Pública".

Para as comemorações do seu 60.º ano de existência, organizou o R.C. o seguinte programa, que muito agradeu às autoridades presentes:

— às 8 horas, hasteamento da Bandeira, pelo exmo. sr. Governador do Estado, dr. Lucas Nogueira Garcez, e leitura do Boletim Comemorativo diante da tropa formada em uniforme de gala; — em seguida se realizou a prova pedestre "Ten. Ângelo Bernardelli", entre elementos da Fôrça Pública, tendo o cabo José Edésio de Araujo, do R.C., conquistado brilhantemente o 2.º lugar; — sucedeu-se uma "Ginkana", entre cabos e soldados do Regimento, saindo vencedor da mesma o sd. Francisco Faria.

Uma prova de saltos de obstáculos entre oficiais teve o seguinte resultado final: vencedor, com zero ponto perdido por falta, 2.º ten. José Gominho da Costa, montando "Borracha"; 2.º colocado, 2.º ten. Mário Máximo de Carvalho, conduzindo "Cacé"; 3.º lugar, cap. Félix de Barros Morgado, sôbre "Marambaia";

A "Prova XI de Outubro", para sargentos, foi realizada no dia 8, a fim de não tornar muito extenso o programa da data do aniversário, e após disputadíssima competição chegou ao fim tendo o resultado que segue: 1.º lugar, 2.º sgt. Domingos Virgílio da Silva; 2.º lugar, subten. João da Costa e Oliveira Jr.

A classificação com montadas próprias foi esta: 1.º lugar, 1.º sgt. Manoel Longo da Silva; 2.º lugar, 1.º sgt. Temístocles Holanda Lima.

Após as acrobacias da Escola de Volteio, um coquetel foi oferecido às autoridades, oficiais, famílias e convidados, encerrando a manhã festiva.



FONTE DO ENCANTAMENTO

Inauguração, a 28 de setembro, na Suíça Brasileira.

Texto do cap. Bento B. Ferraz
Fotos de Ludovico Paraschin



Bangalós policrômicos, incrustados na serra

ESTAMOS a 28 de setembro de 1952. Madrugada ainda, forma-se o cortejo de caravanistas em demanda a Campos do Jordão.

As margens do lendário Tietê, junto à Ponte das Bandeiras, se pos-

tam grandes ônibus especiais que se vão lotando e deslizando pela úmida fita de asfalto da São Paulo-Rio.

Por meios próprios de condução já se deslocam, rumo à serra, outros inúmeros associados do Clube Mili-



O governador Garcez descerra e lê a placa alusiva ao ato.

tar da Fôrça Pública, pessoas gradas e visitantes convidados. Cêrca de onze horas se encontram todos no «Vale do Encantamento», local aprazado para a reunião. Ali se acham, desde as vésperas, dezenas de crianças bulhentas, cheias de vida e alegria, filhos de praças da Corporação.

Extasiada e curiosa, se derrama pelos recantos da Colônia de Férias do Clube Militar da Fôrça Pública, a multidão colorida. Investiga e admira os detalhes da grandiosa obra e se deslumbra ante a paisagem rutilante e agreste que o incrustamento dos multicôres bangalôs nas encostas das elevações oferece, em flagrante contraste com o fundo verde da região, até o azulado horizonte. E à admiração dos visitantes se sucedem as alamedas coleantes, em suaves curvas, deixando às margens os parques, bosques e as rampas íngremes recobertas de vegetação, tudo sublimando a natureza exuberante! Os lagos, as pontes, a praça de esportes, a ponte pênsil, o parque infantil e o pavilhão-sede completam o be-

líssimo conjunto. Nada foi descuidado quanto ao confôrto.

Magnífica estrada de rodagem liga o Vale a Campos do Jordão. A Colônia está provida de fôrça elétrica abundante e de água, captada na própria fonte, em tôdas as suas dependências. Dispõe de serviço de rádiocomunicações. No edifício coletivo, em estilo rústico, esplêndidamente intalados, se encontram o refeitório, bar, salão de festas e de recreios diversos.

E é neste ambiente que, mais ou menos às doze horas, os caravanas, orgulhosa e bizarramente, vão



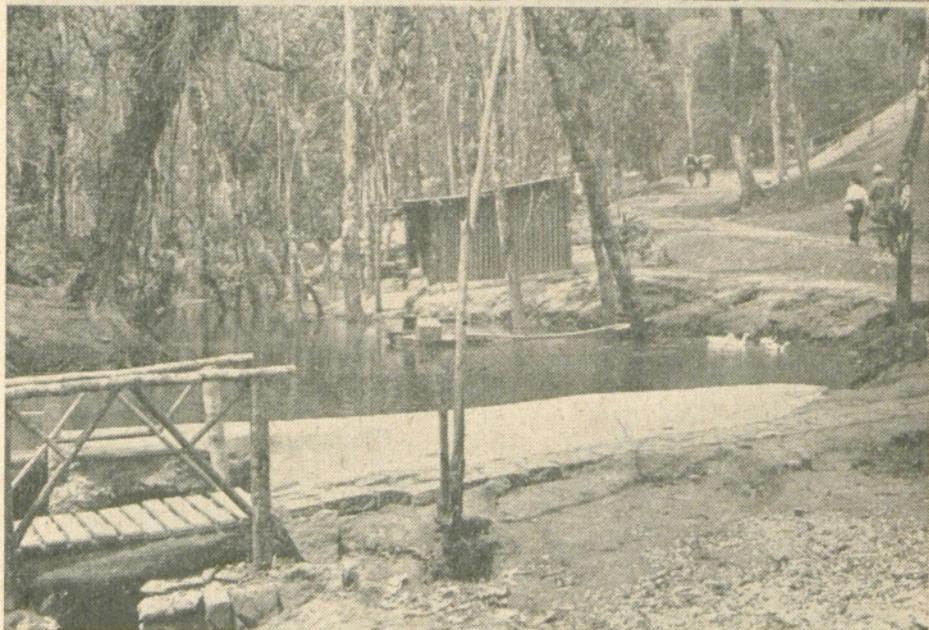
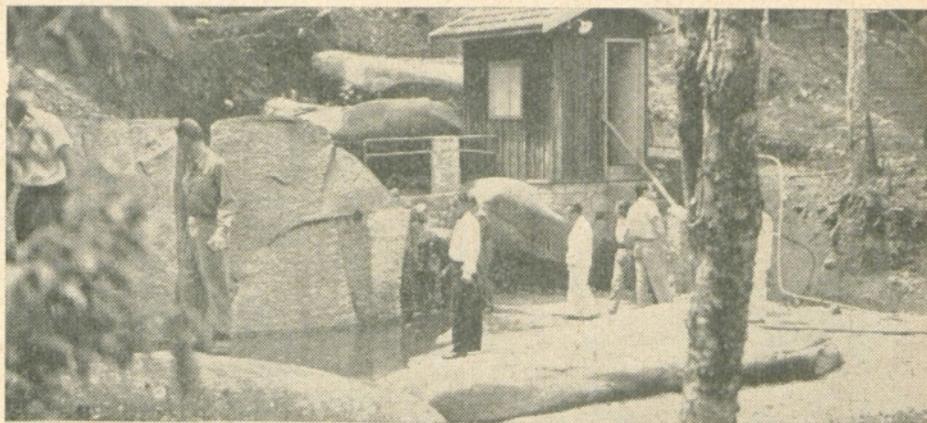
Dna. Carmelita Garcez e seu espôso se dirigem à Fonte do Encantamento.



AUTORIDADES PRESTIGIAM A REALIZAÇÃO

Os clichês materializam o estímulo e apóio que o Chefe do Executivo paulista e demais autoridades vêm emprestando à Diretoria do Clube Militar.



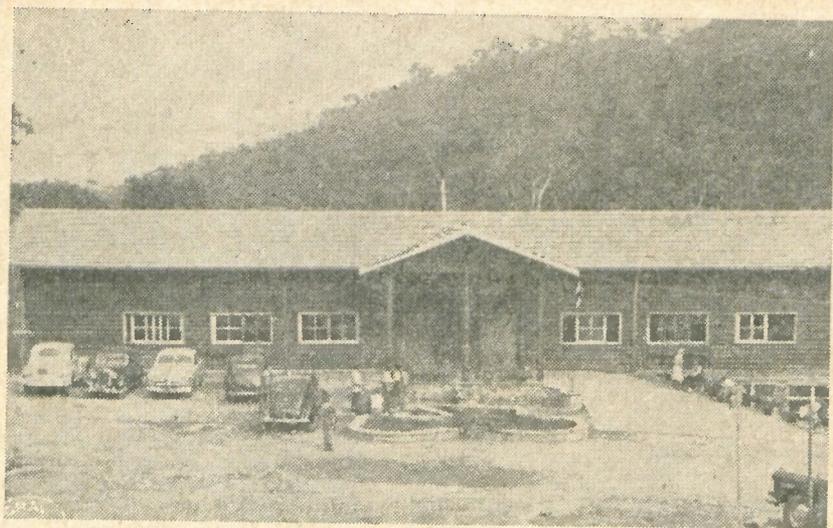


A fonte e o lago

se reunindo na praça principal, onde recepcionarão as autoridades e visitantes ilustres, para, numa festa de comunhão espiritual, levarem a efeito a inauguração da gigantesca obra. Comparecem, como convidados de

honra, o ilustre Governador do Estado, dr. Lucas Nogueira Garcez e dona Carmelita Nogueira Garcez.

A seguir, entre outros, vamos anotando a presença do Dr. Elpídio Reali, Secretário da Segurança Pú-



O pavilhão-sede, visto sob dois ângulos.





Grupo de caravanistas.

blica; ministros Luiz Pereira de Campos Vergueiro e Luiz Câmara Lopes; deputado Arnaldo Cerdeira, prof. Arí de Albuquerque, representante do Presidente da Assembléia Legislativa, ceis. Coriolano de Almeida Júnior e João de Quadros; ten. cel. Alfredo Condeixa Filho e Dr. Paulo Cury, respectivamente prefeito de Ribeirão Preto e Campos do Jordão; ten. cel. José Arthur da Mota Bicudo, presidente do I.P.E.S.P. e ten. cel. Vicente Ságuas, diretor do Serviço de Trânsito.

Registrámos, ainda, a honrosa presença de várias delegações das polícias-militares do Brasil, do cel. Eleutério Brum Ferlich e do dr. Orestes de Almeida Guimarães, nomes estreitamente ligados ao empreendimento, pelo auxílio e cooperação que prestaram à Diretoria do Clube Militar.

Após procederem a demorada visita às dependências da Colônia, acompanhadas pelo cel. Odilon Aquino de Oliveira, presidente do Clube e por outros membros da Diretoria, as autoridades se dirigiram ao pavilhão principal, onde foram saudadas pelo cap. Osvaldo Feliciano dos Santos, em nome da associação. A seguir, o Governador do Estado procedeu ao descerramento da placa em bronze, alusiva à inauguração. No salão de festas, o cel. Ferlich, em brilhante improviso, historiou a origem da grandiosa obra inaugurada, pondo em destaque a personalidade, o idealismo e a tenacidade do cel. Odilon Aquino de Oliveira, a cuja capacidade invulgar de enfrentar e vencer obstáculos, se deve a realização.

Autoridades e caravanistas depois se dirigiram ao parque, onde participaram do magnífico churrasco oferecido pela Diretoria do Clube Militar.



Ponte pênsl

A sobremesa, o cel. Odilon homenageia o Governador do Estado, sua exma. esposa e demais autoridades, agradecendo-lhes a presença e cooperação que veem emprestando à direção do Clube.

O professor Lucas Nogueira Garcez falou em seguida, salientando a grandiosidade do empreendimento e expressando a satisfação com que declarava inaugurada a Colônia de Férias da Fonte do Encantamento, bem como a simpatia que lhe merecem as iniciativas dessa natureza.

Depois do churrasco exibiu-se, com aplausos gerais, o pelotão de volteio do Regimento de Cavalaria da Força Pública, encerrando-se as festividades com grandioso baile

realizado no edifício sede da Colônia, a partir das 21 horas.

«Militia», assinalando, prazerosamente, o auspicioso acontecimento, completa esta reportagem registrando, em linhas gerais, a história da Colônia de Campos do Jordão.

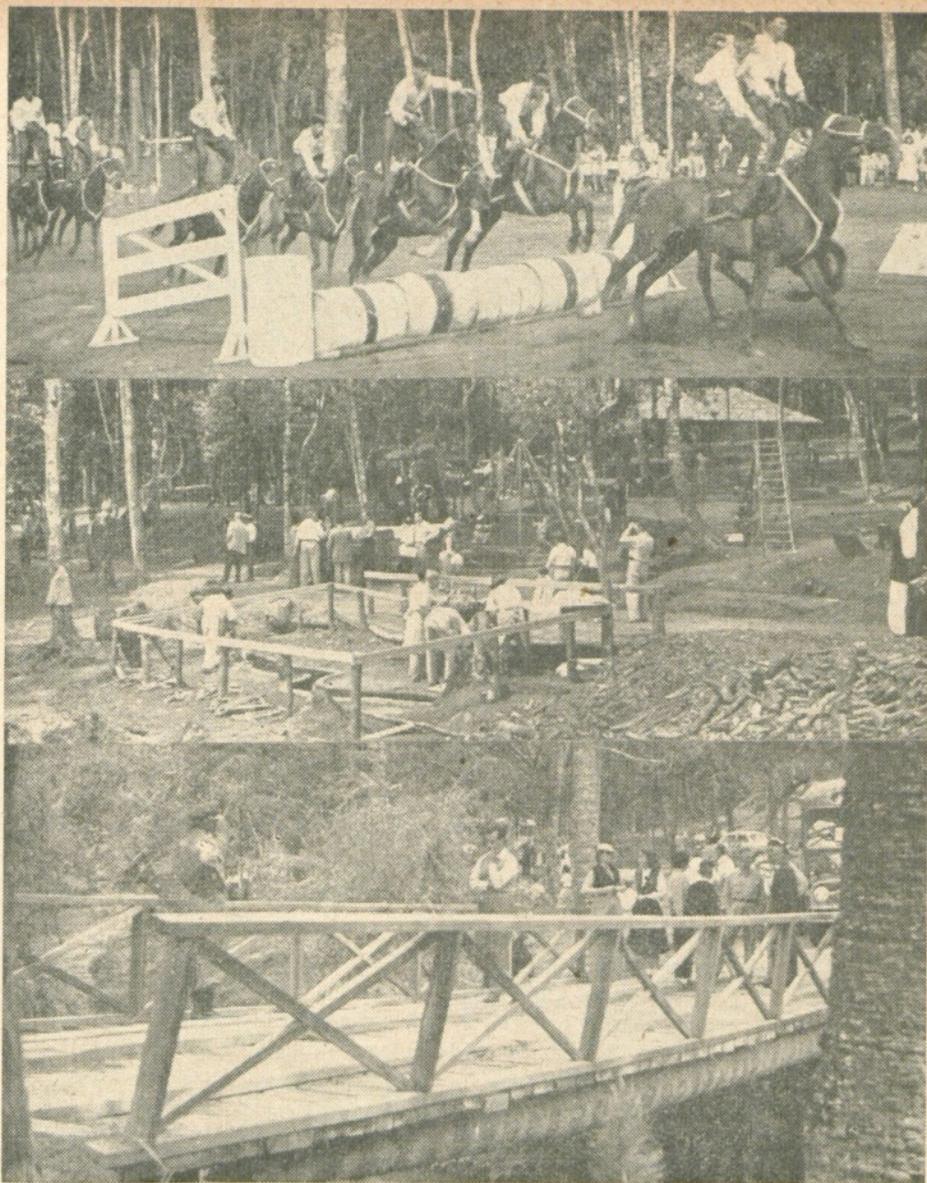
Estávamos em 1949. Eram membros da Diretoria do Clube Militar da Força Pública os ceis. Odilon Aquino de Oliveira, Albino Augusto Rêgo, ten. cel. dr. Mário Brasil Cocci, caps. Milton Marques de Oliveira; Carlos Domingues Guimarães Ambrogi, Germano Ribeiro Scartezini, Paulo Afonso Fonseca Pires e Osvaldo Feliciano dos Santos; Governador de São Paulo o dr. Adhemar Pereira de Barros, Comandante Geral da Força Pública o cel. Eleutério Brum Ferlich e prefeito de Campos do Jordão, o dr. Orestes de Almeida Guimarães.

O Clube Militar já possuía a Colônia marítima de São Vicente e era plano de seu presidente dotá-lo de uma Colônia de montanha.

Em uma viagem a Campos do Jordão, a «Suíça Brasileira», o cel. Odilon Aquino de Oliveira, expondo seu projeto ao então prefeito da cidade, dr. Orestes Guimarães, foi por este informado de que havia no município uma gleba de terra, situada a apreciável altitude de 1.760 ms., doada ao Estado, com a finalidade específica de ali construir-se o matadouro.

Visitado o local, o cel. Odilon concluiu, desde logo, que a gleba se prestava à instalação da Colônia de montanha.

Mas, para início da execução do plano, duas providências preliminares se impunham:



“Cossacos” do Regimento, aspecto da churrasqueira; excursão à Fazenda da Guarda.

— era necessário que a Companhia doadora concordasse em modificar a cláusula estipulada na escritura do terreno, para constar, como condição específica, a construção da

colônia de férias e não a do mata-douro;

— também era imprescindível que o Governo do Estado se dispusesse a modificar os termos do di-



1950. O tiro de partida da "Bandeira Jorge Velho", rumo ao Vale Encantado.

ploma legal, através do qual já se consumára a aquisição da gleba citada, por doação.

Pondo mãos à tarefa, com a ajuda do dr. Orestes Guimarães, o presidente do Clube, dentro em pouco, com manifesta boa vontade da Companhia, solucionou a primeira questão.

A seguir, o cel. Odilon Aquino de Oliveira solicitou e obteve decidido apóio e boa vontade do dr. Ademar de Barros para o início do processo que culminou com a promulgação de lei, em fins de abril de 1950, por via da qual o Estado destinava à Fôrça Pública, para a instalação de colônias de férias, a faixa de dez alqueires de terra, situada no pitoresco «Vale Encantado», segundo o batizou o cel. Odilon.

E' óbvio que tôdas essas demarques exigiram da Diretoria, e especialmente de seu presidente, trabalhos ingentes. Mas era o comêço de uma áspera jornada em que uma e-

quipe de oficiais, praças e elementos civís, iria por à prova sua capacidade, liderada e orientada pelo cel. Odilon Aquino de Oliveira, cuja fibra, capacidade, destemor, operosidade e idealismo personificam o bandeirante.

Para início da grandiosa obra só havia, sem estradas, a alguns quilômetros de Campos do Jordão, a mata virgem ocultando as grotas e a férrea disposição de alguns homens idealistas.

Simbòlicamente, como a indicar as dificuldades da tarefa, se organiza, em comêço de 1950, a «Bandeira Rumo ao Vale Encantado». E, sob a chefia do valoroso cap. Yolando Prado, madrugada ainda, ela iniciava a marcha ao objetivo, partindo do Quartel General da Fôrça Pública. Compõem-na um pujilo de homens a quem vai incumbir a árdua tarefa de destocar a região e transformar o absoluto desconfôrto que lhes im-

põe a missão, em paradisiaco recanto para seus semelhantes!

E hoje, decorrido tão pouco tempo, esse empreendimento, que se assemelhava a sonhos de visionários, é esplêndida realidade, aprasível local de repouso, contando com acomodações na zona norte para oficiais e na zona sul para subtenentes, sargentos, cabos, e soldados.

É de salientar-se que à obra titânica do cel. Odilon Aquino de Oliveira, além dos demais diretores do Clube Militar, prestaram decisivo concurso os ceis. Eleutério Brum Ferlich e Euryale de Jesus Zerbini, antigo e atual Comandantes Gerais da Força Pública, os quais auxiliaram de maneira valiosa a consecução do objetivo visado; o cap. Yolando Prado, incansável auxiliar da Diretoria, que suportou o mais árduo trabalho e desconforto; o ten. Renato Ourique de Carvalho, continuador da missão

do cap. Yolando e o cap. Ari Ferreira de Souza, ilustre engenheiro, assessor técnico dos diretores na realização das obras.

Poderíamos citar outros valerosos companheiros que emprestaram valioso apóio e concurso ao operoso presidente do Clube.

Não o foremos, dado o número e o perigo da omissão de alguns autênticos batalhadores da causa.

As fotografias dão idéia das realizações levadas a efeito na Colônia de Férias da Fonte do Encantamento e fixam alguns aspectos da festa inaugural do maravilhoso empreendimento.

Anotemos, finalmente, que o dinâmico presidente do Clube Militar ainda não está satisfeito... Já conseguiu a doação de boa área contígua e planeja a construção de um grande lago, além de outros melhoramentos de vulto.



PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS

AMIDO DE MILHO

MAIZENA
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

**É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E
MAIS BARATO!**

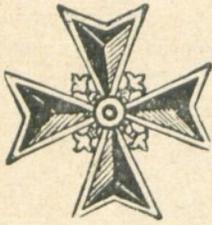
A coisa mais desagradável a respeito da História é que todas as vezes que ela se repete, é por um preço mais elevado.

PILAR

MILITIA

83

CRUZ AZUL DE SÃO PAULO



Inauguração de novas instalações e dependências — No Ambulatório e no Hospital e Maternidade “Santa Maria”

A Cruz Azul de São Paulo, a benemérita instituição de assistência médico-hospitalar às famílias dos oficiais e praças da Força Pública, que ainda recentemente pôs em funcionamento no hospital “Santa Maria”, à av. Lins de Vasconcelos, moderno bloco cirúrgico, com cinco salas de operações, — prosseguindo no seu programa de estar preparada para bem servir, inaugurou, no dia 14 de novembro, novos melhoramentos em seus serviços assistenciais.

Assim é que, às 8 horas daquele dia, em cerimônia íntima da Diretoria, para a qual “Militia” recebeu honroso convite, foi inaugurado, no ambulatório, à rua Jorge Miranda, moderno aparelhamento de raios X, para o dispensário de Tisiologia, recebendo, então, o gabinete radiológico, por feliz inspiração dos demais membros da Diretoria, o nome de “Cel. José Ramos Nogueira”, presidente da instituição.

Falaram, na ocasião, o ten. cel. Torres de Rezende, diretor do Ambulatório, que disse dos fins da reunião, dando, em seguida, a palavra ao major Olímpio de Oliveira Pimentel, o qual, em vibrante improviso esclareceu o porquê da homenagem ao cel. Ra-

mos Nogueira, assim terminando o seu discurso:

“E, para que o vosso nome jamais seja olvidado pela geração contemporânea, e sirva de exemplo aos pósteros, por vontade unânime desta plêiade de administradores, heterogênea na forma, porém, unificada num encantador sentimento de solidariedade, esta sala, doravante, passa a chamar-se “CEL. JOSÉ RAMOS NOGUEIRA”.

Respondeu o homenageado agradecendo e frisando que, tudo que tem feito pela CRUZ AZUL é pelo muito que a ela deve, dívida que nunca poderá pagar e que, no desempenho de suas funções, nada mais tem feito que coordenar os esforços de seus dignos companheiros de diretoria.

Finalmente, a senhora Ramos Nogueira, presente ao ato, descerrou, a pedido do Diretor do Ambulatório, a cortina que cobria a placa de bronze, com o nome do homenageado.

As 9 horas, no hospital da avenida Lins de Vasconcelos, foram inauguradas as novas instalações de raios X, aplicações fisiológicas e das clínicas: ortopédicas, otorrinolaringológica e urológica, assim como seis novos quartos de 1.ª classe e quatro meio-apartamentos.



O cel. Ramos Nogueira, presidente da Cruz Azul, dirige-se aos presentes.

Ao ato inaugural compareceram o cel. Jesus Zerbine, comandante da Fôrça Pública, cel. Pedro Dias de Campos, fundador da Cruz Azul, o representante do presidente do Tribunal de Justiça Militar, "MILITIA", na pessoa do seu diretor geral, o presidente da Associação dos Oficiais Reformados e da Reserva, coroneis Sebastião do Amaral e Luís Tenório de Brito, antigos presidentes, inspetor administrativo, chefe do Estado Maior, comandantes de corpo, chefes de serviços e repartições, oficialidade da F.P. e o corpo de médicos e de funcionários do estabelecimento.

Antes da inauguração, foi rezada missa na capela do hospital, pelo capelão da casa.

Discursando na ocasião, o cel. Ramos Nogueira, após rememorar os nomes dos fundadores da CRUZ AZUL e lembrar que a mesma contava hoje com 15.575 sócios, prestando assistência a perto de 45.000 pessoas, explicou a ra-

ção do nome "SANTA MARIA", dado ao hospital. Disse êle:

"Corria o ano de 1928 e a Cruz Azul, com apenas três anos de vida, se debatia, realizava milagres no cumprimento de suas altas finalidades; a 25 de abril, graças à benevolência, espírito altruístico sempre afeito aos rasgos de filantropia do grande amigo da Instituição, dr. Godofredo Wilken, nome que declino com admiração e grande apreço, recebia ela o imóvel sôbre o qual pisamos neste momento, doado pela Maternidade Santa Maria.

A Maternidade Santa Maria, tinha, naquele tempo, como seu Diretor-Clinico, o dr. Godofredo Wilken; a 4 de março de 1928, em Assembléia Geral, por dificuldades financeiras, foi ela extinta; as dificuldades, quem no-las conta é a ata, eram oriundas do desinterêsse demonstrado pelos contribuintes, em virtude da paralisação das obras; também o Tribunal de Contas se negára a registrar e autorizar a concessão do au-



O ten. cel. médico Arouche de Toledo, diretor clínico da entidade quando pronunciava sua oração.

xílio que o Estado vinha dando, de Cr\$ 5.000,00 anuais; igualmente, a Prefeitura suspendera o auxílio que vinha concedendo de Cr. \$4.000,00 anuais.

Pesava sôbre a Maternidade a dívida de Cr\$.26.697,70; baldados foram os esforços empregados junto a pessoas abastadas para conseguir dádivas que tirassem a Maternidade daquela situação difícil; os capitalistas, segundo exposição do dr. Wilken, se recusavam a emprestar dinheiro sob garantia hipotecária do imóvel, já bastante valorizado, sob pretexto de que, em se tratando de instituição de caridade, no caso do não cumprimento de cláusulas contratuais, uma cobrança executiva provocaria críticas e odiosidades.

Os estatutos que regiam a Maternidade, em seu art. 39 § 4.º, previam

a entrega do patrimônio, no caso da cessação de suas atividades, a qualquer órgão ou instituição que o quisesse aceitar, com a condição de prosseguir na mesma finalidade que a norteara, conservando o mesmo nome — SANTA MARIA. Eis, pois, a razão pela qual o estabelecimento tem a designação, de HOSPITAL E MATERNIDADE SANTA MARIA DA CRUZ AZUL DE SÃO PAULO”.

Terminou sua oração solicitando que o cel. Jesus Zerbini cortasse a fita simbólica, que impedia a entrada às novas dependências.

Tomando a palavra, o comandante da F.P. agradeceu a honra que lhe havia sido conferida, solicitando, porém, permissão para transmiti-la ao cel. Pedro Dias de Campos porque,

disse, onde estava o cel. Pedro Dias, fundador da Cruz Azul, tôdas as honrarias a êle deviam caber.

Visivelmente emocionado, o venerando soldado agradeceu as palavras do comandante geral, dando por inaugurados os novos aparelhamentos e instalações do hospital, que foram visitados por todos os presentes.

Terminada a cerimônia, foi servida lauta mesa de doces e salgadinhos, muito apreciados pelos convidados.

Nesta oportunidade usaram ainda da palavra o major Benito Serpa, pela A.O.R.R.F.P. e o cel. dr. Henrique Arouche de Toledo, diretor clínico do Hospital. São dêste último as palavras que inscrevemos a seguir:

"A construção dêste conjunto representa mais uma boa realização da operosa quanto produtiva diretoria do cel. J. Ramos Nogueira, que ainda há pouco tempo completou a edificação do moderno e amplo bloco cirúrgico. "A instalação dêsse departamento cirúrgico, com 5 salas operatórias, permitiu a ampliação do hospital em maior número de leitos e assim foi possível atingir um total de 200, considerando-se com certa margem a média estabelecida de uma sala operatória para cada 50 leitos.

A situação atual vem, de certo modo, apenas aliviar a crise inoperante em que nos encontrávamos, pela permanente pleura do hospital, lotado e insuficiente para atender aos pedidos

de internação, isso graças à preferência que hoje desfruta a Cruz Azul nos meios médicos, conseguindo ótima clientela, sendo um dos hospitais de maior movimento cirúrgico da Capital.

O estudo dos dados comparativos dizem melhor sôbre o movimento do hospital, extraídos da "média mensal dos últimos 6 meses". Doentes internados nas diversas clínicas, 400. Movimento do bloco cirúrgico: média mensal de 250 operações de alta cirurgia, computadas as operações ginecológicas e obstétricas, cirurgia geral abdominal, torácica e urológica. A maternidade revelou um movimento de 123 partos e 35 operações obstétricas.

O hospital, construído há cerca de 20 anos, não apresenta, por certo, as normas exigidas pela moderna engenharia técnica sanitária; porém, as adaptações ultimamente feitas, têm dado a necessária eficiência, e, pela sua organização e disciplina de trabalho, tem merecido as preferências de grande número de conceituados cirurgiões de São Paulo. A construção antiga, onde imperou sobretudo a centralização de quase todos os serviços acessórios do hospital, as dificuldades de comunicação, não permitem mais alguma ampliação neste edifício, porém, a construção de outro bloco, destinado à maternidade ou a outro hospital misto, isto é, cirurgia geral, ginecologia e obstetrícia, trará grandes resultados econômicos à Instituição, como também melhor atenderá as suas necessidades assistenciais".

NOSSOS CLICHÊS SÃO CONFECCIONADOS
— PELA GRAVARTE LTDA. —

NÔ BATALHÃO POLICIAL

Visita do Sr. Francisco Moura, da Pôlicia Argentina.



O sr. Francisco Aníbal de Moura, alto funcionário da polícia argentina, esteve em visita ao Batalhão Policial no dia 24 de setembro.

O ilustre visitante, acompanhado pelo ten. Wilson Rodrigues de Albuquerque, visitou várias repartições policiais e lugares históricos e pitorescos da Paulicéia.

Demonstrou especial interesse na organização da polícia política de São

Paulo, e teve oportunidade de inspecionar um pelotão de policiamento auxiliar com o seu armamento e material especiais.

Na fotografia vemos o sr. Francisco Aníbal de Moura, sentado entre o cmt. do Batalhão Policial, ten. cel. Zeferino Astolfo de Araujo e o inspetor de policiamento, cap. Mário Rodrigues Pinho.

Oficiais da B. M. Gaúcha em visita à Fôrça Pública e ao Parque Industrial Paulista



Estiveram nesta Capital o major Antão Gonçalves Pinheiro e o 2.º ten. Paulo Pôrto Costa, da Brigada Militar do Rio Grande do Sul.

Pelo Comando Geral foram apresentados ao Serviço de Intendência, de vez que vieram a São Paulo fazer aquisições de tecidos destinados ao S.I. daquela Brigada.

Esteve à disposição dos citados oficiais o cap. Aldo Ribeiro da Luz, encarregado de levá-los às diversas fá-

bricas de tecidos do parque industrial de São Paulo. Assim é que visitaram a Fiação Santana, Fiação Minerva e a Cia. Argus Industrial.

Também estiveram na redação de "Militia", onde os visitantes foram recebidos pelo seu diretor, cel. Anchieta Torres.

Visitaram também o S.I., S.M.B., S.T.M. e S.S. da Fôrça Pública, no último dos quais fixámos a objetiva que aqui estampamos.

GENERAL NEREL

Faleceu na França o antigo Chefe da Missão Militar Francesa



O general Nerel, quando cel. chefe da 1.ª Missão Militar Francesa, em 1913-14.

Faleceu na França, no dia 1.º de outubro, aos 92 anos de idade, sendo sepultado no cemitério de Perpignan, o general de divisão Antoine François Nerel, brilhante oficial do Exército Francês, que por 2 vezes chefiou a Missão Militar Francesa, instrutora da Força Pública. O ilustre oficial substituiu, em 1913, o cel. Paul Balagny,

primitivo chefe da Missão e entre nós permaneceu até 1914, quando, juntamente com seus camaradas, foi chamado à Pátria, empenhada na primeira Guerra Mundial.

Combateu bravamente na frente ocidental, no comando de um regimento, cobrindo-se de glórias. Enviado mais tarde para o Exército Francês do Oriente, que operava nos Balkans, já à frente de uma divisão, ali permaneceu até o término da Guerra, tomando parte em todas as ações em que se empenharam os exércitos destacados naquele setor.

Da sua ação como combatente e condutor de homens, dizem melhor as 14 citações recebidas em ordem do dia do exército.

Celebrado o tratado de paz de Versalhes, em 1920, já reformado, retornou a S. Paulo, à frente de outra Missão instrutora, e aqui permaneceu até agosto de 1924, quando foi denunciado o contrato que mantinha com o Governo do Estado.

O General Nerel, durante sua permanência em São Paulo, quer no período de 1913 - 1914, quer durante o tempo da segunda missão, 1920 - 1924, impôs-se ao conceito do paulistano pela sua fina educação e cavalheirismo, aqui deixando inúmeros admiradores e amigos.

—:—

No dia 31 de outubro último, foi rezada, na capela do H.M., missa de

30.º dia, por intenção da alma do grande soldado.

Oficiou a cerimônia monsenhor Paulo Aurisol Cavalheiro Freire, ten. cel. Capelão da F. Pública, comparecendo, entre outras autoridades, mr. Bousseuais, cônsul geral da França em São Paulo; cap. Frederico Statt Müller, ex-membro da Missão Militar Francesa, instrutora da F. Pública; general Mi-

guel Costa, antigo comandante geral; cel. José Anchieta Torres, pela Justiça Militar do Estado; cel. Euriale de Jesus Zerbini, cmt. geral; cel. Otávio Henrique Véspoli, chefe do S.S.; ten. cel. Luiz Gonzaga de Oliveira, chefe do E.M.; comandantes de corpo, chefes de serviço e oficiais da guarnição da capital, assim como grande número de oficiais da reserva e reformados e admiradores do extinto.

BANCO DO BRASIL S/A.

Sede: — Distrito Federal — Rua 1.º de Março n.º 66

Em São Paulo: — Rua Álvares Penteado n.º 112

Endereço Telegráfico: «Satélite» — Fone: 32-5181

Tôdas as operações bancárias — Máxima garantia a seus depositantes

Novas taxas de juros para as contas de depósitos:

Depósitos populares — limite de Cr\$ 100.000,00 — 5%

Depósitos limitados — limite de Cr\$ 200.000,00 — 4%

— limite de Cr\$ 500.000,00 — 3 ½%

Depósitos de aviso prévio

— retirada mediante aviso prévio de 60 dias — 4%

— retirada mediante aviso prévio de 90 dias — 4 ½%

Depósitos a prazo fixo

— por 12 meses — 5%

— por 18 meses, com retirada mensal de renda — 4 ½%.

O BANCO DO BRASIL S.A. tem agências nas principais cidades do País e duas no exterior, para tôdas as operações bancárias, inclusive o recebimento de depósitos.

NO ESTADO DE SÃO PAULO, estão em funcionamento, além das Agências Metropolitanas da Lapa, Brás, Penha, Bosque da Saúde e Ipiranga, as seguintes cidades: Americana, Andradina, Araçatuba, Araraquara, Assis, Avaré, Bariri, Barretos, Bauru, Bebedouro, Botucatu, Bragança Paulista, Cafelândia, Campinas, Catanduva, Franca, Garça, Itapetininga, Itapira, Ituverava, Jaboticabal, Jaú, Limeira, Lins, Lucélia, Marília, Martinópolis, Matão, Mirassol, Mogi das Cruzes, Monte Aprazível, Nova Granada, Novo Horizonte, Olímpia, Orlandia, Paraguaçu Paulista, Pederneiras, Piracicaba, Piraçununga, Piraju, Pirajui, Presidente Prudente, Promissão, Rancharia, Ribeirão Bonito, Ribeirão Preto, Rio Claro, Santa Cruz do Rio Pardo, São José do Rio Preto, São José dos Campos, Santo Anastácio, Santo André, Santos, São Carlos, São João da Boa Vista, São José do Rio Pardo, São Manoel, Sorocaba, Taquaritinga, Taubaté, Tupã, Valparaiso, Votuporanga e Xavantes.

O grande homem tem, forçosamente, que suportar grandes desgraças.

Shakespeare

Visita de elementos da Colônia Portuguêsa, ao 6.º B. C.



Por determinação do governo estadual, o ten. cel. Cícero B. Brandão foi posto à disposição do embaixador de Portugal, quando da visita deste diplomata à Santos.

Agradecendo a gentileza com que o cel. Cícero se houve no desempenho daquela missão, estiveram em visita ao quartel do 6.º B. C., o dr. José Eduardo Menezes Rosa, cônsul de Portugal, o sr. Antonio Diniz, pelo Centro Português, e srs. Antonio Cruz e Alberto Ferreira dos Santos, pela Beneficência Portuguêsa.

Recebidos pelo comando e oficialidade do bata.hão, os visitantes percor-

reram as dependências do novo quartel, onde puderam notar o aspecto magnífico e a utilidade que as instalações oferecem.

No gabinete do comando, foi servido um "Pôrto" aos visitantes. Usou da palavra o dr. Menezes, agradecendo as atenções dispensadas ao embaixador de Portugal, para concluir brindando em honra da milícia estadual.

Agradecendo as palavras do cônsul português e a gentileza da visita, o cel. Cícero brindou pela tradicional amizade entre as pátrias brasileira e portuguêsã.

É dessa visita o clichê que estampamos acima.

Oficiais da Fôrça Pública na «SORBONNE» e em «SAUMUR»



A fim de estagiarem nos já famosos "Curso de Equitação de Saumur" e Universidade da Sorbonne, seguiram para a França, no dia 27 de outubro último, por via aérea, os caps. Fernando Henrique da Silva, Félix de Barros Mórgado e Ricardo Colaço França, e tenentes Sérgio Vilela Monteiro e Sílvio Marcondes de Rezende.

Possuidores de diversos cursos relativos à psicotécnica e, já há algum tempo desenvolvendo atividades junto ao nosso Gabinete Psicotécnico, os cap. Ricardo e ten. Sérgio farão um curso

especializado de Psicologia Aplicada na Universidade da Sorbonne. Os caps. Fernando, Félix e tén. Sílvio, nomes altamente conceituados no mundo hípico não só de São Paulo como de todo o Brasil, estagiarão junto ao mundialmente conhecido "Curso de Equitação de Saumur".

O clichê fixa um aspecto da visita que nos fizeram aquêles companheiros, antes do embarque, em companhia do cel. Odilon Aquino de Oliveira, presidente do Tribunal de Justiça Militar.

Estágio nos EE. UU.



Já se encontram entre nós, após realizarem um estágio de trinta dias junto a organizações médicas e odontológicas dos Estados Unidos, os seguintes oficiais: ten. cel. dentista Breno Pereira da Silva, major Marco Aurélio Cidade, capitão dentista José F. Paullucci, e tenentes Adyr Fernandes Costa,

Idálio Soares Pinto e Weber Brigagão, todos pertencentes ao Serviço de Saúde da nossa Fôrça Pública.

A êsses companheiros, de cujos conhecimentos colhidos muito espera a nossa organização médico-odontológica, os cumprimentos de "Militia".

Contra dores

ASPIRINA

O remedio de confiança



No Q. G. da Fôrça Pública o General Edgard de Oliveira



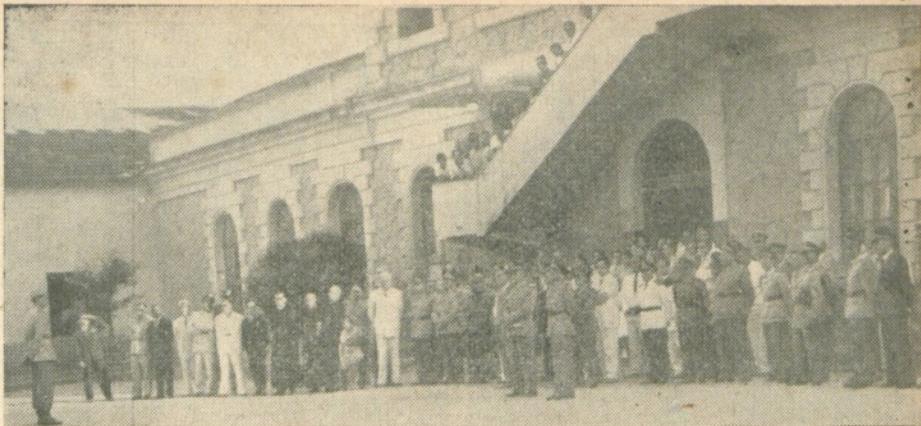
Assumindo o comando da 2.^a Região Militar, cargo para o qual foi recentemente nomeado, o gen. de divisão Edgard de Oliveira, na manhã de 21 de novembro último, visitou a Fôrça Pública do Estado.

Sua excia. fêz-se acompanhar de seu ajudante de ordens e do cel. Aníbal de Andrade, atual chefe do Estado-Maior da Região e nosso velho amigo, pois que, por longos anos, também exerceu, com brilho, as funções de Diretor Geral de Instrução na Milícia Paulista.

Os ilustres visitantes foram recebidos pelo cel. Euryale de Jesus Zerbini, cmt. Geral da Corporação, cel. João de Quadros, Inspetor Administrativo, cel. José Ribamar de Miranda, Diretor Geral de Instrução e pelos cmts. de corpo e chefes de serviço.

Registrando o fato, "Militia" almeja ao gen. Edgard de Oliveira, maior êxito na alta função em que vem de ser investido e cumprimenta, cordialmente, o ilustre oficial general de nosso Exército.

O clichê acima ilustra esta nota.



No pátio interno do quartel, o ten. cel. Maia apresenta, à tropa o novo comandante cel. Maurício Silva.

Coelho, 1.º tenente Nicanor Alves dos Santos e 2.º ten. Josias Cruz do Nascimento.

AUDITOR:

Ainda por ato do governo estadual, foi promovido para a 4.ª Vara da Capital do Estado o dr. Nilton Thevenard, por merecimento, o qual exercia o cargo de Juiz de Direito da cidade de Cachoeiro do Itapemirim.

Em consequência passou o dr. Thevenard a exercer também as funções de Auditor da Justiça Militar, com que muito lucrou a Justiça deste órgão do Judiciário, de vez que se trata de uma das grandes culturas jurídicas capixabas.

PROMOÇÃO

Foram promovidos, por ato do governo estadual:

— ao posto de capitão, os primeiros tenentes Emílio Bernardes dos Santos (merecimento) e Eurípedes Andrade (antiguidade);

— ao posto de 1.º ten., os 2.º tens. Nicanor Alves dos Santos (merecimento) e José Macedo de Andrade (antiguidade).

Aos recém-promovidos, e especialmente aos cap. Emílio e ten. Nicanor, nossos prezados assinantes, os cumprimentos de "MILITIA".

REFORMA

Por ter sido julgado definitivamente incapaz para o serviço militar e policial, por motivo de moléstia adquirida em serviço, foi promovido ao posto de major, o cap. Josias Gonçalves de Aguiar e, em consequência, reformado com todos os vencimentos e vantagens do novo posto.

TRANSFERÊNCIA PARA RESERVA

Por contar mais de vinte e cinco anos de serviço prestado exclusivamente na Polícia Militar, e por ter também cooperado para o chamado "esfôrço de guerra", na vigilância do litoral, foi transferido para reserva remu-



ECOS DO "DIA DA PÁTRIA"

Ao alto: chega ao quartel da P.M. o governador Santos Neves, ocasião em que lhe é prestada continência, por uma cia. de guerra, sob o comando do nosso representante, 1.º ten. Alfredo P. Barroca; em baixo, flagrante do desfile militar, vendo-se o carro-comando do Btl. da P.M.



nerada no posto de major e com todos os vencimentos e vantagens do novo posto, o cap. Antônio Fernandes Filho.

MATO GROSSO

CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DA P.M. — ESBÔÇO HISTÓRICO

A P.M., foi criada pela seguinte Lei:

A Assembléia Legislativa Matogrossense, provisoriamente e sob proposta da Câmara Municipal desta cidade, - Decreta:

Art. 1.º — Criar-se-á desde já nesta cidade, um Corpo Policial com a denominação de Homens do Mato, que será distribuído pelo distrito do município, como melhor convir ao Governo Provincial.

Art. 2.º — Este Corpo será composto de 1 Comandante ou Capitão; 3 Cabos e 24 Soldados em três Esquadras, com os vencimentos diários de: Capitão cem réis, Cabo 90 réis, Soldados 80 réis de etapa quando saírem em diligência.

Art. 3.º — As despesas serão pagas pela Câmara Municipal da Capital, das sobras que houverem nas quantias consignadas na lei de orçamento.

Art. 4.º — Além dos vencimentos de que trata o art. 2.º ficam pertencentes aos indivíduos deste Corpo, as tomadias de escravos estipuladas no antigo Regimento de Capitão do Mato, que lhes serão pagas pontualmente pelos respectivos senhores.

Art. 5.º — O alistamento para a formação deste Corpo será feito pelos



ANIVERSÁRIO DA POLÍCIA MILITAR

O cel. Daniel de Queiroz, comandante da P.M., depois de saudar s. excia. o governador Fernando C. da Costa (que se vê na foto), lê o boletim alusivo à efeméride



INAUGURAÇÃO DO RETRATO DE DOM ÁQUINO

No gabinete do Comando Geral teve lugar a inauguração do retrato daquele prelado e ex-governador matogrossense, figura estimadíssima da sua gente. O ten. cel. Gonçalo Romão de Figueiredo, saudando o homenageado, pronunciou um discurso, ocasião em que "Militia" fixou o clichê acima.

Juízes de Paz, por ordem do Governô em todo o município e dêle só serão excluidos: 1.º, os bêbados habituais, ladões conhecidos e incorrigíveis; 2.º os menores de 16 anos e os maiores de 50; 3.º, os casados que tratem de suas famílias e os que vivem honestamente dos seus trabalhos, comércio ou ofício.

Art. 6.º — Uma Lei Provincial que terá logar logo que de outros municípios venham as propostas sôbre o objeto, regulará definitivamente e por detalhe de força, serviço alistamento, recompensa e castigos dos Homens do Mato em tôda a Província.

Art. 7.º — Ficam revogadas as leis e disposições em contrário.

Paço da Assembléia Legislativa Provincial de Cuiabá, 3 de setembro de 1835.

—::—

No dia 5 do mesmo mês e ano o Governô Provincial sancionou e mandou organizar o Corpo Policial com a denominação de Homens do Mato.

Em 1849, por conveniência do serviço foi reorganizado, com o efetivo de 1 capitão, 1 alferes, 1 1.º sgt., dois 2.ºs sgts., um furriel, 4 cabos, 71 soldados

e 1 corneteiro, passando a denominar-se Companhia de Pedestres.

Em 1895, por Lei Estadual, foi reorganizada e passou a denominar-se Fôrça Pública do Estado de Mato Grosso, com o efetivo de 14 oficiais e 326 praças, para atender a 45 distritos policiais.

Em 1907 foi reorganizada, e constituída de um batalhão e uma companhia, com o efetivo de 435 homens.

A reorganização mais importante foi feita em 1917, sendo comandante o saudoso general Erasmo de Lima e Interventor Federal o dr. Camilo Soares de Moura, quando foi expedido o decreto n.º 8, de 2 de junho de 1917, alguns tópicos do qual ainda permanecem em vigôr. Esta reorganização deu à Polícia uma feição mais disciplinada, enquadrando-a como reserva do Exército Nacional, foi seguida a nova reorganização em 1926, com o decreto 737, de 14 de julho de 1926, também de grande importância, sendo Comandante Geral, o sr. general Raimundo Sampaio e Presidente do Estado o saudoso dr. Mário Corrêa da Costa.

Estes dois matogrossenses empregaram todos os esforços para melhorar e engrandecer a P.M., sendo que ainda vigoram diversos dispositivos do decreto 737.

E assim reorganizada em outras épocas, chegou até à data atual, em que conta 117 anos de existência.

—::—

Nesta comemoração, talvez a primeira que se realiza e sob a orientação de um dos mais credenciados governadores do Estado, o exmo. sr. dr. Fernando Corrêa da Costa e seu ilustre auxiliar imediato, o Secretário dr. Demosthenes Martins, que tanto têm feito

para amparar moral e materialmente esta P.M., que encontraram completamente abandonada, concito os meus comandados a prosseguirem na luta, esforçando-se por melhorar a condição da P.M.. cooperando com lealdade e disciplina para corresponder à confiança que os poderes e o povo em geral depositam na sua eficiência, e assim sermos dignos das tradições passadas, acrescentando-as, para transmiti-las aos vindouros, sempre aureoladas de glórias.

ANIVERSÁRIO DA P.M.

No dia 5 de setembro: — para comemorar a grande data da Polícia Militar, de Mato Grosso, a data da sua criação, foi executado modesto mas significativo programa, elaborado pelo Comandante Geral, constando de várias solenidades, como segue:

6 horas: Missa solene, celebrada por dom Antônio Campelo de Aragão, bispo auxiliar da arquidiocese de Cuiabá, cujo ato contou com numerosa presença de convidados bem como elevado número de comungantes. Na ocasião, s. excia. revma. pronunciou oportuníssimas palavras congratulatórias.

8 horas: Recepção do sr. Governador do Estado, presentes altas autoridades civís, militares e eclesiásticas, tendo uma companhia de guerra, formada na frente do quartel, prestado as continências regulamentares. Em seguida foi, pelo sr. governador, hasteado o Pavilhão Nacional, na fachada principal do quartel, seguindo-se a leitura do boletim especial alusivo à data, feita pelo cel. Daniel de Queiroz, Comandante Geral.

Seguiu-se o desfile da tropa, em continência ao sr. Governador do Estado e demais autoridades presentes.

8,30 horas: Na sala do chefe do pessoal do C.G., o major Ubaldo Monteiro da Silva, falou em nome da P.M., em vibrante e vigoroso discurso enaltecendo os principais feitos gloriosos da nossa Corporação, durante êsse longo período decorrido de mais de um século, como também, fazendo uma análise da atual situação financeira, intelectual e administrativa que atravessamos, solicitando dos poderes públicos constituídos, mais e maior atenção aos humildes servidores do Estado, dada a assustadora evolução das coisas neste século de inventos e incríveis realizações. As palavras do major Ubaldo, provocaram vibrante salva de palmas.

9 horas: O sr. cel. Comandante Geral, convidou os presentes para assistirem a inauguração do retrato de s. excia. Revma. sr. dom Francisco de Aquino Corrêa, Arcebispo Metropolitano de Cuiabá, na galeria de Governadores do Estado, existente no gabinete do Comando Geral, visto que S. Revma. governara o Estado com verdadeiro patriotismo, no período de 1918 a 1922. Nesse ato, falou sôbre o significado do acontecimento, o ten. cel. Gonçalo Romão de Figueiredo, traçando, em ligeiras e esplêndidas palavras, o perfil honroso e dignificante do homenageado. Disse da justiça que fazia o cel. Daniel de Queiroz inaugurando o retrato do venerando antiste na galeria de governadores, corrigindo uma grande falha, pois, não se compreendia a ausência de dom Aquino Corrêa nessa galeria, uma vez tenha êle desempenhado, com invejável honradez e probidade de talento administrativo, o mandato outorgado pelo povo matogrossense. Finalmente, disse o orador: "Se de um lado a inauguração do retrato de dom Aquino

no constitue a reparação de uma falha de longa data, por outro lado, teremos aqui a permanente presença do ilustre Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo, a nos mostrar o caminho exato do dever, da dignidade e da justiça. O orador foi aplaudido.

Respondeu agradecendo, em nome do homenageado, S. Excia. Revma. dom Antônio Campelo de Aragão, pondo em destaque a personalidade ímpar de dom Aquino Corrêa, dizendo ainda da justiça que o sr. cel. Daniel de Queiroz praticava ao fazer inauguração do retrato do eminentíssimo pastor da Igreja Católica, porque, como tantos outros bons matogrossense, teve dom Aquino a suprema glória de dirigir os destinos de sua terra natal, aonde evidenciou o seu carater sem jaça, a sua cristalina honradez, o seu talento administrativo e o seu alto espírito conciliador. As últimas palavras intusiásticas e vibrantes do insigne emérito orador, provocaram estrondosas salvas de palmas.

9,30 horas: As autoridades e demais convidados presentes, se dirigiram até a quadra de voleibol, onde foi disputada uma renhida partida entre oficiais da C.E.R. - 5 e da P.M., saindo vencedores, os da equipe policial, pela contagem de 2 x 1. Nessa ocasião, serviram-se aos presentes, bebidas geladas e salgadinhos variados.

18 horas: Arreioamento do Pavilhão Nacional com as formalidades do estilo.

"Militia" esteve presente em tôdas as solenidades do dia 5 do corrente, na pessoa do seu representante, que apresentou felicitações ao cel. Daniel de Queiroz, pelo transcurso do aniversário de criação da P.M. matogrossense, ora sob o seu comando.

PARANÁ

98.º ANIVERSÁRIO DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO

Foi comemorado domingo, dia 10 do corrente, com invulgar brilhantismo, o 98.º aniversário da Polícia Militar do Estado, tradicional corporação que tantos e tão relevantes serviços tem prestado ao Paraná na manutenção da ordem e segurança do Estado.

A história da Polícia Militar do Paraná constitui um registro de atos de bravura e de irrestrita fidelidade aos poderes públicos e aos magnos interesses da sociedade, da qual é uma das sentinelas mais avançadas e dignas.

Integrada por elementos dedicados e possuidores de alto desprendimento e amor à causa pública, a Polícia Militar vem prestando ao Paraná, há quase um século, serviços de inestimável valor para o seu progresso.

Pelo comando da milícia paranaense, que possui atualmente, à sua frente, o cel. Junot Rebelo Guimarães, foi organizado um programa de festejos cívico-desportivos militares cumprido com absoluto êxito, quando verificamos que os elementos participantes colocaram em destaque as suas ótimas condições de preparo físico, as suas virtudes cívicas e as suas qualidades de militares exemplares.

O brilho de que se revestiram as comemorações foi ainda maior, pois contou com a presença das personalidades mais ilustres da esfera político-administrativa paranaense e destacadas autoridades dos nossos meios civil, eclesiástico e militar.

O Governador Munhoz da Rocha, em expressivo improviso, se dirigiu aos

presentes, congratulando-se com a Polícia Militar do Estado pelo transcurso de mais um aniversário da corporação que, pela sua extraordinária trajetória e realizações, atesta o índice do desenvolvimento físico, intelectual e moral dos seus integrantes.

RIO GRANDE DO SUL CONVENIOS ENTRE O ESTADO E OS MUNICÍPIOS DE RIO GRANDE E PELÓTAS

A exemplo do que foi feito com o município de Novo Hamburgo, as cidades de Rio Grande e Pelotas também estabeleceram convênio com o governo estadual no sentido da encampação, por intermédio da Brigada Militar, das respectivas unidades municipais de bombeiros, bem como da reorganização do serviço de prevenção de incêndio e combate ao fogo nas referidas cidades.

No caso de Rio Grande, obriga-se o Estado: a manter um "Contingente de Bombeiros" constituído de 2 auto-bombas e equipados com todo o material necessário e uma guarnição de 28 homens, no mínimo; a indenizar a Prefeitura Municipal da quantia de Cr\$ 970.962,00, relativa ao material de incêndio e imóveis; a incluir o pessoal da corporação municipal em um quadro especial, com todos os direitos e vantagens que as leis asseguram ao pessoal da Brigada Militar. Por sua vez, o município contratante obriga-se a recolher ao Estado, anualmente, a importância de Cr\$ 500.000,00, como compensação às obrigações assumidas pelo poder público estadual.

Relativamente ao convênio com a cidade de Pelotas, foi êle feito nas mesmas bases, com as seguintes variações:

4 auto-bombas, com guarnição de 42 homens e indenização de Cr\$ 1.000.000,00 ao município, sendo que este, por sua vez, recolherá Cr\$ 1.200.000,00 anuais ao tesouro estadual.

INCLUSÃO NO QUADRO ESPECIAL DE BOMBEIROS

Em consequência dos convênios acima referidos, ordenou o govêrno estadual do R.G. do Sul a inclusão dos seguintes oficiais e subtenentes, no Quadro Especial de Bombeiros da Brigada Militar:

— do C.B. de Pelotas: cap. João Paranhos da Costa; 1.ºs tens. Natalino Bernardone e Nelson Leovegildo Pereira; 2.ºs tens. Amilton Machado Grec-

co, Romeu da Cunha e Silva e Hermínio de Leon Aguirres; e subtenentes Angelino Gouvêa e Jerônimo de Almeida Taborda;

— do C.B. de Rio Grande: cap. Arquimedes da Silva Freitas e subten. Carlos Corrêa Castanha.

CONCESSÃO DE MEDALHA DE GUERRA

Por ato da Presidência da República, foram concedidas medalhas de guerra, por terem cooperado no esforço de guerra, os seguintes oficiais e praças da B.M.: 1.ºs tens. Alípio Pereira da Silva, Edgar Mena Barreto, Thomas José Lomando e Salvador Teixeira Sofia; 2.ºs tens. Ninive Florisbal Figueiró e Ernani Pereira de Aquino, nosso ilustre e operoso representante junto à co-irmã gaúcha; 2.ºs tens. convs. Alcides Melo e Rosalvo Cardoso; subten. Nery Cruzeiro Ferraz; 1.ºs sgts. Sylla Castanho Azevedo, Ibes Pacheco e Godofredo Gonçalves; e 2.º sgt. Moacir Marques Coimbra.

UMA BARREIRA A MENOS! - NÃO HAVERÁ LIMITE DE IDADE PARA OS OFICIAIS DA B.M. INGRESSAREM NA CARREIRA DE DELEGADO DE POLÍCIA

A Lei 1843, promulgada a 24 de setembro último, alterando o Estatuto dos Servidores da Polícia Civil do Estado, vem de suprimir o limite de idade para o ingresso de oficiais da Brigada Militar, no cargo de delegado de polícia. Trata-se, evidentemente, de mais uma vitória dos milicianos do Estado Sulino. Sinal de que está "funcionando" o seu legítimo representante na Assembléia Legislativa, o cel. Peracchi Barcelos.



**FAÇA
SUAS
COMPRAS
DE
NATAL**

nas LOJAS SEARS

45 lojas sôb o mesmo teto! Ar condicionado perfeito! Estacionamento grátis para o seu carro! Plano Sears — o Crédito suave!

**VISITE "TOYLÂNDIA"
A MARAVILHOSA
CIDADE DOS BRINQUEDOS!**

VAMOS A SEARS — Pça. Osvaldo Cruz — Paraíso — Aberta tôdas as noites até 22 hs. — a partir de 5 de Dezembro de 1952.

DESDE a infância adquirimos um hábito salutar: escovar os dentes pelo menos 2 vezes ao dia. Com que objetivo? Evidentemente o de evitar a cárie. Pois com este mesmo objetivo devemos desde logo adotar um novo hábito: tomar diariamente um comprimido de Anti-Cárie Xavier — à base de cálcio e flúor. Seu dentista, que acompanha, por certo, as conquistas da ciência, lhe dirá dos notáveis estudos e observações que consagraram o flúor como a mais poderosa arma na luta contra a terrível cárie. Não se esqueça, pois: acrescente ao hábito salutar de escovar os dentes 2 vezes ao dia o de tomar diariamente 1 comprimido de Anti-Cárie Xavier. Sua luta contra a cárie se completará e ganhará nova e maior eficiência.

A Ávore da Liberdade deve ser regada, de tempo a tempos, com o sangue dos tiranos. E' o seu adubo natural.

Thomas Jefferson

SORTES GRANDES?

FASANELLO E... NADA MAIS

ADQUIRÁ UM "CLÁSSICO" E FAÇA A SUA INDEPENDÊNCIA

R. FASANELLO - Direita, 52 - Caixa 3088 - S. PAULO

Cel. MANOEL ESTEVES GAMOEDA

Major Arrisson Souza Ferraz

Com a morte do cel. Manoel Esteves Gamoeda, ocorrida a 24 de outubro, próximo passado, perdeu a Fôrça Pública um dos seus soldados mais ilustres e a sociedade bandeirante um dos seus mais belos ornamentos.



Cel. GAMOEDA

Não conheci o cel. Gamoeda no serviço ativo da Milícia Paulista. Quando ingressei na Fôrça Pública de São Paulo, há precisamente um quarto de século, já havia êle passado à inatividade. Essa circunstância não impediu de que travássemos relações e do estabelecimento entre nós da mais sólida e afetuosa amizade.

O cel. Manoel Esteves Gamoeda foi um soldado de lei e um esportista de escol. Como soldado, fêz uma carreira notável na Fôrça Pública. De-

sempenhou comissões honrosas de comando e de chefia, sempre com superior eficiência, dedicação e remarcado brilho. Alcançou o posto máximo da hierarquia pelos seus méritos, pelo seu valor e pelo comprovado amor à farda gloriosa que vestiu. Os traços mais acentuados de sua personalidade militar ficaram esculpidos nas paredes vestustas da Escola de Educação Física que êle comandou com pensamento e ação, cérebro e coração, por mais de dois lustros ininterruptos.

Como esportista, o cel. Gamoeda subiu muito alto no cenário bandeirante de sua época. Sempre foi um esportista de escol. Conhecia, profundamente, o esporte em tôdas as suas manifestações, em tôdas as suas modalidades, mas elegeu a esgrima como a sua superior predileção. Manejava a espada, o sabre, o florete com uma perícia admirável. Dominava todos os segredos da prancha. As lâminas, empunhadas por suas mãos vigorosas, realizavam prodígios de perfeição e de apurada técnica.

Em 1914, quando a Missão Militar Francesa, que instrua a Fôrça Pública, regressou ao Velho Mundo para ocupar o lugar que as autoridades gaulesas lhe reservaram nos campos de batalha, o cel. Antônio Batista da Luz escolheu o então major fiscal do 3.º Batalhão, Manoel Esteves Gamoeda para coman-

dar a Escola de Educação Física, em substituição aos caps. Delfim Balancier e Louis Lemâitre. Gamoeda escolheu como auxiliares imediatos os alferes Faustino da Silva Lima e Antenor Gonçalves Musa. Aquele confiou a chefia da Secção de Esgrima; a êste, a direção da Secção de Ginástica. Contou com o concurso de excelentes monitores, entre os quais se destaca essa figura notável da esgrima brasileira, êsse mestre inconfundível que é o major Frederico Moreira. Com estes companheiros e com outros de igual valor, como João dos Santos, Angelo Bernardelli, Francisco Marcondes Salgado, Carlos Ramalho, Moura, Laudelino, Lídio Leite, José Paulino, João Vieira de Lima, Benedito Rangel e tantos outros, o cel. Manoel Esteves Gamoeda iniciou a sua obra que foi longa, laboriosa e fecunda.

Antes de abraçar a vida militar, Manoel Esteves Gamoeda já era um esportista. Iniciara-se no manêjo das lâminas com o famoso mestre Álvaro Latini, de nacionalidade italiana, que lecionou por vários anos em nossa capital. Já soldado bandeirante, teve contactos esgrimísticos com os mestres d'armas Giuseppe Salerno e Atílio Gózoli que, aqui em Piratininga, marcaram época ensinando a nobre arte. De 1910 a 1914, foi discípulo dêsse portentoso mestre Delfim Balancier. As primeiras aulas de Balancier para os oficiais da Fôrça Pública eram realizadas à noite, das 20 às 22 horas, na Sala d'Armas contígua ao Ginásio da rua Jorge Miranda, onde atualmente funciona o almoxarifado da Escola de Educação Física. Comparecia tôda a oficialidade da guarnição da capital, em meio de sadio entusiasmo e extraordinária vibração. O próprio Coman-

dante Geral — foi o saudoso Coronel Antônio Batista da Luz que afirmou, em relatório oficial ao Secretário da Justiça e da Segurança Pública — não faltava a essas noitadas agradáveis de esportividade e encantamento. Gamoeda, firme como uma rocha, idealista como um discípulo do imortal filho de Pedro Bernardoni, era dos primeiros a chegar e dos últimos a deixar a Sala d'Armas.

Na Escola de Educação Física, desenvolveu ao máximo as suas qualidades de atirador. Era de uma constância invejável, de uma dedicação sem limites, aos treinamentos. Traduziu, juntamente com o saudoso Faustino da Silva Lima, os princípios mais interessantes de "L'Esgrime de Duel", do mestre francês George Dubois, e os adaptou ao ensino da Escola e à sua técnica individual.

Cruzou lâmina com o barão Athos de São Malato, ilustre representante da Escola Siciliana, que fazia uma "tourné" esgrimística pela América do Sul. Fê-lo no Teatro Municipal, a 28 de novembro de 1916, perante o mundo esportivo, a alta administração e a fina flor da sociedade bandeirante, em requintado festival. Gamoeda, como sempre, exibiu a sua aprimorada técnica, a sua elegância, o seu apurmo no esporte fidalgo. Essa demonstração quase dá origem a um incidente que poderia ter trazido consequências desagradáveis. Houve saudação, demonstração pedagógica de lição e demonstração de assalto. Nesta última parte houve golpes e toques de parte a parte, naturalmente acusados, cavalheirescamente, como é do ritual esgrimístico, pelos dois bravos esportistas. São Malato foi tocado mais vêzes do que Gamoeda. Êste, no dia seguinte, é

surpreendido pela publicação, nos dois jornais de São Paulo, com caráter sensacionalista, de que havia batido São Malato. Apressa-se, então, em escrever uma carta ao nobre peninsular, desautorando a publicação que não exprimia a verdade, pois se haviam batido em demonstração amistosa, e declarando-a de responsabilidade exclusiva do matutino que a divulgou. Antes de receber a correspondência o Mestre Siciliano comparece à Escola de Educação Física, exhibe a reportagem ao cel. Gamoeda, lamenta-a e sugere um duelo como meio de desagravar aquilo que considerava uma afronta ao seu cartel esgrimista, fazendo, ali, o convite ao seu antagonista. Nessa altura, chega ante os dois espadachins o ordenança do cel. Gamoeda, portador da carta já mencionada ao barão. Não o tendo encontrado no hotel, vinha participar essa circunstância ao seu superior. O Comandante da Escola de Educação Física ordena-lhe que entregue a correspondência ao seu destinatário. São Malato lê a carta e declara ao coronel que retirava o convite para o duelo, pois pelo que via o caso era apenas ignorância de repórter, não comportando desagravo pelas armas. Gamoeda explicou que, também, não encontrava razões para que se batessem; que, além do mais, ia mandar uma correspondência ao jornal, pedindo retificação. Acrescentou não temer o duelo, mas que não era aconselhável empregá-lo sem motivos razoáveis, tanto mais quando a nossa lei o considerava crime. Um apêto de mão dos dois bravos justadores encerrou o incidente.

Alberto I, rei dos belgas, visitou, oficialmente, o Brasil, em 1919. Depois de recepcionado, carinhosamente,

no Rio de Janeiro, veio a São Paulo conhecer a nossa capital e receber as homenagens da terra e da gente bandeirante. A Fôrça Pública tributou seu apreço ao real hóspede, com duas demonstrações — uma militar, no quartel da Luz, hoje do Batalhão “Tobias de Aguiar”, outra na Escola de Educação Física. Desta constava ginástica sueca, ginástica de solo, ginástica acrobática, ginástica de aparelhos e esgrima das três armas. Sua duração foi de uma hora e meia. Ao seu término, o soberano cumprimentou o comandante da Escola e diretor da demonstração pelo maravilhoso trabalho que lhe dera a sensação de estar na França, assistindo às exhibições notáveis das equipes da Escola de Joinville-le-Pont. Pediu, então, o Rei-soldado a repetição de todo o programa. E a demonstração foi bisada. Dirigiu-a e foi parte nos seus números de esgrima o cel. Manoel Esteves Gamoeda.

O I Campeonato Sul-americano de Esgrima foi realizado no Rio de Janeiro, em setembro de 1922, como parte das comemorações do centenário da nossa independência. Para preparar a equipe nacional, contratou o govêrno brasileiro o grande mestre d'armas francês, da Escola de Joinville, cap. Gauthier. Os esgrimistas selecionados eram todos cariocas, todos militares, do famoso e romântico núcleo da Praia Vermelha, entre os quais se destacavam os generais Fabrício, Valério Falcão, Osvaldo Rocha, Nilo Sucupira e outros. O prof. Andrés Gauthier, em meio aos treinamentos, veio a São Paulo observar os atiradores bandeirantes. Aqui, viu Gamoeda exibindo-se na prancha. Foi o suficiente para que pedisse sua convocação. O comandante da Escola

de Educação Física da Fôrça Pública integrou a representação nacional que bateu os uruguaiois e argentinos, êstes preparados na Magistral Militar, de Buenos Aires, dirigida por Eugênio Pini e Cândido Sansone, duas notabilidades da esgrima italiana, aquêlê portador do honroso título de vencedor de São Malato, na praça pública de Paris. Os nacionais venceram, brilhantemente, o campeonato. Mas Gamoeda foi mais longe; não perdeu um só assalto. Sua lâmina permaneceu inviolável. Sagrou-se campeão invicto.

No comando do cel. Manoel Esteves Gamoeda, os monitores da Escola de Educação Física — Bernardelli, Frederico, Ximenes, João dos Santos, Pereira e outros — espalharam-se pelos colégios, clubes e associações de São Paulo, levando a contribuição da Fôrça Pública ao desenvolvimento físico da gente bandeirante.

Em 1925, um grupo de esportistas de proa, entre os quais se alinhavam ao lado de outros de igual valor, Valim, Amadeu Saraiva, Cúfari, fundam a Federação Paulista de Esgrima, antecipando-se à iniciativa de Felipe de Oliveira, fundador da Metropolitana, no Rio de Janeiro. Êsse punhado de idealistas confere ao cel. Gamoeda o honroso título de Presidente de Honra da mentora da esgrima bandeirante. Bela homenagem de esportistas a um grande esportista.

Afastado do serviço ativo, a seu pedido, continuou o cel. Gamoeda suas atividades desportistas, como militante e como dirigente.

Nos últimos anos, não faltava a uma solenidade da nossa Escola de Edu-

cação Física. Tinha sempre satisfação de pisar na velha casa que comandara, onde sempre era recebido com as maiores honrarias. Nessas oportunidades, palestrava com os monitores remanescentes do seu tempo e narrava, para nós outros, episódios interessantes e passagens das atividades esportivas de um pretérito longínquo, dando-nos, assim, preciosos subsídios históricos. Outras vêzes, empunhava as lâminas e dava lição aos mestres. Aos 76 anos, com a espada em punho, mostrou a vários monitores que era adepto da definição de Nicola de Molière, segundo a qual esgrimir é dar sem nunca receber. E, com efeito, Gamoeda, com tantos janeiros, deu mais do que recebeu.

Recentemente, passou por São Paulo o jovem mestre Pessina, filho do luminar da Escola Italiana, Carlo Pessina. Exibiu-se na Escola de Educação Física, com outros ases da esgrima bandeirante e do nosso corpo docente. Gamoeda, convidado. Já estava, jovial, comunicativo, trocando idéias com o consagrado esgrimista peninsular, sôbre um assunto em que ainda era douto.

Desaparece aos 78 anos de idade, depois de uma existência intensa e bem vivida. Conservou até os últimos dias um aprumo e uma jovialidade que o esporte costuma dar aos que a êle se dedicam com fé e amor. O cel. Manoel Esteves Gamoeda, além de grande soldado, grande esportista, foi, também, excelente cidadão. Se lhe faltassem outros títulos — que aliás os possuía e muitos — bastariam êstes três para se afirmar, com justiça, que êste homem cumpriu bem a sua missão na vida.

A Fôrça Pública no

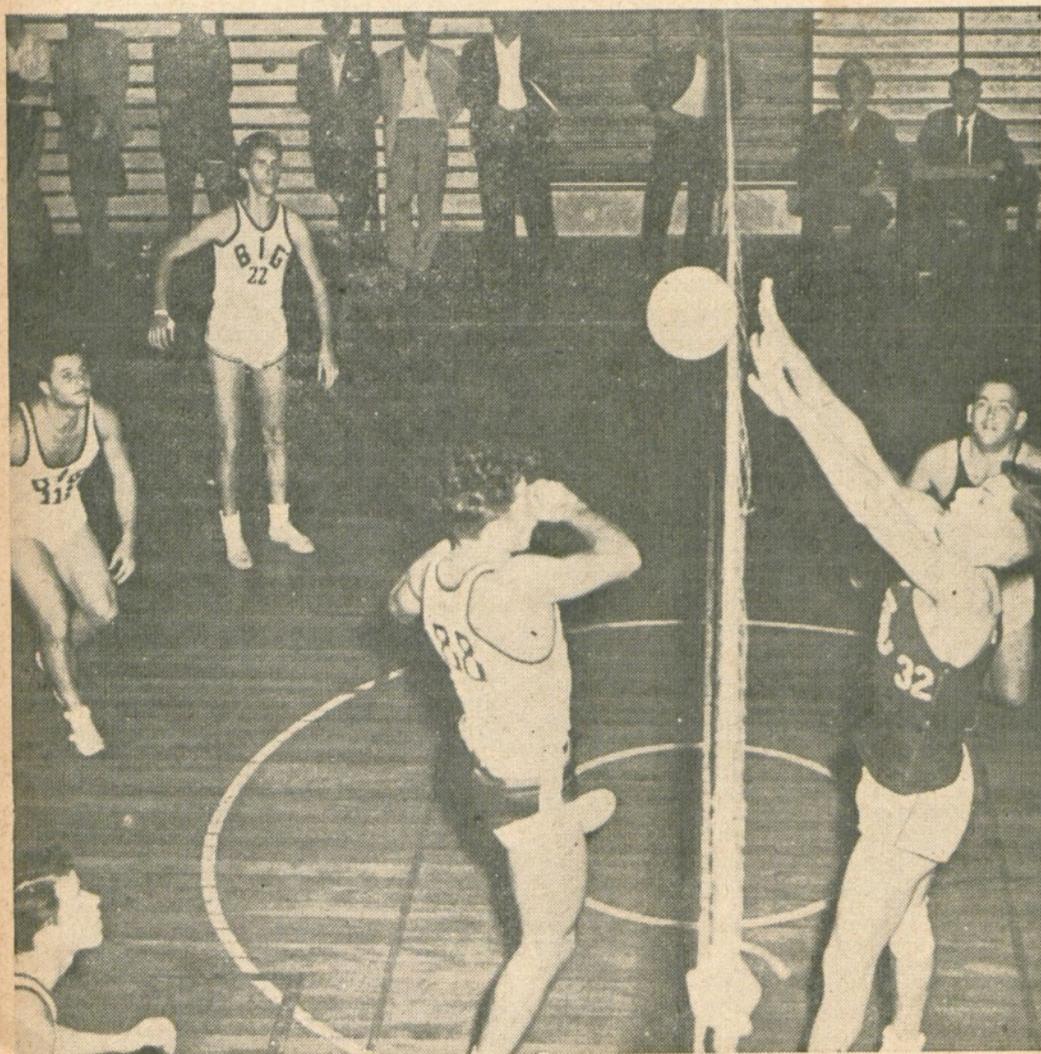
X Campeonato Popular de Voleibol

A Fôrça Pública de São Paulo emprestou inteiro apóio à realização do maior torneio voleibolístico da América do Sul, cedendo suas quadras do

Ginásio da Escola de Ed. Física e do Batalhão de Guardas, autorizando a diversos oficiais e sargentos a orientar e arbitrar jogos e ainda participando

Aspecto do encontro GRÊMIO
XV DE DEZEMBRO x "BIG SIX"

Gentileza de "A Gazeta"





Frangente do jogo "Grêmio XV de Dezembro" (Azul) turma "Benjamim Constant".

ativamente do campeonato com a inscrição de 5 equipes:

- Grêmio XV de Dezembro (turma branca - campeã de 1951);
- Grêmio XV de Dezembro (turma azul);
- Batalhão Policial;
- G.E.C.B. (Bombeiros), e
- Estrêla do Sul, da E.E.F.

O torneio de voleibol, patrocinado pela "A Gazeta Esportiva", já é tradicional em São Paulo.

A seleção dos participantes é feita pelo método de eliminatória simples, isto porque o número de inscrições é

bastante elevado, quase 130 equipes. Basta perder um jogo para ser alijado do campeonato.

As equipes da F.P. souberam conduzir-se à altura do seu preparo técnico, conseguindo manter-se até às últimas rodadas.

Merece menção especial a equipe do G.E.C.B., que conseguiu colocar-se brilhantemente no 3.º posto, perdendo só um jogo, para o E.C. Sírio, após uma partida disputadíssima.

É de salientar o valor da turma de Bombeiros, pois foi derrotada por 2 x 1 - (11 x 15 - 15 x 10 - 15 x 11) frente a uma turma fortíssima, pois o E.C. Sírio sagrou-se campeão de 1952.

EM VILA MATILDE

PROVA "CAPITÃO PEREIRA"



Vila Matilde fez realizar a II Prova Pedestre «Cap. Pereira». O populoso bairro de nossa Capital engalanou-se para levar a cabo, mais uma vez, a corrida que homenageia o cap. Manuel Pereira. Nosso companheiro merece realmente as demonstrações de apreço emanadas do povo de Vila Matilde, pois já conseguiu inúmeros melhoramentos e continua dedicando ao bairro seus momentos de folga, que também são disputados por «Militia», onde esse verdadeiro malabarista do tempo exerce, proficientemente, as funções

de tesoureiro, sem prejuízo das normais no Almojarifado Geral da F.P.

Os 4.800 metros de percurso foram palmilhados por 80 corredores inscritos, os quais, segundo notícia «O Matildense», concluíram a prova sem utilizar o caminhão do «prego».

A vitória coube ao popular corredor campineiro Luiz Corrêa Leite, (que se vê no clichê, ao lado do patrono da prova) com o tempo de 12 minutos e 40 segundos. A segunda colocação foi conquistada por Rafael Gusman, do E.C. Vila Marina.



(Gentileza de "A GAZETA")

A XVII "MAC-MED" no Regimento de Cavalaria

Já tradicionais são as competições esportivas que vêm realizando, todos os anos, os moços da Escola de Engenharia da Universidade Mackenzie, e da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

No dia 30 de setembro último, porém, em prosseguimento à terceira rodada das disputas da XVII "Mac-Med", é que se efetivou a primeira

feita equestre. E mais uma vez, em colaboração estreita com os jovens desportistas universitários, o nosso Regimento de Cavalaria abriu os seus portões e proporcionou, aos aficionados do hipismo, um espetáculo rico de emoções e de valor técnico apreciável.

No clichê, os participantes da primeira festa hípica da "Mac-Med".

Tenha sempre em casa

"MARGARINA SAUDE"

Agora muito mais gostosa . . .
em pacotes de 1/2 quilo, com 4
blocos de 125 gramas, vendidos
também separadamente!

PRODUTO DE:

ANDERSON, CLAYTON & CIA.

Limitada



PROVAS DE TIRO AO ALVO



A Federação Paulista de Tiro ao Alvo e a Força Pública do Estado, em feliz intercâmbio e colaboração, vêm dando ao fidalgo e útil esporte do tiro o realce que merece.

Ainda recentemente se realizaram, no estande do Tietê, nesta capital, o IV Campeonato Popular Estadual e I Congresso do Interior, com absoluto êxito.

Participaram dos certames delegações de Campinas, São José do Rio Preto, Mogi das Cruzes, Santos, Catanduva, São Paulo, Sorocaba, Bauru, Duque de Caxias e de outras cidades.

Deu especial destaque às provas, o comparecimento de representantes do

sexo feminino que, ao final, apresentaram sobejas provas de habilidade na execução dos tiros.

A equipe de Campinas, constituída pelos major Fausto Quirino Simões, tenente Nelson Simões Scheffer de Oliveira e dr. Paulo Ribeiro, sagrou-se campeã.

Almejando breves realizações de outros certames do mesmo gênero, "Militia" felicita os organizadores e participantes daqueles congressos de tiro.

O clichê apresenta um grupo de atiradores.

INICIATIVA DO CLUBE MILITAR

Curso de Preparatórios à

Faculdade de Direito

Além de oficiais, poderão inscrever-se
sargentos e praças

A Diretoria do Clube Militar, cumprindo uma das finalidades dos Estatutos, deliberou organizar um curso intensivo de preparatórios aos exames vestibulares da Faculdade de Direito, de forma a facilitar a matrícula do maior número possível de oficiais naquele estabelecimento de ensino superior e universitário.

Isto porque, para o desempenho da árdua missão que cabe à Força Pública, que, dia a dia, se torna mais complexa em face de novos aspectos que assume o policiamento do Estado no seu evoluir incessante e vertiginoso, constitue necessidade imprescindível, principalmente por parte dos seus oficiais, o conhecimento básico de diversos ramos do Direito.

Aliás, diversas matérias jurídicas já se incluem entre as disciplinas de vários cursos de nossa Corporação, porém, o intento mais elevado de propor-

cionar conhecimento de maior extensão e homogeneidade dessa ciência moveu a Diretoria a tomar esta decisão, contando com o incentivo do exmo. sr. cel. Euryale de Jesus Zerbini, d. comandante Geral.

Poderão inscrever-se no Curso Preparatório também sargentos e mais praças que preencham os requisitos exigíveis.

O Curso terá início ainda no corrente mês, sob a direção de competentes professores, devendo funcionar numa das dependências do Clube ou da Força Pública.

Os candidatos poderão inscrever-se, com urgência, na Secretaria do Clube, das 8 às 11 horas, diariamente, exceto às quartas-feiras e sábados, cujo horário é das 15 às 18 horas, ficando sujeitos ao pagamento de módicas taxas.

Maiores esclarecimentos serão dados, oportunamente, pela Secretaria.

—:—

Melhor é a sabedoria do que as pedras preciosas; e de tudo o que se deseja nada se pode comparar, a ela.

SALOMÃO



LOGOGRIFO

- 1 — Fui pescar e a maior luta - 6-1-2-7
 Encontrei na ribanceira, - 6-4-3-5
 Onde vestígios de truta, - 6-4-2-5
 Por fim, achei na barreira. - 2-4-6-7

Era difícil o local,
 Atoladiço, seu moço.
 Mas lá chegando afinal
 Fiz boa presa p'ro almôço.

Paulista Velho

ENIGMA

- 2 — Do bolo toma a primeira
 E dentro, como recheio,
 Do jerico põe o meio.
 Está pronto. E' pepineira.
 Se não fizeste bobagem,
 Tens um homem de coragem.

P. Q. Nino

CHARADA AUXILIAR

- 3 —to = Jogo de azar
to = Aprazível
to = Erudito
to = Maltrapilho

Conceito = PASSEIO PÚBLICO

C. Bento

CHARADA ANTIGA

- 4 — Quem te livra de perigo - 2
 Com cuidado e bizzarria? - 2
 Teu pai, teu melhor amigo,
 Teu protetor e teu guia.

P.Q.NINO

CHARADAS NOVISSIMAS

- 5 — Não me foi favorável a cobrança do
 imposto, em Ceilão. Tive prejuizo.
 1-2

Dr. sabenada

- 6 — Não é bom gôsto usar o antigo pêso
 indiano para pesar peixe - 1-1.

Silvoski

- 7 — Pedra de moinho, naquele lugar, não
 afia lâmina metálica. 1-1

Joca

- 8 — O vermelhão da banheira, não com-
 bina com a beleza da peça de pano.
 1-2

Lino

- 9 — Medida de verso não mede poesia
 e nem estuda as necessidades de um
 centro de civilização. 2-1-1

Josi

CHARADAS CASAIS

- 10 — O Juca foi no lôgro da plada espi-
 rituosa. - 2

Z.B.D.U.

- 11 — Religiosa de um cabido regular é
 pessoa que leva boa vida? - 3

C. Bento

- 12 — O chefe do motim refugiou-se no
 cume arredondado do monte. - 3

Lino

- 13 — Não é qualquer árvore que serve
 para confecção de trave. - 3

Alfeu

CHARADAS SINCOPADAS

- 14 — A moça salu na chuva sem cober-
 tura. 3-2

Lino

- 15 — O peixe marítimo devorou a mão
 esquerda do náufrago. 3-2

Josi



PLINIO D. MONTEIRO
S. PAULO - 1952.

Horizontais: —

- 1 - Mala pequena.
- 5 - Saír.
- 6 - Posto militar turcp.
- 8 - Verme na ferida dos animais.
- 10 - Guarda de matas (pl.)
- 13 - Armadilha.
- 14 - Um dos três anéis de Saturno.
- 15 - Terminação fem. de ão (pl.)
- 16 - Sol egípcio.
- 18 - Tesouro.

Verticais: —

- 1 - O que mata e esfolo rézes no matedouro.
- 2 - Medida itinerária chinesa.
- 3 - Sufixo que indica agente.
- 4 - Coberto de penhasco.
- 6 - Gostar.
- 7 - Tenebroso (fem.)
- 8 - Amigo falso
- 9 - Superfície de sustentação dos aviões.
- 11 - Interjeição.
- 12 - Filha do rei Inaco.
- 16 - Símbolo do radium.
- 17 - Semelhança.

SOLUÇÃO DO NÚMERO 29

1 - Agraz; 3 - Aimoré; 3 - Rodapé;
4 - Minuta; 5 - Granito - grato; 6 - Me-
lado - medo; 7 - Minuto - mito; 8 - Pa-
rola - pala; 9 - Miliciano; 10 - Casabe-
que; 11 - Açodado; 12 - Vira-bucho; 13 -
Pampa - o; 14 - Pantufo - a; 15 - Roto - a.

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:

Argos — Serão — Ornai — Rodal —
Orais.

Verticais:

Assopro — ré — granada — ao —
sociais — or — ai.

DECIFRADORES DO NÚMERO 29

P.Q.Nino, 10 pontos — P.Rego, 8
pontos — Z.B.D.U., 10 pontos — C.Ben-
to, 10 pontos — Joca, 6 pontos — Alfeu
10 pontos.

Resultado do Torneio dos números 28 e 29

P.Q.Nino, 21 pontos — Z.B.D.U, 20
pontos — Alfeu, 19 pontos — P.Rego,
18 pontos — C.Bento, 18 pontos — Joca,
16 pontos — Miguel Alves — Sergipe, 11
pontos.

1.º lugar — Venceu o torneio o de-
cifrador P.Q.Nino a quem pedimos com-
parecer à redação para receber o prêmio.

NOTICIÁRIO

A Esfinge

Recebemos o n.º 21, de A Esfinge,
órgão Oficial do Círculo Enigmático Pau-
listano, contendo variada colaboração cha-
radística.

Agradecemos.

"GRÊMIO EDÍPICO"

Foi fundado na cidade de Aracajú o
"Grêmio Edípico dos Charadistas de Ara-
cajú" cuja diretoria ficou assim consti-
tuída: —

Presidente - Rev. Rodolfo Fernandes
Secretário - Miguel Alves

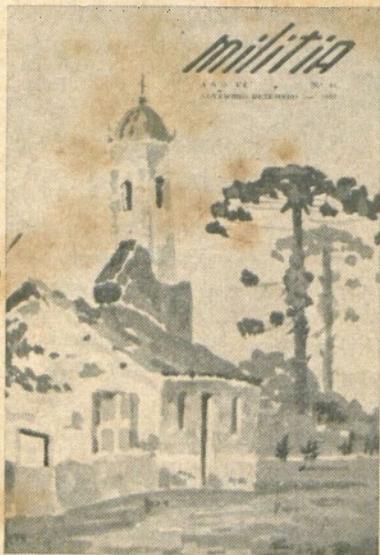
Tesoureiro - Dr. Josaphat Brandão
Endereço: — Rua de Cirirí, 1008.

Congratulações

Correspondência

Paulista Velho. Inscrito. Recebemos
trabalhos. Obrigados.

Aesse



NOSSA CAPA

"CAMPOS

DO

JORDÃO"

AQUARELA DE SCARPA

(Ver reportagem à página 74)